

ESCOLA DE APERFEIÇAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf LUCIANO DILL DE ALMEIDA CARDOSO

**O PREPARO DAS FRAÇÕES DA COMPANHIA DE FUZILEIROS PARA
OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS**

Rio de Janeiro

2019

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf LUCIANO DILL DE ALMEIDA CARDOSO

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Militares.

Orientador: Cel Eraldo Francisco Dos Santos Filho

Rio de Janeiro

2019

Cap Inf LUCIANO DILL DE ALMEIDA CARDOSO

**O PREPARO DAS FRAÇÕES DA COMPANHIA DE FUZILEIROS PARA
OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Ciências Militares.

Data de Aprovação:

Banca Examinadora:

Eraldo Francisco dos Santos Filho – Cel
Presidente

André Cezar Siqueira – Cel
1º membro

Alexandre Eduardo **Jansen** – Cel
2º membro

A meu pai, exemplo da minha vida, uma homenagem pelo incentivo a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Cel Inf Eraldo Francisco do Santos Filho, meus agradecimentos pelos conselhos sempre oportunos e críticas construtivas, em cooperação, para realização desta pesquisa.

Aos Cap Cheislac, Silvério, Santana, Diego Santos e Silva Pinto, que me atenderam prontamente na realização dos questionamentos.

Aos Cap Ávila, Gibran, Catanheide, Eduardo Santos, L. Miranda e Sampaio, que com suas experiências a frente de companhias de fuzileiros paraquedistas puderam engrandecer este trabalho.

Ao Cel Candian que prontamente atendeu a minha solicitação para realização da entrevista.

Ao Gen Div Barros, pela atenção e disponibilidade para responder meus questionamentos.

À minha esposa, Thais, pela compreensão e apoio constante nos momentos que mais precisei para realização da pesquisa.

Aos meus pais, Juliano e Elizete, pelo suporte em todas as oportunidades.

A todos os sargentos que responderam aos questionários que foram fundamentais para a realização da pesquisa

A Deus, por me conceder a saúde, o equilíbrio e a fé.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo avaliar se o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente suas frações (pelotão e grupo de combate) para o emprego em Operações Interagências. Tais operações estão inseridas no conceito de conflitos no amplo espectro e são realizadas com outras agências (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais) com a finalidade de ajustar interesses e coordenar esforços para atingir objetivos ou propósitos que atendam ao bem comum. As operações em ambiente interagências dão-se normalmente em áreas humanizadas, logo as “considerações civis” assumem a condição de fator preponderante para tomada de decisão em todos os níveis de planejamento e condução das operações, trazendo significativa mudança na atuação do combatente, com reflexos não só no armamento e equipamento empregados, mas também na natureza e no adestramento da tropa. A máxima descentralização possível das ações é uma característica de sucesso nas operações, tornando a necessidade de preparar a tropa para essa nova realidade. Assim, a pesquisa mostrará o conceito operativo dos exércitos norte-americano, britânico e colombiano, as operações interagências no Exército Brasileiro e o sistema de preparo no EB e no exército norte-americano. Para o desenvolvimento do trabalho, foram formuladas hipóteses com a finalidade de verificar se o Atual Programa-Padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (PP-CTTEP) capacita plenamente as frações da companhia de fuzileiros para o emprego em operações interagências. Na pesquisa de campo, foram entrevistados oficiais com experiência em operações interagências e foi realizado um questionário com sargentos que comandaram grupos de combate em operações no Rio de Janeiro. Ao final, chegou-se à conclusão de que o atual PP-CTTEP não prepara a companhia de fuzileiros para operações interagências, para corrigir esta lacuna foi elaborado e proposto um novo programa-padrão de instrução para a companhia de fuzileiros em operações interagências.

Palavras-Chave: Operações Interagências. Preparo. Emprego. Companhia de fuzileiros. PP-CTTEP.

ABSTRACT

This research aims to assess whether the current preparation of the infantry companies fully qualifies their fractions (platoon and infantry rifle squad) for employment in Interagency Operations. Such operations are embedded in the concept of multidomain operations and are carried out with other agencies (governmental or not, military or civil, public or private, national or international) in order to adjust interests and coordinate efforts to achieve objectives or purposes that meet to the common good. Operations in an interagency environment usually take place in humanized areas, so “civil considerations” assume the status of major decision-making factor at all levels of planning and conduct of operations, bringing significant change in combatant performance, with reflexes. not only in the weapons and equipment employed, but also in the nature and training of the troops. The maximum possible decentralization of actions is a feature of successful operations, making it necessary to prepare the troops for this new reality. Thus, the research will show the operative concept of the US, British and Colombian armies, the interagency operations in the Brazilian Army and the training system in the Brazilian Army and the US Army. For the development of the work, hypotheses were formulated in order to verify if the Current Standard Program of Instruction of Technical and Tactical Training of the Professional Staff (PP-CTTEP) fully capacitates the fractions of the infantry company for the use in interagency operations. In the field research, officers with experience in interagency operations were interviewed and a questionnaire was conducted with sergeants who commanded infantry rifle squad in operations in Rio de Janeiro. In the end, it was concluded that the current PP-CTTEP does not prepare the infantry company for interagency operations, to correct this gap a new standard instruction program for the infantry company in interagency operations was developed and proposed.

Keywords: Interagency Operations. Preparation. Deployment. Infantry company.

PP-CTTEP.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	- Definição operacional da variável independente.....	21
Quadro 2	- Definição operacional da variável dependente.....	21
Figura 1	- Estrutura organizacional da Cia Fuz.....	22
Quadro 3	- Tamanho amostral (n) em função do tamanho populacional (N)..	23
Quadro 4	- Relação entre apêndice e amostra.....	25
Figura 2	- Conceito operativo do Exército Brasileiro.....	28
Quadro 5	- Composição do Grupo de Combate.....	39
Figura 3	- Elementos necessários para obtenção do comportamento terminal.....	45
Figura 4	- Modelo de objetivo individual de instrução (OII).....	47
Figura 5	- Elementos Necessários para Obtenção do comportamento atitudinal.....	47
Figura 6	- Mantendo a capacidade com a banda de excelência.....	52
Quadro 6	- Qualificações no exército norte-americano.....	53
Figura 7	- Análise da missão quando priorizadas as capacidades a serem treinadas.....	54
Gráfico 1	- Participação na MINUSTAH como Cmt GC.....	59
Gráfico 2	- Autoavaliação do preparo do GC para a MINUSTAH.....	59
Gráfico 3	- Autoavaliação dos GC por militares que participaram da MINUSTAH	60
Tabela 1	- Opinião absoluta e percentual do total da amostra acerca do preparo para as operações interagências no Rio de Janeiro, a partir de 2011.....	61
Gráfico 4	- Autoavaliação dos GC por militares que participaram de operações interagências no Rio de Janeiro, a partir de 2011.....	61
Gráfico 5	- Participação em exercícios de defesa externa nos últimos 3 anos.....	62
Gráfico 6	- Atributos mais importantes para o Cmt C em operações interagências.....	63
Quadro 7	- Alterações no GC mais mencionadas na pesquisa.....	63
Quadro 8	- Militares que não informaram qual alteração realizaria.....	64
Quadro 9	- Militares que aumentariam o efetivo do GC.....	64
Quadro 10	- Militares que diminuiriam o efetivo do GC.....	64
Quadro 11	- Alterações na dotação de armamento em munição.....	65

Quadro 12	- Alterações nos equipamentos e viaturas.....	66
Quadro 13	- Alterações no colete balístico.....	67
Quadro 14	- Alterações no capacete balístico.....	68
Quadro 15	- Alterações nas viaturas.....	69
Quadro 16	- Alterações no equipamento rádio.....	70
Quadro 17	- Instruções que devem ser enfatizadas ou inseridas.....	70
Quadro 18	- Instruções de Combate em área edificada.....	72
Quadro 19	- Instruções de Noções de direito e amparo legal.....	72
Quadro 20	- Instruções de tiro.....	73
Quadro 21	- Instruções de regras de engajamento.....	74
Quadro 22	- Maiores dificuldades enfrentadas pelos GC.....	75
Quadro 23	- Dificuldades em manobra e planejamento.....	75
Quadro 24	- Dificuldades em logística.....	75
Quadro 25	- Dificuldades em comando e controle.....	76
Quadro 26	- Dificuldades no adestramento.....	77
Quadro 27	- Dificuldades em legislação.....	77
Quadro 28	- Assuntos mais importantes no preparo individual ou GC.....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APOP	Agente Perturbador da Ordem Pública
Bda Inf Pqdt	Brigada de Infantaria Pára-quadista
BI Pqdt	Batalhão de Infantaria Paraquadista
BI Mth	Batalhão de Infantaria de Montanha
Cb	Cabo
Cel	Coronel
Cia	Companhia
Cia C Ap	Companhia de Comando e Apoio
Cia Fuz	Companhia de Fuzileiros
Cmt Btl	Comandante de Batalhão
Cmt Cia Fuz	Comandante de Companhia de Fuzileiros
Cmt GC	Comandante de Grupo de Combate
Cmt SU	Comandante de Subunidade
COTER	Comando de Operações Terrestres
CTTEP	Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional
Def	Defensiva
EB	Exército Brasileiro
END	Estratégia Nacional de Defesa
EP	Efetivo Profissional
EV	Efetivo Variável
EsAO	Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
Esq	Esquadra
FT	Força-Tarefa
Fz	Fuzil
GC	Grupo de Combate
GLO	Garantia da Lei e a Ordem
Inf	Infantaria
MD	Ministério da Defesa

MET	<i>Mission-Essential Task</i>
METL	<i>Mission-Essential Task List</i>
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti
Of	Ofensiva
Of Gen	Oficial General
OM	Organização Militar
ONG	Organização não-governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
Op	Operação
PAA	Período de Adestramento Avançado
PAB/Pel	Período de Adestramento Básico dos Pelotões
Pel	Pelotão
Pel Fuz	Pelotão de Fuzileiros
PF	Polícia Federal
PP	Programa-padrão
PRF	Polícia Rodoviária Federal
Pst	Pistola
Sgt	Sargento
SISPRON	Sistema de Prontidão
SU	Subunidade
QDM	Quadro de Distribuição de Material
T&EO	<i>Training & Evaluation Outline</i>
Ton	Tonelada
TTP	Técnicas, Táticas e Procedimentos
UNIBAM	<i>United Nations Infantry Battalion Manual</i>
Vtr	Viatura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 PROBLEMA.....	17
1.1.1 Antecedentes do Problema	17
1.1.2 Formulação do Problema	18
1.2 OBJETIVOS.....	18
1.3 HIPÓTESES	19
1.4 JUSTIFICATIVAS.....	19
2 METODOLOGIA	21
2.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO	21
2.1.1 Definição conceitual das variáveis	22
2.1.2 Definição operacional das variáveis	22
2.1.3 Alcances e Limites	23
2.2 AMOSTRA	23
2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA	25
2.3.1 Procedimentos para revisão da literatura	26
2.3.1.1 Fontes de busca.....	26
2.3.1.2 Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicos	26
2.3.1.3 Critérios de Inclusão.....	26
2.3.1.4 Critérios de exclusão	26
2.3.2 Procedimentos Metodológicos	27
2.3.3 Instrumentos	27

2.3.3.1 Questionário.....	27
2.3.3.2 Entrevista.....	28
2.3.4 Análise dos Dados	28
3 REVISÃO DE LITERATURA	30
3.1 OS CONFLITOS NO AMPLO ESPECTRO	30
3.1.1 O conceito de conflitos no amplo espectro em nações amigas	32
3.2 O BATALHÃO DE INFANTARIA NAS OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS.....	37
3.3 A COMPANHIA DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS.....	39
3.4 O PELOTÃO DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS	40
3.5 A EVOLUÇÃO DO GRUPO DE COMBATE AO LONGO DO TEMPO.....	42
3.6 EMPREGO DAS PEQUENAS FRAÇÕES EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS	44
3.7 O PREPARO DA TROPA.....	47
3.7.1 O preparo da companhia de fuzileiros no Exército Brasileiro	47
3.7.2 O preparo do exército norte-americano	54
4 RESULTADOS	59
4.1 ANÁLISE DA REVISÃO DA LITERATURA	59
4.2 PERFIL PROFISSIONAL DA AMOSTRA.....	61
4.3 AUTOAVALIAÇÃO DO PREPARO DO GC PARA A MINUSTAH	62
4.4 AUTOAVALIAÇÃO DO PREPARO DOS GC PARA OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS.....	63
4.5 ADESTRAMENTO EM DEFESA EXTERNA	64
4.6 ATRIBUTOS DA ÁREA AFETIVA	65

4.7 ORGANIZAÇÃO DO GRUPO DE COMBATE EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS.....	66
4.8 DOTAÇÃO DO ARMAMENTO E MUNIÇÃO DO GC EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS.....	68
4.9 MATERIAIS E VIATURAS DOS GC EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS	69
4.10 PRINCIPAIS INSTRUÇÕES PARA OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS	73
4.11 DIFICULDADES EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS	77
4.12 VALOR DA TROPA EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS	81
4.13 ASSUNTOS DE INSTRUÇÃO.....	81
4.14 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	83
5 CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS DE ENTREVISTA COM OFICIAL GENERAL QUE TENHA PARTICIPADO DE OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS, NO PERÍODO DE 2011 A 2018.	97
APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS DE ENTREVISTA COM OFICIAL QUE TENHA PARTICIPADO DE OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS, COMO CMT BTL, NO PERÍODO DE 2011 A 2018.	99
APÊNDICE C - ROTEIRO DE PERGUNTAS DE ENTREVISTA COM OFICIAIS QUE TENHAM PARTICIPADO DE OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS, COMO CMT CIA FUZ, NO PERÍODO DE 2011 A 2018.	101
APÊNDICE D - ROTEIRO DE PERGUNTAS DE ENTREVISTA COM OFICIAL COM EXPERIÊNCIA EM OPERAÇÕES ESPECIAIS.....	104

APÊNDICE E - ROTEIRO DE PERGUNTAS DE ENTREVISTA COM OFICIAIS QUE PARTICIPARAM DE OPERAÇÕES COM DIVERSAS AGÊNCIAS. 106

APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO DESTINADO A LEVANTAR INFORMAÇÕES E DADOS RELATIVOS AO DESEMPENHO DE PEQUENAS FRAÇÕES EMPREGADAS, DESCENTRALIZAMENTE, EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS, NO PERÍODO DE 2011 A 2018. 107

APÊNDICE G – PROGRAMA-PADRÃO DE INSTRUÇÃO DA COMPANHIA DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS..... 113

1 INTRODUÇÃO

A Estratégia Nacional de Defesa (END) estabelece que as Forças Armadas (FFAA) devem manter-se em constante prontidão, por meio da preparação e capacitação de seus efetivos. O Exército Brasileiro (EB), por sua vez, deve estar atento à evolução dos conflitos do século XXI, visando atender o cumprimento de suas missões constitucionais.

Por conseguinte, a Doutrina Militar Terrestre deve adaptar-se as imposições dos novos desafios, tal como operar em cooperação e coordenação interagências, ações caracterizadas por ocorrerem, invariavelmente, em áreas urbanas com a presença da população civil.

Além disso, outros aspectos estão presentes neste novo ambiente operacional, quais sejam: o achatamento dos níveis decisórios, a presença da mídia instantânea, a influência da opinião pública, a valorização da questão humanitária, a presença de Organizações Não Governamentais (ONG), dentre outros.

O Exército busca obter eficácia e efetividade organizacional, com capacidades que lhe permitam realizar operações em Ampla Espectro – Conceito Operativo do Exército. Essas capacidades ampliam a gama de alternativas aos comandantes dos elementos da F Ter, possibilitando instrumentos adequados para o emprego oportuno, com poder de combate efetivo e proporcional às ameaças. Este requisito é o fundamental para a F Ter da Era do Conhecimento em um ambiente cada vez mais complexo e imprevisível, permeado por novos atores. (BRASIL, 2014)

Assim sendo, o EB deverá ter a capacidade de conduzir operações no Ampla Espectro, ou seja, ações que combinem atitudes ofensivas, defensivas, de pacificação, e de apoio aos órgãos governamentais e internacionais (em Garantia da Lei e da Ordem e na assistência humanitária, por exemplo), de forma simultânea ou sucessiva (BRASIL, 2017).

Como essas ações, frequentemente, ocorrem em ambientes urbanos, um erro tático cometido por um integrante da tropa, normalmente, tem repercussão imediata no contexto estratégico do ambiente operacional e, principalmente, na opinião pública nacional (PAIXÃO JUNIOR, 2013).

Segundo a Estratégia Nacional de Defesa:

[...] cada combatente deve ser treinado para abordar o combate de modo a atenuar as formas rígidas e tradicionais de comando e controle, em prol da flexibilidade, da adaptabilidade, da audácia e da surpresa no campo de batalha. Esse combatente será, ao mesmo tempo, um comandado que sabe obedecer, exercer a iniciativa, na ausência de ordens específicas, e orientar-se em meio às incertezas e aos sobressaltos do combate – e uma fonte de iniciativas – capaz de adaptar suas ordens à realidade da situação mutável em que se encontra. (BRASIL, 2012, p. 56)

1.1 PROBLEMA

1.1.1 Antecedentes do Problema

O atual Programa-Padrão de Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP) não contempla instruções voltadas para as frações da companhia de fuzileiros atuarem em operações interagências. Essa característica dificultou o preparo da tropa para o emprego nas operações interagências, ocorridas nas últimas duas décadas.

Quando do emprego da Força Terrestre em operações interagências, na Força de Paz no Haiti, houve a necessidade de realizar preparação específica com base em manuais da Organização das Nações Unidas (ONU), antecedendo o início das atividades.

Em nosso território, o emprego do EB em operações interagências cresceu de maneira exponencial, a partir do final de 2010. Com efeito, realizou-se, no Rio de Janeiro, as seguintes operações: Força de Pacificação no complexo da Penha-Alemão (2010-2012); Jornada Mundial da Juventude (2013); Força de Pacificação do Complexo da Maré (2014-2015); Copa do Mundo (2014); Jogos Olímpicos (2016); e Intervenção Federal no Rio de Janeiro (2018).

Dessa forma, no treinamento para as operações retromencionadas houve a necessidade da Força Terrestre, ainda sem documentação específica, recorrer a um preparo individual e coletivo baseado na experiência adquirida pelo EB na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH). Fato este que demonstra a urgência em alterar o Programa-Padrão da CTTEP.

1.1.2 Formulação do Problema

Assim, diante da atual conjuntura, evidencia-se a necessidade do efetivo treinamento das pequenas frações para atuarem isoladamente em operações interagências, de forma que seus chefes consigam liderá-las como comandantes da cena e atuem com a indispensável iniciativa independentemente de ordens superiores.

Desse modo, a fim de verificar o preparo das companhias de fuzileiros, para o emprego em operações no amplo espectro em Apoio a Órgãos Governamentais, foi formulado o seguinte problema: o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente as suas frações para o emprego descentralizado em operações interagências?

1.2 OBJETIVOS

Conforme o problema exposto, esta pesquisa pretendeu avaliar se o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente suas frações, ou seja os pelotões (Pel) e os grupos de combate (GC), para o emprego descentralizado em operações interagências, sendo este o objetivo geral desta investigação.

No intuito de viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram definidos os objetivos específicos, adiante relacionados, que permitiu o encadeamento lógico do raciocínio descritivo desta pesquisa:

- a. apresentar as características das operações no amplo espectro dos conflitos;
- b. apresentar os conceitos operativos nos exércitos dos Estados Unidos da América, Reino Unido e Colômbia e como é o preparo de suas tropas para operações;
- c. apresentar as características das operações interagências;
- d. identificar as principais missões realizadas por companhias de fuzileiros em ambiente interagências, a partir 2011, no Rio de Janeiro;
- e. estudar a companhia de fuzileiros, pelotão de fuzileiros e grupo de combate em operações interagências.

f. verificar se o Programa-Padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP) utilizado pelas subunidades de infantaria e suas frações atende ao conceito operativo do Exército;

g. verificar se a atual organização do grupo de combate é adequada para as operações interagências;

h. verificar se a dotação dos armamentos e munições do grupo de combate são adequadas para as operações interagências.

i. verificar se os equipamentos e viaturas do grupo de combate são adequados para as operações interagências;

j. propor um projeto de Programa-Padrão de Instrução da companhia de fuzileiros em operações interagências em substituição ao atual Programa-Padrão de Instrução da CTTEP.

1.3 HIPÓTESES

A hipótese de estudo é uma solução sugerida. Segundo Neves e Domingues (2007, p. 49), ela tem por finalidade verificar a relação entre variáveis no processo para solução do problema apresentado no trabalho. A hipótese nula (H_0) é aquela usada para verificar a aceitação ou negação da hipótese.

Diante do problema apresentado pela presente pesquisa, foi formulada a hipótese de estudo (H_1): o preparo das companhias de fuzileiros por meio do atual Programa-Padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP) não capacita plenamente os GC para o emprego descentralizado em operações interagências.

Como hipótese nula (H_0), considerou-se a seguinte: o preparo realizado pelas companhias de fuzileiros por meio do atual Programa-Padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP) capacita plenamente os GC para o emprego descentralizado em operações interagências.

1.4 JUSTIFICATIVAS

A presente pesquisa justificou-se, pois é do interesse do Exército Brasileiro promover estudos que visem aperfeiçoar a capacidade da Força Terrestre (FT) para atuar segundo o conceito das Operações no Amplo Espectro, concepção que tem demonstrado a importância de se ter comandantes de pequenas frações com competência para a tomada de decisões, no curso das operações.

Além disso, deve-se considerar o fato de que a solução dos conflitos entre as nações, no século XXI, não serão definidos, apenas, por suas expressões militares. Somando-se ao potencial bélico, os países deverão estar em condições de empregar outros recursos, igualmente, importantes para defender suas convicções.

Assim sendo, este trabalho analisou o desempenho das pequenas frações de infantaria, concluindo sobre as formas de torná-las mais aptas a atuar frente aos novos desafios, que exigem comandantes com a capacidade de operar em uma mesma jornada, ora na forma ofensiva, logo em seguida defensivamente e mais adiante, executando uma ação humanitária.

Esse trabalho levantou aspectos que visem aperfeiçoar o desempenho dos comandantes das pequenas frações de infantaria, de forma que esses militares possam combater descentralizadamente e de acordo com as exigências e peculiaridades das operações em ambiente interagências.

O resultado da investigação serviu para propor um novo programa-padrão, visando atender as necessidades da atual conjuntura e com isso tornar as companhias de fuzileiros capazes de enfrentar as dificuldades vigentes.

Assim sendo, foram diretamente beneficiados os profissionais comandantes das frações elementares de infantaria, com reflexos em todos os escalões já que foi verificado, anteriormente, que muitas vezes os resultados estratégicos dependem de decisões tomadas por líderes de pequenas frações (STRINGER, 2011).

Esta averiguação elencou, ainda, os principais procedimentos operacionais a serem adotados pelos comandantes em todos os níveis, no âmbito das companhias de fuzileiros, frente as mais diversas situações, de maneira a torná-los líderes eficientes e em condições de responder com atitudes versáteis e acertadas, sem comprometer as operações nos níveis acima.

2 METODOLOGIA

Esta seção tem por finalidade apresentar o caminho que se percorreu para solucionar o problema da pesquisa, especificando os procedimentos necessários para se obter as informações de interesse e analisá-las.

Assim sendo, foram contemplados: a fase de exploração de campo, a escolha do espaço da pesquisa, a seleção do grupo de pesquisa, o estabelecimento dos critérios de amostragem e a construção de estratégias para entrada em campo, como também, a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados.

Desta forma, para um melhor encadeamento de ideias, esta seção foi dividida nos seguintes tópicos: Objeto Formal de Estudo, Amostra, e Delineamento de Pesquisa.

2.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

Este trabalho averiguou se o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente suas frações para o emprego descentralizado em operações interagências. Por conseguinte, foi ambientado no preparo dos pelotões e grupos de combate em operações interagências ocorridas no Rio de Janeiro, a partir de 2011.

Para isso, esta investigação esteve condicionada não apenas à pesquisa bibliográfica, como também, à participação voluntária de militares, nos instrumentos de pesquisa. Dessa forma, o conhecimento e a experiência profissional desses combatentes foram utilizados para auxiliar à formulação dos resultados.

A partir da análise das variáveis envolvidas no projeto, **“o preparo da companhia de fuzileiros”** apresenta-se como a variável independente, pois sua manipulação causa alguma modificação na variável dependente **“o emprego das frações da subunidade (SU) em operações interagências”**.

Devido às características qualitativas das variáveis de estudo, fez-se necessário defini-las conceitual e operacionalmente, a fim de torná-las passíveis de observação e de mensuração.

2.1.1 Definição conceitual das variáveis

Variável I: “o preparo das companhias de fuzileiros”

No presente estudo, a “variável I” é definida pela instrução preparatória anterior ao emprego, caracterizada pelo desenvolvimento de capacidades individuais do combatente de infantaria, antes do adestramento por frações constituídas. .

Variável II: “o emprego das frações da SU em operações interagências”

Da mesma forma, a “variável II” pode ser entendida como a oportunidade em que a unidade básica da infantaria, o grupo de combate (GC) ou o pelotão de fuzileiros (Pel Fuz), é designado para cumprir uma missão em ambiente interagências de forma isolada, ou seja, o comando enquadrante não está em condições de intervir caso seja necessário. Assim, o comandante do GC ou Pel Fuz é o militar responsável por todas as ações executadas por sua fração, independente de ordens superiores.

2.1.2 Definição operacional das variáveis

Variável independente	Dimensões	Indicadores	Forma de medição
O preparo da companhia de fuzileiros	Pessoal	Desenvolvimento da liderança militar	Perguntas 3, 4, 6, 8 e 13 do questionário
		Efetivo	
		Capacitação Técnica e Tática	
	Material e Equipamento	Dotação Atual e oportunidade de melhoria	Pergunta 10 do questionário
Armamento e Munição	Dotação Atual e oportunidade de melhoria	Pergunta 9 do questionário	

QUADRO 1 - Definição operacional de variável independente

Fonte: O autor

Variável dependente	Dimensões	Indicadores	Forma de medição
O emprego das frações da SU em operações interagências	Desempenho operacional da pequena fração	Poder de combate	Pergunta 8, 9 e 10 do questionário
		Cumprimento da Missão	Pergunta 1, 2, 5, 7, 11 e 12 do questionário

QUADRO 2 - Definição operacional de variável dependente

Fonte: O autor

2.1.3 Alcances e Limites

Esta pesquisa foi realizada a fim de corrigir falhas no preparo das frações de infantaria em operações interagências. Para isso, foram utilizados os fatores do planejamento baseado em capacidades obtidas por meio de sete fatores: doutrina, organização, adestramento, material, educação, pessoal e infraestrutura (DOAMEPI). Porém, o estudo ateve-se, apenas, aos fatores organização, adestramento e material.

Ademais, a pesquisa destina-se a orientar os comandantes de companhia de fuzileiros no preparo para operações interagências, respeitando as particularidades das operações, normalmente, realizadas em cada Comando Militar de Área. Dessa forma, obtendo as capacidades que lhes são peculiares.

2.2 AMOSTRA

A pesquisa utilizou como amostra um universo de oficiais e sargentos que servem ou serviram na Brigada de Infantaria Pára-quedista. Essa Grande Unidade foi escolhida por ser uma das brigadas que mais atuaram em operações interagências, a partir de 2011, na cidade do Rio de Janeiro.

Os oficiais foram aqueles, que participaram de operações interagências, no Rio de Janeiro, como comandante de companhia de fuzileiros (Cmt Cia Fuz), no período de 2011 a 2018. Os sargentos foram aqueles que desempenharam a função de comandantes de grupo de combate (Cmt GC), no mesmo espaço de tempo e na mesma área.

É importante salientar, que a natureza da tropa estudada, no caso, a paraquedista, não teve caráter obrigatório, foi escolhida apenas por conveniência do estudo, pois, organizações militares de outras naturezas, tais como infantaria motorizada, leve, de montanha etc. Também foram empregadas com grande êxito em operações interagências no Rio de Janeiro. .

Dessa maneira, o cálculo da população tomou como base a estrutura organizacional de uma companhia de fuzileiros. Tal subunidade é formada por 3 (três) pelotões de fuzileiros e 1 (um) pelotão de apoio, conforme figura adiante. Além disso,

em operações interagências, normalmente, o pelotão de apoio é convertido em pelotão de fuzileiros, passando a Cia Fuz a contar com 4 (quatro) pelotões.

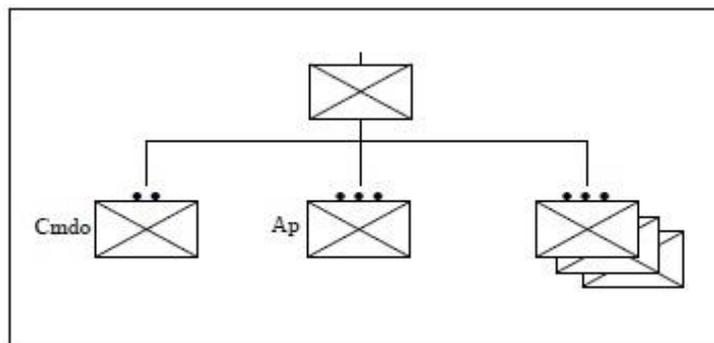


Figura 1 – Estrutura Organizacional da Cia Fuz
Fonte: BRASIL (2005, p. 1-3)

A Brigada de Infantaria Pára-quedista possui 3 (três) Batalhões de Infantaria em sua organização. Cada uma dessas OM possui 3 (três) Cia Fuz. No entanto, apenas 2 (duas) SU são mobiliadas por militares do Efetivo Profissional (EP), sendo a terceira SU, integrada por soldados do Efetivo Variável (EV).

As companhias responsáveis pela formação dos soldados EV, a princípio, não são empregadas nas operações interagências, devido à insuficiente formação dos seus homens para esse tipo de atividade. Desse modo, não foram aproveitadas para o estudo. Assim sendo, foi considerado o efetivo de 6 (seis) Cia Fuz para a realização desta pesquisa.

Nesse sentido, a metodologia empregada foi por meio da realização de entrevistas qualitativas e questionários. Para a aplicação das entrevistas, Apêndices A, B, C, D e E, foi selecionada uma amostra de 13 (treze) oficiais voluntários. Os questionários foram respondidos por 75 (setenta e cinco) sargentos (Sgt), perfazendo um total de 88 (oitenta e oito) militares.

Logo, foram entrevistados 1 (um) Of Gen, Cmt de Comando Operativo (valor Divisão de Exército), 1 (um) Of Cmt OM valor batalhão, 6 (seis) capitães Cmt Cia Fuz, 4 (cinco) oficiais que participaram de operações junto a diferentes agências e 1 (um) oficial com experiência em operações especiais.

Assim, os militares responderam as entrevistas, que foram gravadas e analisadas, buscando obter informações, dados e avaliações sobre o tema em investigação e dessa forma foram definidas as categorias empíricas presentes nos depoimentos.

No que diz respeito ao questionário, Apêndice F, foi selecionada uma população de 90 (noventa) sargentos que são, atualmente, ou que foram Cmt GC no período compreendido de 2011 até 2018. Além disso, com vista a despertar o interesse nos pesquisados, as perguntas do questionário foram dos tipos abertas, fechadas e mistas. Utilizando-se para isso o quadro, a seguir, com o tamanho amostral em função da população estudada.

Além disso, foi definido o período de 2011 a 2018, intervalo temporal que permitiu que mais militares participassem da investigação. Uma vez que, existiam oficiais e sargentos que já estavam ocupando cargos não operacionais, permanecendo, no entanto, qualificados a responder o questionário proposto.

| N |
|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| 10 | 10 | 80 | 66 | 350 | 183 | 4000 | 351 |
| 20 | 19 | 90 | 73 | 400 | 196 | 5000 | 357 |
| 30 | 28 | 100 | 80 | 450 | 207 | 6000 | 361 |
| 40 | 36 | 150 | 108 | 500 | 217 | 7000 | 364 |
| 50 | 44 | 200 | 131 | 1000 | 277 | 8000 | 367 |
| 60 | 52 | 250 | 152 | 2000 | 322 | 9000 | 368 |
| 70 | 59 | 300 | 169 | 3000 | 341 | 10000 | 370 |

Quadro 3 – Tamanho amostral (n) em função do tamanho populacional (N).
Fonte: Rodrigues (2006)

Com o propósito de identificar equívocos na formulação das perguntas, foi realizado um pré-teste com 12 (doze) sargentos do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha (11º BI Mth) que não estavam inseridos na população estudada, porém participaram de operações interagências no Rio de Janeiro no período de 2011 a 2018.

2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Quanto a natureza, a pesquisa foi do tipo aplicada, uma vez que o objetivo foi a produção de conhecimentos com a aplicação prática, dirigidos a solução de um problema real e específico.

O método de abordagem foi o indutivo, partindo-se dos dados particulares constatados para tentar formar uma verdade de aceitação geral. Quanto ao objetivo

geral, este tem uma forma descritiva, na intenção de aumentar o conhecimento sobre o tema por intermédio do estabelecimento da relação entre as variáveis da investigação.

2.3.1 Procedimentos para revisão da literatura

Durante a fase exploratória da pesquisa, foram consultados diferentes tipos de fontes de informação.

2.3.1.1 Fontes de busca

As principais fontes de busca foram manuais do Exército Brasileiro e Ministério da Defesa; artigos publicados em revistas nacionais e internacionais relacionadas a defesa; artigos científicos e trabalhos acadêmicos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; e artigos científicos internacionais.

2.3.1.2 Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicos

Na busca eletrônica, foram pesquisados diversos termos, tais como: operações interagências, guerra em três blocos, cabo estratégico, garantia da lei e da ordem. As fontes encontradas foram verificadas quanto a credibilidade, segundo os critérios de inclusão e exclusão, abaixo especificados.

2.3.1.3 Critérios de Inclusão

Os critérios de inclusão foram fontes publicadas em português, inglês e espanhol; estudos publicados a partir de 1999 até 2019; revistas e documentos que verssem sobre operações interagências e preparo de frações de infantaria.

2.3.1.4 Critérios de exclusão

Os critérios de exclusão foram estudos com pesquisa pouco definida; fontes da internet oriundas de sítios não confiáveis, manuais, documentos e normas que não estão mais em vigor.

2.3.2 Procedimentos Metodológicos

Para realização das entrevistas, foram estruturados 5 roteiros para os grupos A (Cmt Comando Operativo), B (Cmt OM), C (Cmt Cia Fuz), D (oficial com experiência em operação especiais) e E (oficiais que tenham participado de operações com diferentes agências) com intuito de orientar o desenvolvimento da pesquisa sem impedir o aproveitamento das respostas dos entrevistados, dadas a outras perguntas.

No que diz respeito ao questionário, ele foi elaborado para examinar os pesquisados do grupo F constituído por sargentos, que tenham desempenhado a função de Cmt GC em operações interagências no Rio de Janeiro, a partir de 2011.

2.3.3 Instrumentos

Para instrumentos de pesquisa, além da bibliografia documental, foi utilizado na fase exploratória o fichamento de registros, resumos e citações, que serviram de matéria-prima para a investigação.

2.3.3.1 Questionário

O questionário foi direcionado para os sargentos que foram comandantes de GC em operações interagências, no Rio de Janeiro, a partir de 2011. Com isso, foi possível realizar a análise quantitativa e qualitativas das variáveis. Dessa forma, foi possível mensurar e chegar às conclusões no final da pesquisa.

Os dados foram reunidos, categorizados e analisados. De forma que, pudessem chegar a resultados tangíveis, possibilitando verificar as possibilidades e limitações no preparo e as principais deficiências no emprego das frações da companhia de

fuzileiros em operações interagências. Por fim, o questionário ajudou a propor mudanças no preparo das frações.

2.3.3.2 Entrevista

No que diz respeito às entrevistas (Apêndices A, B, C, D e E) e ao questionário (Apêndice F), como ferramentas de coleta de dados, a fim de explorar a experiência dos pesquisados, foram realizadas perguntas de modo que as suas respostas atendessem aos objetivos específicos do estudo, conforme o quadro adiante:

APÊNDICE	AMOSTRA
A	Oficial Gen Cmt Comando Operativo
B	Oficial Cmt OM valor batalhão
C	Oficiais que desempenharam a função de Cmt Cia Fuz
D	Oficial com experiência em operações especiais
E	Oficiais com experiência em operações com diferentes agências
F	Praças que desempenharam a função de Cmt GC

Quadro 4 – Relação entre apêndice e amostra

Fonte: O Autor

A realização das entrevistas e questionários tiveram como objetivo levantar informações e indicar ideias força para contribuir com os indicadores e a elaboração das conclusões deste trabalho.

2.3.4 Análise dos Dados

Esta investigação reuniu dados oriundos de diversas fontes de pesquisa. As observações levantadas na revisão da literatura foram juntadas as informações extraídas das entrevistas e do questionário.

Nesse contexto, por se tratar de uma pesquisa qualitativa foram utilizados os dados subjetivos dos entrevistados, por intermédio da análise do conteúdo dos depoimentos coletados.

As respostas dos questionários foram tratadas de forma estatística por serem em sua maioria de caráter objetivo, passíveis de tabulação e, posteriormente, transformadas em gráficos.

A análise de dados teve como finalidade indicar um caminho adequado que permitiu chegar a uma solução, para o problema levantado.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Nos últimos anos, o Exército Brasileiro foi empregado de forma muito relevante em operações em território nacional e estrangeiro, gerando inúmeras experiências que podem ser exaustivamente estudadas.

A revisão da literatura deste projeto de pesquisa foi realizada, buscando analisar o arcabouço teórico disponível, que pudesse levar a discussão a respeito do assunto.

Assim sendo, com a finalidade de avaliar se o preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente suas frações para o emprego em operações interagências serão abordadas as bases teóricas mais significativas para o presente trabalho.

Esta seção será dividida nos seguintes tópicos: os conflitos no amplo espectro, o batalhão de infantaria nas operações interagências, a companhia de fuzileiros nas operações interagências, o pelotão de fuzileiros nas operações interagências, a evolução do grupo de combate ao longo do tempo, o emprego das pequenas frações em operações interagências, o preparo da tropa.

3.1 OS CONFLITOS NO AMPLO ESPECTRO

Os interesses difusos nos campos político, econômico e social, ao longo deste século, têm suscitado o surgimento de antagonismos regionais e locais. Conforme, o Manual de Operações EB70-MC-10.223 (2017), essa situação vem alterando, gradativamente, as relações de poder e provocando o surgimento de novas concepções e conceitos para as operações militares.

Assim sendo, a atual configuração geopolítica internacional ocasiona a inserção de novos atores (estatais e não estatais) no contexto dos conflitos, aumentando a importância dos aspectos não militares para solução desses problemas, levando à necessidade do desenvolvimento de novas competências em combate.

Além disso, o Manual de Operações, aborda, ainda, que, atualmente, a expressão militar não é, por si só, capaz de restaurar ou manter a paz. No entanto, é responsável por proporcionar um ambiente seguro para que as demais expressões do

Poder Nacional (política, econômica, psicossocial e científico-tecnológica) possam ser aplicadas.

Como resultado, faz-se necessário a integração das forças militares com os vetores civis. Entretanto, mesmo diante destes novos conceitos “ressalta-se que o combate de alta intensidade e a guerra convencional mantêm seus papéis predominantes.” (BRASIL, 2017).

Assim sendo, conforme as informações apresentadas, tem-se o conceito operativo do Exército:

O conceito operativo do Exército é definido pela forma de atuação da Força Terrestre no amplo espectro dos conflitos, tendo como premissa maior a combinação, simultânea ou sucessiva, de operações ofensivas, defensivas e de cooperação e coordenação com agências, ocorrendo em situação de guerra e de não guerra. A situação determinará a preponderância de uma operação sobre outras. O conceito é abrangente e busca orientar as operações terrestres de curto e médio prazo. Caracteriza-se ainda pela flexibilidade, isto é, pode ser aplicado a qualquer situação no território nacional e/ou no exterior. (BRASIL, 2017)



Figura Nr 2 – Conceito Operativo do Exército Brasileiro
Fonte: BRASIL (2017, p. 2-17)

A Figura Nr 2 mostra como são conduzidas as operações no amplo espectro dos conflitos. Assim, verifica-se que, em três das quatro situações apresentadas as operações de cooperação e coordenação interagências ocorrem, juntamente com as operações de combate, com maior ou menor grau de importância, denotando a relevância do aspecto relativo à flexibilidade das ações em combate.

3.1.1 O conceito de conflitos no amplo espectro em nações amigas

Com o propósito de ampliar esta investigação, faz-se necessário estudar o que é desenvolvido em outros países, considerando a concepção doutrinária das operações no amplo espectro. Para isso, verificar-se-á, adiante, o que preceitua a literatura dos exércitos norte-americano, colombiano e britânico, sobre o tema.

O conceito de operações no amplo espectro foi introduzido no exército dos Estados Unidos da América (EUA) como elemento fundamental da doutrina em 2001, com a edição do Nr 134 do primeiro manual FM 3-0, em substituição à série FM 100-5, ressalta CORREA (2012).

O conceito evoluiu ao longo do tempo, conforme as demandas de combate norte-americanas. Assim sendo, o manual de Operações (FM 3-0) do Exército dos Estados Unidos da América (*US Army*) define operações no amplo espectro como *Unified Land Operations* (Operações Terrestres Unificadas), tendo em vista as experiências e lições aprendidas em combate ao longo dos últimos anos.

Dessa maneira, o conceito operacional do *US Army* estabelece alguns princípios, no que diz respeito as operações no amplo espectro dos conflitos, quais sejam:

- **Ação Decisiva**, é o coração do conceito operacional de um exército. Ela deve ser contínua, combinando simultaneamente tarefas ofensivas, defensivas, de estabilidades ou apoio defensivo a autoridades civis. A ação decisiva define a direção a ser adotada em toda a operação, assim os comandantes conseguem definir o emprego dos recursos apropriadamente durante as mudanças de situações ou condições, no curso das operações.

- **Aproveitar, manter e explorar a iniciativa**, forçando o inimigo a responder a uma ação “amistosa”. Manter a iniciativa faz com que o comandante inimigo abandone suas principais opções e cometa erros. Os erros cometidos geram “avenidas” para exploração da iniciativa. Os comandantes conseguem aproveitar a iniciativa apenas agindo. Sem ação é impossível haver aproveitamento da iniciativa.

- **Posições de vantagem relativa** é uma localização ou o estabelecimento de uma posição favorável na área de operações que dê ao comandante temporária liberdade de ação para ter poder de combate sobre um inimigo ou influenciar o inimigo

a aceitar riscos e mover-se para uma posição desvantajosa. O aspecto chave é a manobra empregando a combinação de fogo e movimento.

- **Comando de missão** é o exercício da autoridade e direção determinada pelo comandante utilizando as ordens das missões para estabelecer disciplina consciente dentro da intenção do comandante de capacitar os subordinados na condução das operações. Este é o princípio que capacita o comandante na arte de comandar e equilíbrio enquanto integra as funções de combate nas operações.

- **Arte operacional** é o emprego, pelos comandantes, da melhor tática para o propósito estratégico. As habilidades, os conhecimentos, as experiências, a criatividade e o julgamento são alguns atributos cognitivos por intermédio dos quais os comandantes conseguem desenvolver estratégias e campanhas para que se decidam os métodos, fins e os meios no planejamento das operações.

- **Meios para derrotar e estabilizar** é a consideração realizada pelos comandantes de como derrotar e estabilizar o inimigo. Os meios para derrotar se dão por intermédio de ações ofensivas e defensivas, e os meios para estabilizar são realizados por tarefas de estabilização, que fixam e mantêm a segurança com a finalidade de consolidar os ganhos.

Segundo o FM 3-0, o exército americano deve ser capaz de desdobrar-se rapidamente, combater assim que chegar no teatro de operações e conduzir extensas campanhas, sendo parte de uma força conjunta e multinacional.

Desse modo, para se alcançar a operacionalidade é necessário que se tenha capacidade de projeção de poder, logística e proteção. Assim, os soldados americanos devem estar preparados psicologicamente para serem empregados em local incerto, sem recursos e com risco de vida.

Por conseguinte, a capacidade para projeção de poder torna-se preponderante para o sucesso das operações. Ela é uma corrida entre as forças amigas e as inimigas, e quem chegar primeiro detém a iniciativa das ações. Contudo, não é a velocidade individual ou de transporte que dão a iniciativa, e sim, a destreza para desdobrar-se na área de operações antes do inimigo estar preparado para agir.

Projeção de poder envolve cinco processos: mobilização, desdobramento, emprego, logística e reversão. Estes processos ocorrem continuamente, sobrepostos, repetidamente, sequencialmente durante a operação. Operações de projeção de poder são inerentemente conjuntas. Elas necessitam de detalhado planejamento e sincronização. [...] (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2017, p. 1-25, tradução nossa)

Da mesma forma, a logística americana deve ser capaz de desdobrar e manter o poder de combate em qualquer lugar do globo. A permanência da tropa em combate se dá por planejamento antecipado e o uso efetivo dos recursos disponíveis. Logo, a logística faz um momento transitório, parecer permanente.

Do mesmo modo, a proteção contribui para a operacionalidade. Os comandantes devem estudar as ações do inimigo e outros fatores que podem influenciar nas operações. Eles devem determinar as capacidades de proteção para manter a tropa operativa, estando atentos a fadiga do pessoal e ao tempo em operação. A tropa não pode cumprir suas missões estando esgotada.

Ademais, FM 3-0 salienta a importância do treinamento para preparar os homens para as operações. A preparação deve ser rigorosa e realista de forma que os militares treinem em situações piores das que são esperadas em combate. Caso o treinamento seja influenciado por falta de recursos e tempo, os comandantes devem priorizar a máxima repetição até atingir aquela capacidade, seja no treinamento individual ou coletivo.

Outrossim, o preparo deve ser feito de forma contínua, pois não há tempo suficiente para se ter a prontidão necessária para enfrentar o inimigo, quando as hostilidades começarem. Nos Estados Unidos, o treinamento é na própria sede do quartel e em exercícios no *Combat Training Center* (CTC). Assim, preparam-se para ameaças que sejam superiores ou que estejam em posição de relativa vantagem.

O exército colombiano, em 2017, publicou o novo manual de operações colombiano (MFE 3-0), este incluiu o conceito operacional de “*operaciones terrestres unificadas*” que é definido por:

ser a doutrina de combate do Exército Nacional, baseada na ideia central de que suas unidades executem tarefas ofensivas, defensivas, de estabilidade ou apoio da defesa a autoridade e civil e executada simultaneamente para capturar, reter e explorar a iniciativa e consolidar ganhos para prevenir o conflito, definir o ambiente operacional e vencer na guerra como parte da ação unificada (COLÔMBIA, 2017, p. 72, tradução nossa).

Nesse contexto, as operações terrestres unificadas devem ser executadas por ação decisiva, mediante emprego das competências distintas do exército colombiano (manobra de armas combinadas, segurança de grandes áreas e operações especiais) e guiadas pelo comando de missão.

A ação decisiva é a combinação de contínua e simultânea de tarefas ofensivas, defensivas e de estabilidade ou apoio a defesa a autoridade civil. Nas operações terrestres unificadas, os comandantes buscam, capturar, reter e explorar a iniciativa enquanto sincronizam ações para ter os melhores efeitos possíveis. As operações dentro e fora do país combinam simultaneamente três elementos: ofensivas, defensivas e estabilidade, e quando se opera dentro do território nacional, se incluem as tarefas de apoio a defesa da autoridade civil, quando necessário (COLÔMBIA, 2017, p.7, tradução nossa).

Por conseguinte, as competências distintas do exército colombiano proporcionam os meios e a aplicação do poder de combate necessário a execução das tarefas táticas realizadas nas operações. São elas: a manobra de armas combinadas, segurança de grandes áreas e operações especiais.

A manobra de armas combinadas é a aplicação dos elementos do poder de combate em ação unificada para derrotar as forças terrestres inimigas; capturar, ocupar e defender o terreno; e obter vantagens físicas, temporárias e psicológicas sobre o inimigo para capturar e explorar a iniciativa. [...]

A segurança de grandes áreas é a aplicação do poder de combate, em ação unificada, para proteger a população, nossas forças, os alvos críticos e atividades em áreas para negar posição vantajosa ao inimigo e consolidar os êxitos com a finalidade de manter a iniciativa.

As operações especiais são ações militares conduzidas por unidades especialmente organizadas, treinadas, equipadas e certificadas; com alta mobilidade e flexibilidade em lugares hostis; não conhecidos e politicamente sensíveis para alcançar objetivos militares de repercussões estratégicas. [...] (COLÔMBIA, 2017, p. 30, tradução nossa)

Do mesmo modo, as operações terrestres unificadas têm o comando de missão como fator preponderante para o sucesso. Ela está relacionada com a filosofia de comando do exército colombiano que guiam os comandantes.

[...] uma filosofia de comando que tenha ênfase nas ordens de missão, com a finalidade de ampliar a iniciativa, dentro da intenção do comandante de líderes que possam antecipar-se rapidamente as mudanças das condições.

Este conceito faz ênfase no subordinado e aprofunda suas capacidades, destrezas e valores. Impulsiona o líder a fortalecer suas qualidades em situações difíceis, terá que tomar decisões sem que qualquer superior lhe indique diretamente o que tem que fazer para cumprir a missão, mediante suas capacidades, iniciativa e intuição, embora conhecendo a intenção do comandante. (COLÔMBIA, 2017, p. 34, tradução nossa)

Ademais, conforme o manual de operações, FME 3-0, o treinamento efetivo é fundamental para o êxito nas operações. O treinamento deve ser contínuo nas

unidades, a fim de sustentar as habilidades e adaptar-se as mudanças de ambientes operacionais.

[...] Mediante o treinamento e o desenvolvimento de líderes, soldados, comandantes e unidades conseguem a competência tática e técnica que cria confiança e permite operações exitosas durante o desenrolar do conflito. [...] O treinamento focado prepara os soldados, líderes e unidades para desdobrar-se, lutar e vencer; este mesmo treinamento prepara os soldados para criar ambientes estáveis. (COLÔMBIA, 2017, p. 26, tradução nossa)

O exército do Reino Unido publicou um novo manual de Operações Terrestres (*Land Operations*), em 2017. Em sua introdução, o texto menciona que a atual conjuntura internacional é dinâmica e complexa, sendo muito mais difícil distinguir entre o que é guerra e o que é paz.

Com efeito, não existe mais uma fronteira distinta entre o estrangeiro e o próprio território. Em síntese, para os britânicos o sucesso das operações não depende somente das conquistas militares.

[...] O sucesso é mais provavelmente alcançado por meio de ações não-militares e não-letais, e invariavelmente este discurso da narrativa que é decisivo e não necessariamente as ações realizadas em campo. O campo de batalha está cada vez mais descentralizado com um prêmio colocado para o nível mais baixo de liderança e sua compreensão no contexto estratégico [...] (REINO UNIDO, p. 2, 2017, tradução nossa).

O manual, anteriormente, mencionado manteve os dois princípios de conceito operacional, mais importantes para os britânicos, quais sejam: Movimento e Manobra; e Comando de missão. O princípio Ação integrada foi acrescentado para adequar-se à mudança nos cenários dos recentes conflitos armados ocorridos ao redor do mundo.

Para o REINO UNIDO (2017), a ação integrada é a aplicação total dos meios letais e não letais para mudar e manter a compreensão e o comportamento da população na busca de um resultado bem sucedido. Dessa maneira, o Exército Britânico considera que as ações integradas são conectadas com o restante do mundo por meio de operações combinadas, interagências, governamentais, não-governamentais, setores privados e atores multinacionais.

As principais considerações da ação integrada são a população, a compreensão cultural, a integração e o foco no resultado. A população é a principal consideração, pois sua decisão e comportamento determinam como o conflito é resolvido. A

compreensão é o entendimento e o respeito da tropa pelas diferentes culturas que existirem no campo de batalha e que podem ser determinantes das soluções para os conflitos.

Nesse contexto, a integração é o emprego de armas letais e não-letais simultaneamente para solucionar as diversos crises, podendo ser multinacionais, interagências, pacificação etc. Por fim, o foco no resultado é o que cada comandante deve ter em mente e diretamente irá influenciar todo o contexto da força terrestre.

Além disso, o manual *Land Operations* discorre sobre a execução do preparo do exército britânico. O treinamento deve ser progressivo, sendo baseado num contexto operacional, tempo e recursos disponíveis. Primeiramente, deve-se transformar os recrutas em soldados, treinando-os para que atinjam em primeiro lugar as capacidades individuais e coletivas.

[...] o treinamento é projetado, inicialmente, para os indivíduos. Intimamente ligado a educação, o treinamento individual desenvolve habilidades essenciais necessárias para um soldado conduzir tarefas operacionais, para depois aplicá-las em campo e operar como parte de um time. [...] O treinamento individual começa após o recrutamento, e continua através da carreira, construindo a expertise do militar. Isso é preponderante para manter e desenvolver as habilidades militares, as quais rapidamente se perdem quando não praticadas. O treinamento individual é a primeira das responsabilidades dos comandantes; eles devem assegurar que os padrões sejam mantidos, além de outras coisas, por um ciclo anual de teste das habilidades [...] (REINO UNIDO, p. 3-14, 2017, tradução nossa)

Em síntese, a literatura é enfática, ao afirmar que os treinamentos devem iniciar-se pelo indivíduo para depois, aí sim, começar o treinamento coletivo.

Um grande desempenho coletivo é baseado numa grande capacidade individual, uma fraqueza no desempenho coletivo, frequentemente, pode ser percebidos em falhas e gargalos no treinamento individual. (REINO UNIDO, p. 3-14, tradução nossa)

3.2 O BATALHÃO DE INFANTARIA NAS OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

As operações interagências são aquelas executadas na situação de não guerra, definida conforme se verifica adiante:

Situação na qual o poder militar é empregado de forma limitada, no âmbito interno e externo, sem que envolva o combate propriamente dito, exceto em circunstâncias especiais. Normalmente, o poder militar será empregado em ambiente interagências, podendo não exercer o papel principal. (BRASIL, 2017).

Além disso, as operações interagências também são denominadas de operações de coordenação e cooperação com agências. O Manual de Operações EB70-MC-10.223 as caracteriza como operações que são executadas em apoio a órgãos ou instituições (governamentais ou não, civis ou militares, públicos ou privados, nacionais ou internacionais).

Destinam-se a conciliar interesses e coordenar esforços para a consecução de objetivos ou propósitos convergentes que atendam ao bem comum. Buscam evitar a duplicidade de ações, a dispersão de recursos e a divergência de soluções, levando os envolvidos a atuarem com eficiência, eficácia, efetividade e menores custos. (BRASIL, 2017)

Dessa maneira, as operações de coordenação e cooperação com agências por serem caracterizadas como operações de não guerra, ou seja, não envolve combate, exceto em ocasiões especiais, não emprega armas de apoio com poder de fogo superior aos dos fuzis.

BRASIL (2014) aborda que, a princípio, neste tipo de operação o uso da força será progressivo. Além disso, o emprego de armamento não-letal e/ou equipamentos com reduzido poder ofensivo deverá ser priorizado. Dessa forma, de acordo com as regras de engajamento, a tropa deverá fazer o uso proporcional da força.

Diante do exposto, fica caracterizado para as operações interagências a adequação da tropa para executar operações de não guerra. Para isso, as capacidades de modularidade e flexibilidade devem ser adquiridas, ficando evidente que a tropa mais apta a cumprir as operações interagências são as de infantaria por já possuírem uma organização mais adequada às situações de guerra e não guerra.

O Batalhão de Infantaria (BI) é a tropa valor Unidade, qualquer que seja sua natureza (paraquedista, leve, montanha etc.), que utiliza o homem a pé para cumprir a missão. O BI é organizado em três companhias de fuzileiros e uma companhia de comando e apoio (Cia C Ap).

As Cia Fuz são responsáveis pela realização da manobra planejada pelo comandante do Batalhão (Cmt Btl). Por conseguinte, a Cia C Ap é encarregada de prestar os apoios logístico e de fogos, necessários ao cumprimento da missão pelas

peças de manobra. As operações interagências, no entanto, limitam a capacidade total do apoio prestado pela Cia C Ap.

Uma vez que, as operações interagências têm, normalmente, uma intensidade muito menor no emprego do armamento disponível, fazendo com que a Cia C Ap perca parte de sua capacidade. Por exemplo, o Pelotão de Morteiros e o Pelotão Anti-Carro não são empregados neste tipo de operações.

Ademais, a constituição da Cia C Ap nas operações interagências é de acordo com a capacidade que se deseja atingir. Dificilmente, toda a SU é desdobrada no terreno. De forma que, serão deslocados para área de operações o necessário para o cumprimento da missão do batalhão, atendendo assim a capacidade de modularidade de acordo com o conceito operativo do Exército Brasileiro.

3.3 A COMPANHIA DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

No cenário de operações interagências, “A companhia de fuzileiros é o menor escalão de combate da infantaria que possui funções táticas e administrativas” (BRASIL, 2005). É o elemento de manobra dos batalhões de infantaria e a sua organização básica são três pelotões de fuzileiros e um pelotão de apoio, podendo a sua estrutura se modificar em operações interagências.

Como o novo conceito operativo do Exército Brasileiro prevê que a composição das forças devam ser flexíveis e modulares, o pelotão de apoio, normalmente, deixa de existir para dar lugar a mais um pelotão de fuzileiros. Desse modo, a companhia passa a ter quatro peças de manobra em sua organização.

Da mesma forma, no contexto das operações de manutenção da paz sob a égide das Nações Unidas a flexibilidade é também fundamental. Tanto é que no *United Nation Infantry Battalion Manual (2012)* a organização da *infantry company* é de três pelotões de infantaria e um pelotão mecanizado, o que corrobora a necessidade de o Exército Brasileiro adaptar-se a essa nova doutrina de emprego.

Nas operações interagências, as companhias de fuzileiros são empregadas, normalmente, descentralizadas, ou seja, o comandante da SU não tem a visão sobre toda a manobra e os pelotões podem cumprir missões distintas ao mesmo tempo, enquanto um realiza patrulhamento, outro está operando um Posto de Segurança Estático e mais um terceiro opera um posto de bloqueio e controle de vias urbanas.

Há operações, entanto, em que a subunidade, como um todo, cumpre a mesma missão. Por exemplo, operações de vasculhamento de uma área, de cerco ou investimento a uma localidade. Estes tipos de operação vão exigir maior comando e controle do comandante de companhia devido ao efetivo empregado. Essas operações, entretanto, ocorrem com menos frequência, pois exigem grande tempo de planejamento do escalão superior.

As operações ocorrendo de maneira descentralizada são mais efetivas. Conforme corrobora o Manual de Operações (2017, p. 2-22), ao mencionar que o planejamento das operações tem uma das premissas: “a execução descentralizada e coordenada para possibilitar ações simultâneas e adequadas nos variados campos de atuação, condicionando a competência dos vetores às exigências de cada situação”.

3.4 O PELOTÃO DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

Nas operações interagências, os pelotões de fuzileiros são os elementos de manobra da companhia de fuzileiros. A organização básica do pelotão é de três grupos de combate, um grupo de apoio de fogo e uma seção de comando. O grupo de combate se caracteriza por ser a fração básica da infantaria, sendo integrado por nove homens.

O grupo de apoio de fogo tem sua composição variável de acordo com a natureza da tropa de infantaria. No entanto, a organização mais tradicional é possuir duas peças de metralhadora automática e uma peça de morteiro leve. Nas operações interagências, por caracterizarem-se por ter baixa intensidade no uso da força, limita-se ao mínimo indispensável o que faz com que esse o grupo deixe de existir.

Dessa maneira, o pelotão de fuzileiros passa a ser organizado, normalmente, com apenas seus três grupos de combate orgânicos, para realizar as manobras do pelotão. Cumpre salientar que as operações ocorrem, em áreas humanizadas e o uso da força dá-se de maneira progressiva, sendo fundamental o emprego de armamento e munição menos letal distribuídos nos grupos de combate.

Cabe ressaltar que nas operações interagências, os pelotões podem ser empregados de maneira centralizada ou descentralizada. Ou seja, os grupos atuando de forma isolada ou operando como um todo no cumprimento de uma mesma missão

sob controle do comandante de pelotão. Em ambos os casos, o planejamento do escalão superior irá definir a forma mais adequada.

Nesse contexto, as operações ao nível pelotão, no ambiente interagências, são as mais variadas, sendo as mais comuns: operação de controle de distúrbios (OCD), posto de segurança estático (PSE), ponto forte, posto de bloqueio e controle de vias urbanas (PBCVU), patrulhamentos (a pé, motorizado ou mecanizado).

Diante desse quadro, é necessário tornar o preparo dos militares empregados nas operações interagências cada vez mais especializado. Ao tempo que, décadas atrás, o soldado carecia apenas de conhecimento ao nível básico, tanto tático como técnico. Atualmente, o combatente deve possuir uma variada gama de capacidades para fazer frente ao que se apresenta no ambiente operacional, dos conflitos contemporâneos, que se apresenta com as características, adiante:

- **achatamento dos níveis decisórios**, colocando mais próximos o político do tático;
- profusão de **capacidades tecnológicas** relevantes entre os beligerantes, estatais e não estatais;
- dificuldade de definição das **linhas de contato** entre os beligerantes;
- tendência dos **confrontos** se prolongarem ao longo do tempo;
- presença da **mídia instantânea** no espaço de batalha, influenciando de forma prevalente as decisões políticas;
- valorização das **questões humanitárias** e do **meio ambiente**;
- baixa aceitação junto a **opinião pública** (nacional e internacional) de soluções das diferenças entre os povos pelo emprego da força;
- **exacerbação** da defesa de **minorias**;
- presença de **Organizações Não Governamentais** (ONG) nos conflitos;
- utilização de **informação como arma**, afetando diretamente o poder de combate dos beligerantes;
- consciência de que **forças militares** não solucionam as **causas da guerra**;
- relevância de **papel da população** no destino dos conflitos;
- prevalência dos **ambientes urbanos** com a presença de civis, contra civis e em defesa de civis.
- dificuldade de caracterizar o **oponente** no seio da população. (BRASIL, p. 2-1, 2017)

Tais peculiaridades comprovam a necessidade de se ter um combatente mais versátil. Um exemplo é o emprego do armamento em operações interagências, visto que no passado o militar só recebia instrução do armamento individual ou coletivo de acordo com a sua função. Atualmente, no entanto, o soldado deve estar em condições de utilizar diversos tipos de armamentos e munições letais e menos letais.

Além disso, é crucial reconhecer que as atividades militares não poderão ser as únicas a permearem a preparação da tropa. Ao contrário, muitos outros conhecimentos são necessários para se obter o êxito em operações interagências.

Nesse cenário, é indispensável o entendimento básico da legislação pertinente, noções de contato com a mídia e com a população, por vezes, hostil e, principalmente, ter em mente que uma ação tática desastrosa de um soldado esclarecedor poderá ter repercussão política de caráter internacional.

3.5 A EVOLUÇÃO DO GRUPO DE COMBATE AO LONGO DO TEMPO

O Grupo de Combate é o elemento básico de emprego da infantaria no Exército Brasileiro. O GC de infantaria é constituído por 9 (nove) militares. O comandante do grupo é um 3º Sgt, que lidera duas esquadras com 4 (quatro) militares cada, sendo 1 (um) cabo e 3 (três) soldados.

Composição		Armamento	Representação
3º Sgt Cmt		FAL (Mtz)	
		Pára FAL (Pqdt e L)	
1ª Esq	Cb Cmt 1ª Esquadra	FAL (Mtz)	
		Pára FAL (Pqdt e L)	
	Sd Esclarecedor 1º	FAL (Mtz)	
		Pára FAL e AT4 (Pqdt e L)	
	Sd Esclarecedor 2º	FAL e AT4(Mtz)	
Sd Atirador da 1ª Esquadra	FAP e Pst		
2ª Esq	Cb Cmt 2ª Esquadra	FAL (Mtz)	
		Pára FAL (Pqdt e L)	
	Sd Esclarecedor 3º	FAL (Mtz)	
		Pára FAL (Pqdt e L)	
	Sd Esclarecedor 4º	Pára FAL e AT4 (Pqdt e L)	
FAL e AT4(Mtz)			
Sd Atirador da 2ª Esquadra	FAP e Pst		

Quadro Nr 5 – Composição do Grupo de Combate
Fonte: Brasil (1980, p.1-8)

Segundo Nagy (2014), a informação mais antiga que se tem conhecimento, de unidades tão pequenas, quanto um grupo de combate de infantaria, remonta a

organização da legião romana. De forma que, um *contubernium* era constituído por 8 (oito) legionários, que escolhiam seu comandante pelo voto.

A priori, o surgimento das armas automáticas nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial tornou as tradicionais formações de infantaria incapazes de manobrar. Para Potocnik (2018), a situação descrita, anteriormente, mudou quando os alemães introduziram a metralhadora leve na infantaria. Dessa forma, os GC organizados em torno da metralhadora podiam atacar um objetivo e conquistá-lo.

Ademais, outras considerações-chave do campo de batalha determinam o elemento básico de infantaria. A começar que o GC realiza a tarefa de aproximar-se e destruir o inimigo por todo o espectro das operações e que o aumento da letalidade das armas fez com que as formações fossem mais dispersas. (SATTLER, O'LEARY, 2018, p. 23-53).

No entanto, há um estudo que afirma:

[...] a psicologia sugere que o contato físico entre os companheiros de armas durante o combate é extremamente importante. O contato físico, como um componente de coesão e moral da unidade, é até mais importante para o êxito do que a precisão no tiro [...] (SCALES JR, p. 258)

Em síntese, o elemento básico da infantaria tem que adaptar-se, cada vez mais, ao campo de batalha moderno. Potocnik (2018) afirma que devem ser considerados o emprego da tecnologia, a complexidade e a variedade dos ambientes operacionais, a presença de civis, além de muitos outros atores conflitantes nesse novo cenário dos conflitos.

Convém salientar, no entanto, que a adaptação do grupo de combate ao novo cenário não se dá apenas com relação ao material e/ou ao efetivo do grupo. Para isso, é necessária uma preparação muito além da instrução militar, para lidar no combate moderno, principalmente em ambiente interagências.

Em virtude da atual mudança no campo de batalha, o Exército Brasileiro, por intermédio do Comando de Operações Terrestres (COTER) emitiu o parecer nº 001 / 2017 – Mov Man Inf/C DoutEx/COTER, que trata da adoção de novos armamentos pelo GC e outros grupos, fazendo a conjugação dos calibres 5,56mm e 7,62mm, na qual os atiradores seriam dotados de fuzis 7,62mm e o restante do grupo dotados de fuzis 5,56mm, fazendo a seguinte apreciação:

Ao considerarmos o Conceito Operativo do Exército, a atuação dos elementos da F Ter em Operações no Amplo Espectro que poderá combinar “Operações Ofensivas, Defensivas, de Apoio a Agências”, simultânea ou sucessivamente. No intuito de prevenir ameaças, gerenciando crises e solucionando conflitos armados, em situações de Guerra e de Não Guerra. Essas considerações devem balizar os estudos quanto ao armamento e calibre a ser adotado pelos GC, GE e Gu CC. (BRASIL, 2017)

No entanto, cabe ressaltar que as mudanças relacionadas ao Conceito Operativo do Exército não podem ficar apenas no material a ser empregado. Assim, a preparação dos GC por meio do planejamento do Cmt SU, também, deve adequar-se ao conceito. Dessa forma, a companhia de fuzileiros fará frente, às novas ameaças em situações de guerra ou não guerra, em melhores condições.

3.6 EMPREGO DAS PEQUENAS FRAÇÕES EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

As operações militares contemporâneas, nas quais conjugam-se ações ofensivas, defensivas e interagências, ocorrem, na maior parte delas, em áreas urbanas com grande presença da população.

Assim sendo, o combate em campo aberto praticamente inexistente. Como resultado, as edificações e as considerações civis passaram a ser fatores preponderantes nesse tipo de operações.

O adversário mais fraco utiliza essas áreas, valendo-se das condicionantes impostas pelas construções e pelas dificuldades de emprego eficaz de meios com alta tecnologia agregada, especialmente os meios de inteligência, vigilância e reconhecimento. (BRASIL, 2017)

Diante desse contexto, a companhia de fuzileiros combatendo em operações no amplo espectro passa a ter seu emprego dificultado. Pois, o comandante de subunidade deixa de ter a visão completa sobre a manobra da companhia, como acontece em campo aberto, o comando e controle torna-se mais difícil e as ações das pequenas frações passam a ser decisivas.

As construções e a população conferem às operações de combate em área edificada as seguintes características principais:

- a) canalização do movimento;
- b) dificuldade de prover apoio mútuo;
- c) ações táticas descentralizadas e executadas por pequenas frações;
- d) predomínio do combate aproximado;

- e) dificuldade de localizar e identificar o inimigo;
- f) preocupação com efeitos colaterais;
- g) menor velocidade nas operações;
- h) observação e campos de tiro reduzido;
- i) maior necessidade de segurança em todas as direções;
- j) importância do apoio da população; e
- k) dificuldade de comando e controle. (BRASIL, 2017)

Dessa forma, exige-se a atuação da companhia de fuzileiros de forma descentralizada. Por consequência, a atuação do grupo de combate liderado por um 3º sargento de infantaria, torna-se decisiva em combate. Portanto, este comandante deve agora preparar-se para, ao seu nível, tomar decisões que podem impactar em toda operação.

Com esse propósito, as companhias de fuzileiros são empregadas de forma descentralizada cada vez mais. A MINUSTAH e as operações de apoio a órgãos governamentais em território nacional, como por exemplo, as Operações Arcanjo e São Francisco, tiveram como base a atuação de grupos de combate, devido a forma de como o terreno e as edificações se apresentavam, normalmente, sem qualquer planejamento urbanístico.

As operações interagências são caracterizadas por ocorrerem, regularmente, em ambiente urbano. Ademais, os conflitos, quando ocorrem, são de baixa intensidade, ou seja, não há grande número de disparos e letalidade como em uma guerra convencional. Assim, normalmente, o poder de combate de um GC pode fazer frente às ameaças nas operações. Logo, um grupo de nove homens é o mais adequado para cumprir a maioria das missões.

As missões atribuídas aos GC são as mais diversas. Por exemplo, patrulhas ostensivas, a pé e motorizadas, *check-points* (posto de controle de vias), *static-points* (ponto de segurança estático), escolta de comboios, escolta de presos e operação de busca e apreensão.

As missões atribuídas ao pelotão são aquelas que necessitam de maior efetivo para serem cumpridas. No entanto, nas missões do pelotão podem existir atribuições distintas a cada grupo de combate.

As missões no valor subunidade ocorrem com menos frequência, neste caso necessitam de maior coordenação e planejamento mais detalhado. Essas operações têm um objetivo bem definido pelo escalão superior, à medida que empregam grandes efetivos simultaneamente, divergindo daquelas valor grupo e pelotão, que por vezes, executam missões de rotina.

A Diretriz do Comandante do Exército para o biênio 2017-2018 determinou que se deveria “ênfatizar o adestramento de pequenas frações, visando à solidificação do conhecimento profissional e o desenvolvimento da liderança, em especial, de oficiais subalternos e terceiros sargentos”. Da mesma maneira, a Diretriz do Cmt EB (2019) ênfatiza na sua conclusão que “O objetivo precípua do Exército é a manutenção de elevados níveis de prontidão”.

Sob o mesmo ponto de vista, o *US Army* percebeu a importância no comando das pequenas frações no final da década de 1990, quando surgiu o conceito de “Guerra em três blocos”, do Gen Charles C. Krulak do *US Marine Corps*.

O autor se refere às lições inevitáveis da Somália e de outras operações tradicionais, de assistência humanitária e de manutenção da paz mais recentes, em que os resultados dependeram das decisões tomadas por líderes de pequenas frações. Nessas situações, o graduado individualmente era o símbolo mais visível da política externa dos EUA, influenciando não apenas a situação tática imediata, mas também os níveis operacional e estratégico. Suas ações afetaram diretamente o resultado da operação como um todo. Os graduados de hoje desempenham papéis não convencionais na linha de frente, ao servir como prefeitos municipais no Iraque, negociar com líderes tribais no Afeganistão e treinar forças nativas em todo o mundo. Eles são meios estratégicos (STRINGER, 2010, p. 2).

Diante do exposto, a *US Army Sargeant Major Academy* (Academia de Sargento-Adjunto do Exército norte-americano) mudou seu currículo passando a priorizar o desenvolvimento de pensamento crítico e resoluções de problemas, algo que era previsto somente em instruções para oficiais.

Em suma, além de líderes, os graduados, também, devem ser preparados para assimilar novas habilidades. Deve-se desenvolver além das capacidades militares, a competência para operar em ambiente interagência.

O manual de campanha fundamental do Exército sobre a contra insurgência, o *FM 3-24*, proporciona observações valiosas sobre quais habilidades e competências são necessárias para o êxito no ambiente descrito: Exige que soldados e fuzileiros navais empreguem uma mistura de tarefas e habilidades de combate mais frequentemente relacionadas a órgãos não militares... Exige que os líderes em todos os níveis ajustem sua abordagem constantemente... A expectativa é que os soldados e fuzileiros navais sejam construtores de nações, bem como guerreiros. Devem estar preparados para ajudar a restabelecer as instituições e forças de segurança locais e assistir na reconstrução da infraestrutura e dos serviços básicos... A lista dessas tarefas é longa; desempenhá-las envolve ampla coordenação e cooperação com muitas agências intergovernamentais, internacionais e com a nação anfitriã (STRINGER, 2010, p. 4).

Seguindo a mesma lógica, registra-se, adiante, extrato da diretriz da Estratégia Nacional de Defesa.

[...] cada combatente deve ser treinado para abordar o combate de modo a atenuar as formas rígidas e tradicionais de comando e controle, em prol da flexibilidade, da adaptabilidade, da audácia e da surpresa no campo de batalha. Esse combatente será, ao mesmo tempo, um comandado que sabe obedecer, exercer a iniciativa, na ausência de ordens específicas, e orientar-se em meio às incertezas e aos sobressaltos do combate – e uma fonte de iniciativas – capaz de adaptar suas ordens à realidade da situação mutável em que se encontra. (BRASIL, 2012).

Em síntese, está caracterizada a importância da atuação dos comandantes das pequenas frações no novo cenário dos conflitos. As operações interagências já realizadas pelo Exército Brasileiro propiciaram o essencial cabedal de conhecimentos e as necessárias lições aprendidas para o emprego em operações futuras.

No entanto, para que essa capacitação adquirida não se dissipe é imprescindível que se mantenha e aprimore continuamente o preparo dos graduados, comandantes das pequenas frações, ao longo de todo ano de instrução, tanto para operações interagências como para defesa externa.

3.7 O PREPARO DA TROPA

3.7.1 O preparo da companhia de fuzileiros no Exército Brasileiro

O Comando de Operações Terrestres (COTER) é o Órgão de Direção Operacional (ODOp) do Exército Brasileiro, responsável pelo preparo e emprego da Força Terrestre (FT). O COTER, anualmente, emite normas e diretrizes que orientam como deve ser executada a preparação da FT.

O Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro (SIMEB), por seu turno, é o principal instrumento de execução do preparo do Exército. Assim sendo, o SIMEB orienta como deve ser conduzido o preparo dos elementos da Força Terrestre durante o ano de instrução.

Dessa maneira, o SIMEB define instruções para o efetivo incorporado a cada ano, que se denomina Efetivo Variável (EV) e instruções para o Efetivo Profissional

(EP) integrado pelos militares com mais de um ano de serviço prestados ao Exército e militares de carreira.

Por exemplo, o PP da Instrução Individual Básica tem por finalidade padronizar a formação do combatente básico do Exército Brasileiro. Por sua vez, o Programa-Padrão de Instrução de Qualificação dos cabos e soldados de infantaria prepara esses militares nos cargos correspondentes a sua função em um Batalhão de Infantaria. Cabe lembrar que existe um PP para cada tipo ou nível de capacitação que se deseja alcançar.

Ao EP são ministradas instruções do programa de Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP), com a finalidade de manter o militar em estado de permanente pronta resposta, para atender as necessidades de emprego em operações de defesa da pátria e interagências.

A CTTEP é um programa de instrução militar, sob a direção do Comandante de OM que visa ao desempenho individual de manutenção de padrões e ao desempenho coletivo eficaz dos diferentes agrupamentos, em relação ao emprego de seu material orgânico e aos seus procedimentos de combate (BRASIL, 2019).

Dessa forma, a CTTEP possui um Programa-Padrão (PP) de Instrução que estabelece a aprendizagem do Efetivo Profissional. O conteúdo desse PP propõe que a instrução individual tenha resultados práticos para a manutenção das capacidades adquiridas em anos anteriores.

Assim sendo, o instruendo deve estar focado no resultado da tarefa a ser realizada na instrução militar. Para isso, o SIMEB adverte que os objetivos devem ser claramente definidos, em conformidade com as possibilidades de emprego.

Ao mesmo tempo, a partir das tarefas, são definidos os Objetivos Individuais de Instrução (OII) que expressam o comportamento final, relacionado ao conhecimento (área cognitiva) e a habilidade (área psicomotora), sendo identificados por três elementos, quais sejam:

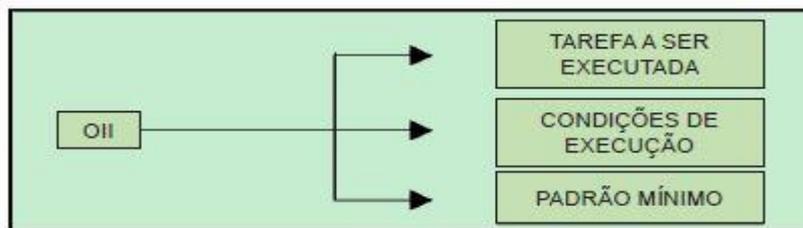


Figura Nr 3 – Elementos necessários para obtenção do Comportamento Terminal
Fonte: BRASIL, 2018

Em síntese, os OII devem estar relacionados com os requisitos necessários ao exercício do cargo exercido pelo combatente. Ou seja, um soldado de infantaria na função de 1º esclarecedor de um GC deve participar de instruções relacionadas à sua atividade, enquadrado no grupo de combate, cujo objetivo individual de instrução é atingido a partir da execução de determinada tarefa.

Sob o mesmo ponto de vista, a tarefa é a aplicação prática do conhecimento e habilidade que vai permitir ao militar, atendendo a um padrão-mínimo, o cumprimento da sua missão em combate. Caso o militar não alcance o índice mínimo, ele deverá ser submetido à recuperação na instrução até que atinja o nível exigido.

A par disso, o SIMEB estabelece orientações a respeito de como deve ser executada a tarefa. Assim sendo, as condições de execução são prescrições detalhando como deve ser conduzida a instrução militar, de forma a torná-la a mais realista possível e adequada ao público alvo a quem será ministrada.

Ademais, existem assuntos que são simples e outros mais complexos, cuja aprendizagem e a assimilação dos conhecimentos e habilidade torna-se mais difícil. Com efeito, quando os OII são simples, eles são alcançados com mais facilidade. No entanto, os OII mais complexos necessitam ser fracionados de forma torná-los atingíveis ao final do processo.

Para isso, os OII são subdivididos em objetivos intermediários, com o intuito de que a prática seja progressiva e o instruendo atinja o padrão mínimo a cada passo. Por conseguinte, os Programas-Padrão podem conter objetivos intermediários no seu conteúdo ou o próprio instrutor pode determiná-los com a finalidade de escalonar o aprendizado.

Dessa maneira, é apresentado, a seguir, um modelo de objetivo individual de instrução com suas tarefas, condições de execução, padrões mínimos e objetivos intermediários.

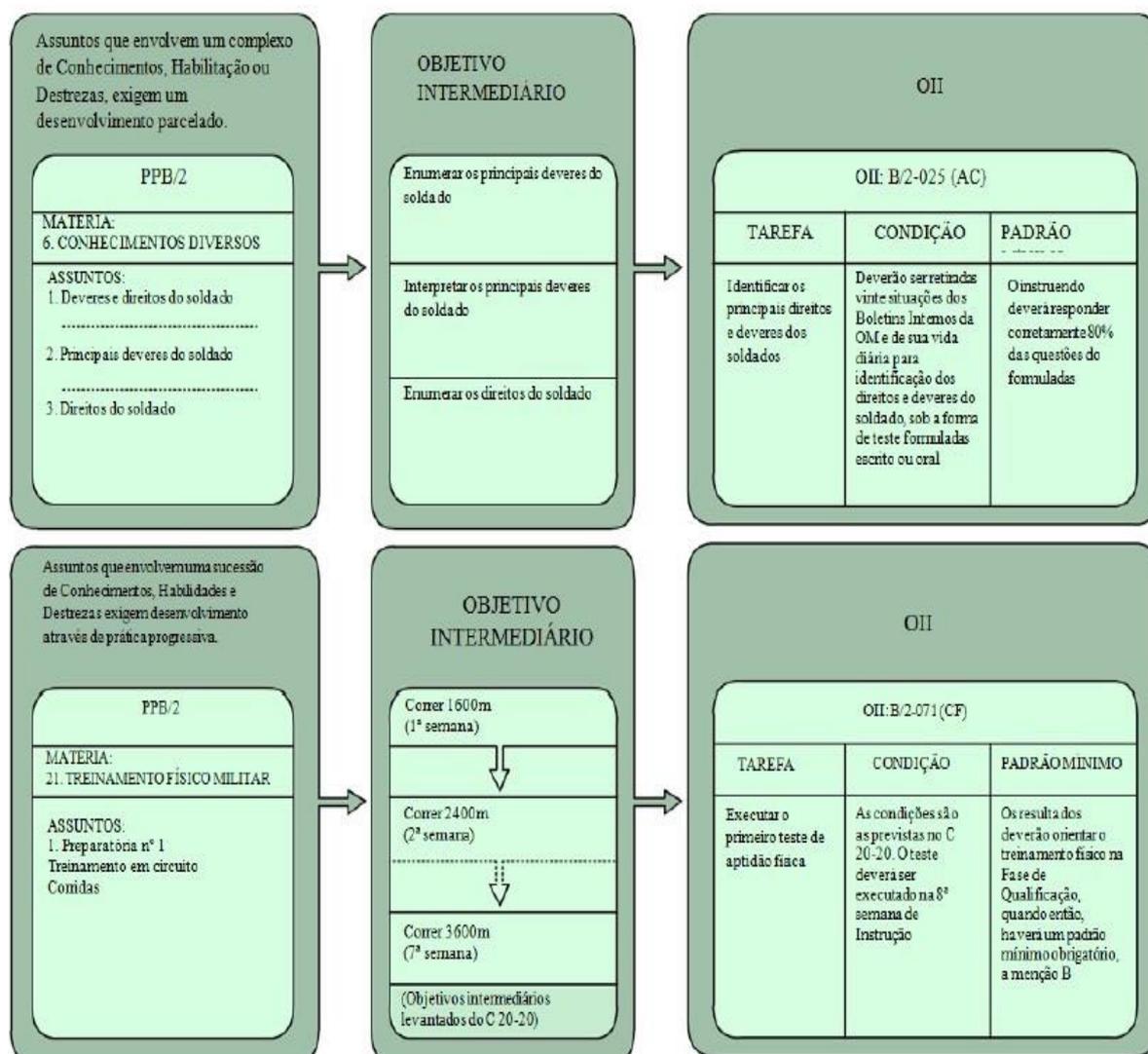


Figura Nr 4 – Modelo de Objetivo Individual de Instrução (OII).
Fonte: BRASIL, 2018.

No entanto, quando o OII é relacionado à atitude (área afetiva) ao invés de uma tarefa, o Objetivo Individual de Instrução é definido para cada atributo que se deseja identificar, não importando de qual assunto ou matéria é a instrução. Logo, os OII são determinados por elementos diferentes. Conforme a figura abaixo.

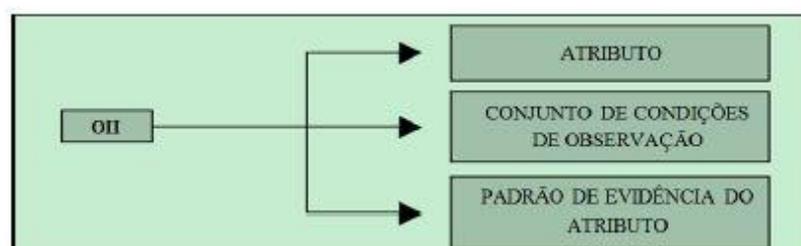


Figura Nr 5 – Elementos necessários para obtenção do Comportamento Atitudinal
Fonte: BRASIL, 2018

O PP da Instrução da CCTEP é comum a todas as qualificações. Ou seja, o soldado de um pelotão de fuzileiros tem a mesma instrução que um soldado de uma seção leve de manutenção de um Batalhão Logístico. De modo que, a instrução individual do EP torna-se, demasiadamente, superficial e genérica.

A seguir serão citados os 28 (vinte e oito) assuntos ministrados de acordo com o PP da CCTEP:

- Cultura Geral;
- Comunicação Social;
- História Militar;
- Atributos da Área Afetiva;
- Direito Internacional Humanitário (DIH) e Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA);
- Mobilização;
- Justiça e Disciplina;
- Avaliação do Pessoal;
- Manutenção do Armamento, de Viaturas e das Instalações;
- Capacitação Administrativa;
- Proteção do Meio Ambiental nas Operações Militares;
- Tiro;
- Comando e Controle;
- Treinamento Físico Militar (TFM);
- Didática da Instrução Militar;
- Liderança Militar;
- Prevenção de Acidentes na instrução e no Serviço;
- Atendimento Pré-Hospitalar (APH);
- Capacitação Técnico-Tática Operacional Específica;
- Plano de Chamada;
- Aprestamento do Pessoal e Material de Pronto-Emprego da OM;
- Defesa do Aquartelamento;
- Contraineligência;
- Garantia da Lei e da Ordem (atualização jurídica, Com Soc e Op Psico);
- Ação Cívico-Social (ACISO);
- Pedido e Condução de Fogos;
- Combate Corpo a Corpo; e

- Outros Assuntos (noções de informática; exame de pagamento, fichas e outros; doenças sexualmente transmissíveis, contato com a população local (índios, assentados, quilombolas, religiosos etc.); e visitas institucionais).

Em suma, ao verificar os assuntos, anteriormente, relacionados constata-se o grande número de atividades que não tem vínculo com a manutenção do preparo individual do militar para missões em combate, mesmo quando um dos objetivos da CTTEP é manter as capacidades individuais e ajustar-se ao combate moderno.

Portanto, dos 28 (vinte e oito) assuntos apenas 8 (oito) apresentam uma tarefa prática que prepara o militar para realizar atividades ligadas ao seu desempenho em operações de defesa da pátria e interagências, são eles: Direito Internacional humanitário (DIH) e Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA); tiro; treinamento físico militar; aprestamento do pessoal e material de pronto-emprego da OM; Garantia da Lei e da Ordem (GLO); pedido e condução de fogos; e combate corpo a corpo.

Embora esteja entre os assuntos assinalados, DIH e DICA; e GLO abordam somente parte da legislação atinente a essas atividades, o que sem dúvida é insuficiente para manter os conhecimentos adquiridos em aprendizado anterior.

No caso de um batalhão de infantaria a direção da instrução é conduzida pelo seu comandante, pelo chefe da 3ª Seção (S/3) e pelos comandantes de subunidade (Cmt SU). O comandante do batalhão (Cmt Btl) é o diretor da instrução militar, o S/3 tem a responsabilidade de orientar o planejamento e fiscalizar. Já os Cmt SU, por sua vez, têm a atribuição de programar a instrução militar e coordenar as atividades a ela ligadas. Neste contexto, o SIMEB discorre sobre as atribuições do Cmt SU:

[...] Deve ser o chefe de uma equipe de educadores, a qual, através de ação contínua, do exemplo constante e do devotamento à instrução, envidará todos os esforços necessários à consecução dos objetivos de instrução e dos referentes aos atributos da área afetiva. (BRASIL, 2018)

Portanto, a responsabilidade sobre a execução do preparo das companhias de fuzileiros, na prática, recai sobre os Cmt SU, que devem ater-se ao cumprimento do que prescreve o PP da CTTEP, durante o ano de instrução e se prepararem para o Período de Adestramento, que tem início com o Programa de Adestramento Básico

dos Pelotões (PAB/Pel) e termina com a execução do Programa de Adestramento Avançado (PAA), que envolve toda a Unidade.

O PP da CTTEP mais atual é de 2017. Ele apresenta os seguintes objetivos gerais:

- 1) Aperfeiçoar e manter os padrões individuais do Efetivo Profissional (EP).
- 2) Manter a instrução do EP da OM durante todo o ano de instrução.
- 3) Sanar a deficiências na instrução individual e no adestramento do EP em qualquer época do ano de instrução.
- 4) Participar do desenvolvimento e da consolidação do valor profissional dos comandantes em todos os níveis.
- 5) Manter o EP em condições de ser empregado em qualquer época do ano, quer em operações de defesa externa, quer em operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). (BRASIL, 2017)

Existem outros programas-padrão que são utilizados no serviço militar obrigatório, o de instrução básica e o de qualificação para a infantaria, os quais têm objetivos diferentes do PP-CTTEP. O primeiro é para iniciar a formação militar e o segundo para qualificar o instruído a ocupar um cargo correspondente a sua função em um batalhão de infantaria. Portanto, não são indicados com o objetivo de manter a capacidade operacional do efetivo profissional.

Em fevereiro de 2019, o COTER aprovou o Programa-Padrão de Instrução de Qualificação do cabo e soldado – Instrução de Garantia da Lei e da Ordem e Instrução Comum (EB70-PP-11.012), 2ª edição, em substituição a 1ª edição aprovada em 2013. A única alteração entre as duas edições foi a retirada da instrução de combate a baioneta e inserida a instrução de combate corpo a corpo.

O PP mais atual, anteriormente mencionado, possui apenas 80 (oitenta) horas de instrução para preparar o cabo e soldado para as operações de GLO. Ademais, são previstas somente 7 (sete) matérias no programa, são elas: armamento, munição e tiro; combate corpo a corpo, defesa química, biológica, radiológica e nuclear; instrução de pronto operacional; operações tipo polícia na garantia da lei e ordem, patrulha e treinamento físico militar.

Ao compararmos os PP-CTTEP e o de qualificação em GLO é perceptível que os objetivos gerais são dificilmente atingidos. O Cmt Cia Fuz tem dificuldade para prever as instruções tanto de preparo para operações interagências, como para defesa externa. Usualmente, o Cmt SU utiliza-se de referência estrangeira para prever as instruções de sua subunidade para operações interagências.

O treinamento dos contingentes para MINUSTAH é um exitoso exemplo do preparo de tropas do Exército Brasileiro. A capacitação foi calcada no manual da ONU

denominado *United Nations Infantry Battalion Manual (UNIBAM)*, que orientou o treinamento dos militares selecionados para cumprir a missão em território estrangeiro e permitiu a avaliação antes de embarcarem.

3.7.2 O preparo do exército norte-americano

Em outubro de 2016, o exército norte-americano publicou o manual FM 7-0, *Train to Win in a Complex World* (Treinar para Vencer em um Mundo Complexo), em substituição ao ARDP 7-0. O FM 7-0 ampliou os conceitos fundamentais da doutrina de treinamento do exército norte-americano introduzido pelo manual anterior. O documento do EB que mais se aproxima do FM 7-0 é o SIMEB.

O FM 7-0 sustenta a ideia que o treinamento da unidade não difere do preparo para uma operação. O treinamento adequado da unidade faz com que ela quando for selecionada para uma missão não terá dificuldades quando começar a preparar-se para a operação. Para isso, o comandante é considerado o centro do processo e deve conduzir todas as fases do treinamento.

O Exército treina para vencer em um mundo complexo. Para lutar e vencer em um caótico, ambíguo e complexo ambiente, o Exército treina para prover forças prontas para conduzir operações em amplo espectro. O Exército faz isso conduzindo por meio de treinamentos realísticos e desafiadores. **O treinamento da unidade e individual** ocorrem a todo momento – na sede, nos centros de treinamento de combate e enquanto desdobradas. [...] (grifo nosso) (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, p. 1-1, 2016, tradução nossa)

O exército norte-americano considera globalmente a existência de variadas ameaças. Elas podem ser exércitos convencionais, forças irregulares, insurgentes, terroristas e criminosos. Atualmente, parte delas exibem equipamentos com alta tecnologia e que podem ter até armas de destruição em massa. Para isso, deve-se treinar os soldados para operar em um alto nível de possibilidades.

O treinamento é aquilo de mais importante que o Exército deve fazer para preparar-se para uma operação. O treinamento é a espinha dorsal da prontidão. Prontidão determina a habilidade de nosso exército de lutar e vencer em um ambiente globalmente complexo. Para alcançar os mais altos degraus da prontidão, o Exército treina de maneira mais eficiente e eficaz possível. Treinamentos realistas com tempo e recursos limitados demandam comandantes focados em realizar esforços para maximizar a capacitação nos

treinamentos. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, p. 1-1, 2016, tradução nossa)

O manual FM 7-0 apresenta que a capacitação da tropa, naturalmente, flutua no decorrer do tempo, devido a diversos fatores. Como por exemplo: mudança do pessoal, frequência do treinamento, falta de recursos, dentre outros. No entanto, deve-se minimizar variações significativas a todo custo, a fim de trabalhar sempre na “banda de excelência”, evitando-se a perda total da capacidade combativa e dispêndio recursos para recupera-la.

A “banda de excelência” é considerada a chave para sustentar um longo treinamento. Os comandantes devem avaliar continuamente os planos de treinamento para manter a tropa pronta por grandes períodos. É considerado mais difícil manter a capacidade de uma tropa que está em alto nível do que construir sua capacidade a partir do ponto inicial.

A figura a seguir apresenta o gráfico da evolução do treinamento ao longo do tempo. a linha entre banda de excelência (linha cheia) e a linha do treinamento não contínuo (linha tracejada).

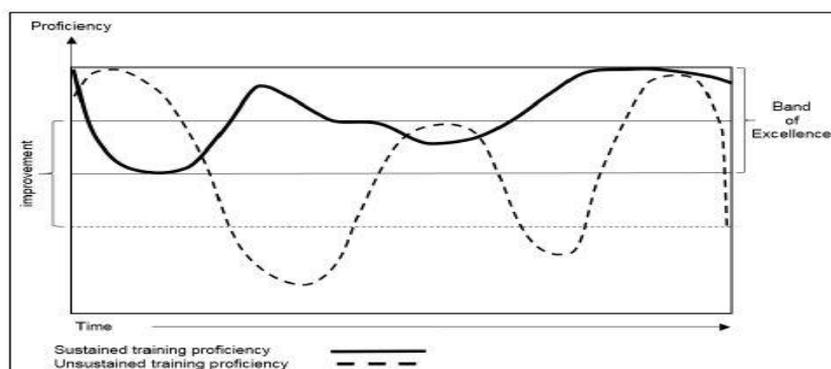


Figura Nr 6 – Mantendo a capacidade com a banda de excelência
Fonte: Estados Unidos da América, 2016

O exército Americano apresenta, no FM 7-0, um documento semelhante aos Programas-padrão do EB, denominado *Training & Evaluation Outline* (T&EO). Ele é considerado a fonte para o treinamento de tarefas padrão, tanto individuais quanto coletivas.

O T&EO consiste nos principais procedimentos (etapas ou ações) de uma unidade ou individuais que se deve cumprir para concluir uma tarefa afim de se padronizar. A tarefa coletiva também descreve o desempenho requerido de uma unidade sob uma condição de ambiente de treinamento. O *training*

and evaluation outline é um documento sumário que provê informações sobre as tarefas dos objetivos do treinamento individuais e coletivos, recursos necessários e procedimentos de avaliação. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, p. B-1, tradução nossa)

O T&EO é apresentado na forma de fichas que possuem alguns elementos a respeito de como a tarefa deve ser executada, por exemplo: nome da tarefa, restrição da distribuição, método de destruição do documento, referências, condição de execução, etapas do rendimento, medição do rendimento, dentre outros.

Além disso, o T&EO pode ser individual ou coletiva, estando relacionado com a qualificação militar no exército norte-americano. A tarefa coletiva pode ser dividida em até dezessete escalões. Dentre os quais se destacam: esquadra, grupo de combate, pelotão, companhia, batalhão, brigada e divisão.

O T&EO para o treinamento individual possui 32 qualificações, conforme o Quadro Nr 6, adiante:

Aviação	Justiça Militar
Música	Inteligência Militar
BNQR	Operações Especiais
Engenharia	Operações de Apoio a Informação
Artilharia de Campanha	Guerra Eletrônica e Inteligência
Infantaria	Mísseis de Defesa e Espaço
Saúde	Assuntos Cíveis
Material Bélico	Suprimento
Intendência	Manutenção (exceto mísseis)
Sinais	Artilharia Antiaérea
Ajudância-Geral	Assuntos Públicos
Finanças	Informações Públicas
Capelania	Transporte
Blindado	Logística em Combate
Polícia do Exército	Aquisição, Logística e Tecnologia
Combatente Individual	Armas Combinadas

Quadro Nr 6 – Qualificações no exército norte-americano
Fonte: Estados Unidos da América, 2016

No treinamento do exército norte-americano existe o conceito de *battle focus*, que em tradução livre é “foco no combate”. Esta definição estabelece que deve-se treinar seletivamente, pois não há tempo e nem recursos para atingir todos os padrões necessários.

A unidade que tenta treinar para capacitar todas as tarefas que pode, serve apenas para dispersar o esforço do treinamento. A unidade que treina todas as capacidades simultaneamente na maioria das vezes nunca vai alcançar o índice T ou T- (totalmente treinado e treinado, respectivamente) em todas as tarefas. Focando-se nas tarefas a treinar, baseada na intenção do comandante, levando-se em consideração que o tempo e os recursos são limitados é o treinamento focado em combate. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, p. 1-8, tradução nossa)

Para se entender o conceito de *battle focus* por completo é necessário apresentar a *Mission-Essential Task* (MET), tarefa essencial para a missão, em tradução livre. Conforme o FM 7-0, MET é uma tarefa coletiva que uma OM treina para estar proficiente em determinada capacidade ou quando tem uma missão atribuída (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2016).

Dessa forma, o *battle focus* envolve a responsabilidade de conjugar as MET coletivas com as tarefas individuais que dão suporte para elas. Ou seja, o treinamento coletivo e o individual devem ser integrados a fim de otimizar cada oportunidade de treinamento.

Além do conceito de MET, há também o *Mission-essential task list* (lista de tarefas essenciais para missão), em tradução livre. Esta lista padronizada compreende todas as MET para cada tipo de missão, baseada na natureza da unidade e em seu quadro de distribuição de material (QDM). De acordo com a missão recebida pelo comandante da unidade, será necessária uma análise detalhada para estabelecer uma prioridade no treinamento. Conforme figura abaixo:



Figura Nr 7 – Análise da missão quando priorizadas as capacidades a serem treinadas
Fonte: Estados Unidos da América, 2016

Ademais, as METL por serem listas padronizadas de acordo com a missão a ser cumprida englobam grande parte das tarefas essenciais. Por exemplo, existe uma METL para missão de “conduzir segurança de área”, no entanto, há muitas MET que podem deixar de ser executadas, pois já se sabe qual a missão específica que a unidade vai cumprir. Dessa forma, será mantido o *battle focus*, evitando a dispersão do treinamento em tarefas menos importantes.

4 RESULTADOS

O principal propósito do trabalho foi avaliar se o atual preparo das companhias de fuzileiros, por meio do PP-CTTEP vigente, capacita plenamente suas frações para o emprego descentralizado em operações interagências. Para isso, este capítulo apresenta os resultados obtidos por esta investigação.

Primeiramente, foi feita a análise da pesquisa bibliográfica, que permitiu:

- a. avaliar se conceito operacional e o preparo do Exército Brasileiro é análogo aos exércitos dos Estados Unidos da América, Reino Unido e Colômbia;
- b. comparar o programa-padrão da CTTEP com o FM 7-0, para verificar se o preparo da Cia Fuz está adequado para emprego em operações interagências;

Posteriormente, apresentam-se os resultados alcançados pelos questionários e entrevistas realizadas durante a pesquisa. Para melhor compreensão, os resultados foram apresentados na forma de gráficos, tabela e quadros, que permitiu verificar se:

- a. a organização do GC é adequada para as operações interagências;
- b. as dotações de armamentos, munições, equipamentos e viaturas dos GC são apropriados para as operações interagências; e
- c. o atual programa-padrão da CTTEP prepara a Cia Fuz para emprego em operações interagências;

4.1 ANÁLISE DA REVISÃO DA LITERATURA

As principais fontes de consulta para buscar os conceitos operativos do Exército Brasileiro, exército norte-americano, britânico e colombiano foram seus respectivos manuais de operações. Os manuais abordam suas doutrinas de emprego, e todos eles consideram o conceito de “conflito em amplo espectro”.

Dessa forma, o Exército Brasileiro apresenta doutrina tão atualizada quanto a de países referência no contexto militar mundial, no caso o norte-americano e britânico; e colombiano no contexto militar sul-americano. Os três países estiveram envolvidos em conflitos armados nesta década, o que ratifica a importância de manterem-se atualizados com relação a evolução dos conflitos.

No exército colombiano foi verificado os princípios de capturar, reter e explorar a iniciativa e ação decisiva, que também foram mencionados no manual norte-americano. No entanto, há particularidades do exército sul-americano que são as manobras de armas combinadas, segurança de grandes áreas e operações especiais.

Existem, também, outros princípios que o exército colombiano replica do exército norte-americano. Quais sejam, “comando de missão” e “arte operacional”. O comando de missão é para o exército colombiano o conjunto de tarefas que relacionadas entre si permitem ao comandante tomar uma decisão coerente em local e momento decisivo. Ademais, a arte operacional é a busca por objetivos estratégicos, em sua totalidade ou parcialmente, mediante a disposição de ações táticas em tempo, espaço e propósito. (COLÔMBIA, 2017)

Em suma, os princípios abordados pelo exército norte-americano e colombiano são coincidentes, em sua maioria. Isto demonstra que ambos os países seguem doutrinas semelhantes quanto as operações em amplo espectro. É natural que muitas nações repliquem a doutrina norte-americana, devido a condição do exército norte-americano possuir um dos maiores poderes bélicos no concerto das nações.

É importante salientar que as fontes de pesquisa utilizadas para verificar os conceitos operacionais dos três países estrangeiros e do Brasil são bastantes atuais. Tendo sido elas publicadas no ano de 2017. Logo, a pesquisa foi pautada em doutrinas militares recém inseridas nos exércitos pesquisados.

Os manuais de operações dos exércitos estrangeiros também abordaram de forma sucinta o treinamento para o combate, que é o cerne da pesquisa. Cada país abordou diversos aspectos, entre eles, que o treinamento deve ser realista, repetitivo, progressivo. Ademais, todos apresentaram que o treinamento deve ser contínuo.

A pesquisa bibliográfica acerca do preparo das tropas considerou principalmente dois documentos: o SIMEB (Exército Brasileiro) e FM 7-0 (*US Army*). Em se tratando do EB, o PP-CTTEP é a principal fonte de consulta para os Cmt Cia Fuz conduzirem o treinamento das SU no tocante ao efetivo profissional da OM, no entanto, ele é demasiadamente superficial, genérico e aborda sobremaneira atividades administrativas.

Por outro lado, os norte-americanos possuem os TE&O que abordam as tarefas de cada instrução individual voltada para a qualificação do militar norte-americano. Já os MET são documentos que versam sobre as tarefas coletivas e os padrões mínimos

que uma fração deve atingir. As tarefas coletivas são treinadas do nível esquadra até os níveis mais altos, como divisão de exército.

Logo, verificou-se que o PP-CTTEP, mesmo tendo uma edição atualizada em 2017, possivelmente não conduzirá aos objetivos de aperfeiçoar e manter os padrões individuais de efetivo profissional, principalmente nos dias atuais, quando as Forças Armadas estão sendo empregadas, rotineiramente, em operações de não-guerra.

Assim sendo, os PP, atualmente, disponíveis para preparar a tropa, em melhores condições, para operações interagências tem sido aqueles que eram utilizados para o preparo das tropas para a MINUSTAH e que ainda não foram aprovados pelo COTER ou MD, seja o Programa-Padrão de Instrução Especial do Cabo e Soldado do Batalhão de Infantaria de Força de Paz (2007) ou o Manual de Treinamento do Batalhão Brasileiro em Operações de Manutenção da Paz (2015), respectivamente.

4.2 PERFIL PROFISSIONAL DA AMOSTRA

O questionário proposto foi considerado para uma população de 90 (noventa) sargentos que comandaram GC em operações interagências, no período de 2011 a 2018, no Rio de Janeiro. As pesquisas foram distribuídas para 90 militares, buscando assim validar ao máximo a pesquisa. Do total de questionários distribuídos, 75 (setenta e cinco) militares foram voluntários a responder.

Assim, a pesquisa pode ser validada pelo tamanho amostral em função da população estudada, que exigia uma amostra de 73 (setenta e três) respondentes. Muitos militares não participaram da pesquisa, pois haviam chegado nas OM pesquisadas no corrente ano, logo não faziam parte do universo proposto, o que fez diminuir a abrangência de pesquisados.

Da amostra auferida, buscou-se saber quais militares haviam participado da MINUSTAH como Cmt GC. Tal pergunta foi realizada, pois a MINUSTAH teve o emprego de tropas brasileiras, por mais de uma década, fora do território nacional e os contingentes desdobrados eram muito bem selecionados e treinados de forma diferenciada, em comparação ao restante do Exército Brasileiro.

No gráfico 1 verifica-se que 4 (quatro) sargentos da amostra de 75 (setenta e cinco) participaram da MINUSTAH.

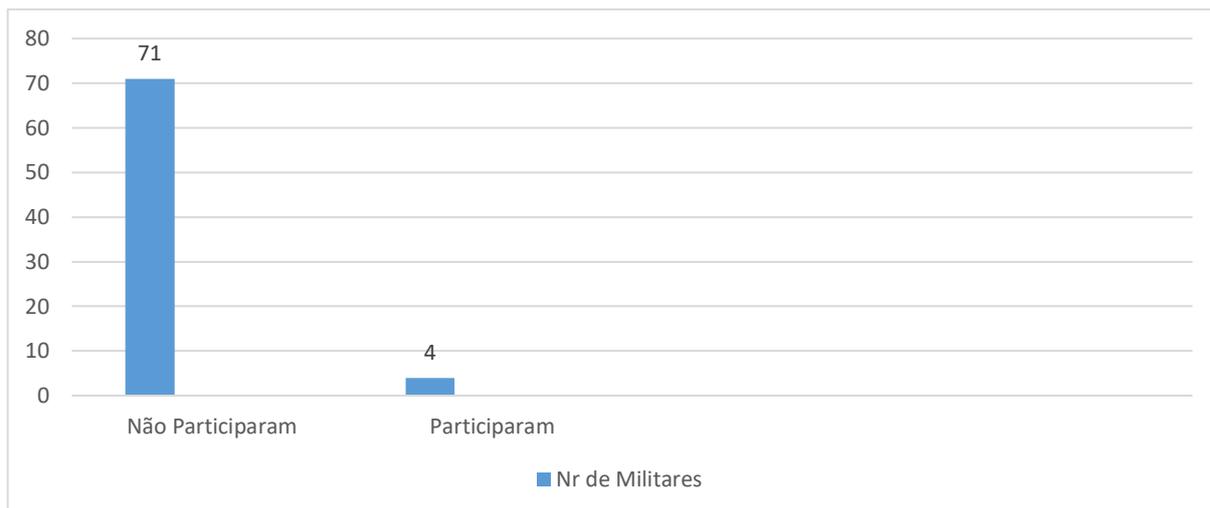


GRÁFICO 1 – Participação na MINUSTAH como Cmt GC

Fonte: o autor

4.3 AUTOAVALIAÇÃO DO PREPARO DO GC PARA A MINUSTAH

Para os militares pesquisados que informaram que haviam participado como Cmt GC na MINUSTAH, também lhes foi perguntado como eles avaliavam o nível de adestramento alcançado pelo GC durante a preparação para a missão, conforme mostra o Gráfico 2, adiante:

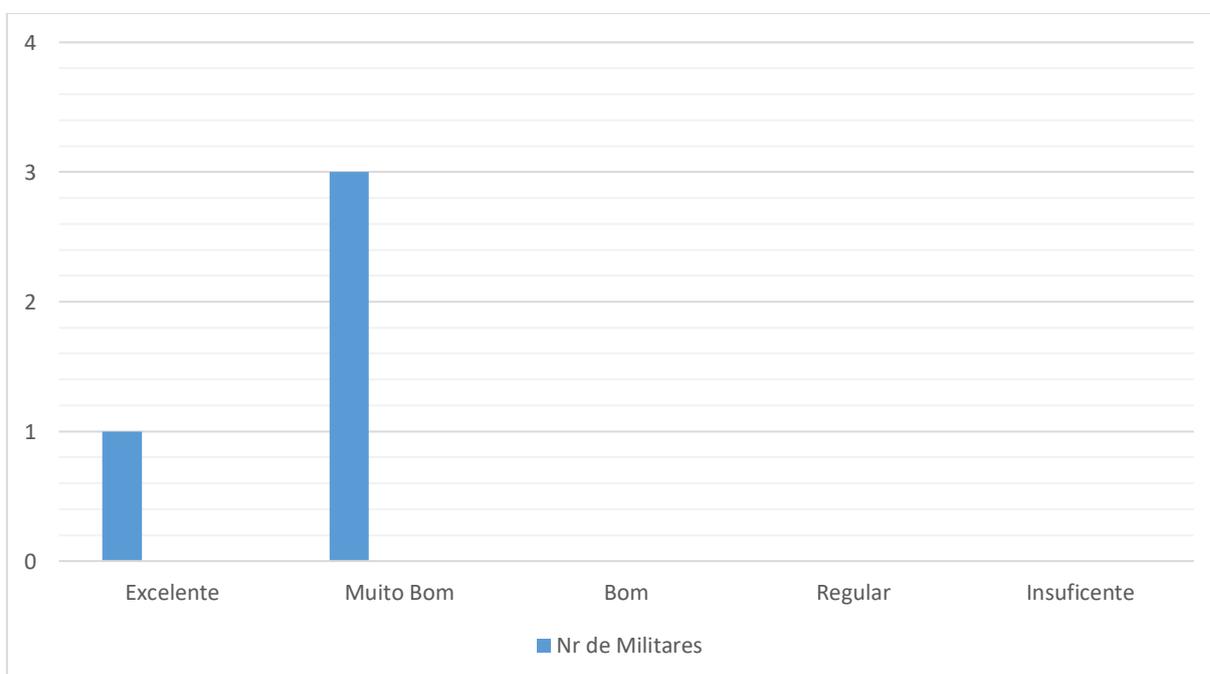


Gráfico 2 – Autoavaliação do preparo do GC para a MINUSTAH

Fonte: O autor

O Gráfico 3 verificou como os militares que participaram da MINUSTAH auto avaliaram o preparo do GC para as operações interagências no Rio de Janeiro.

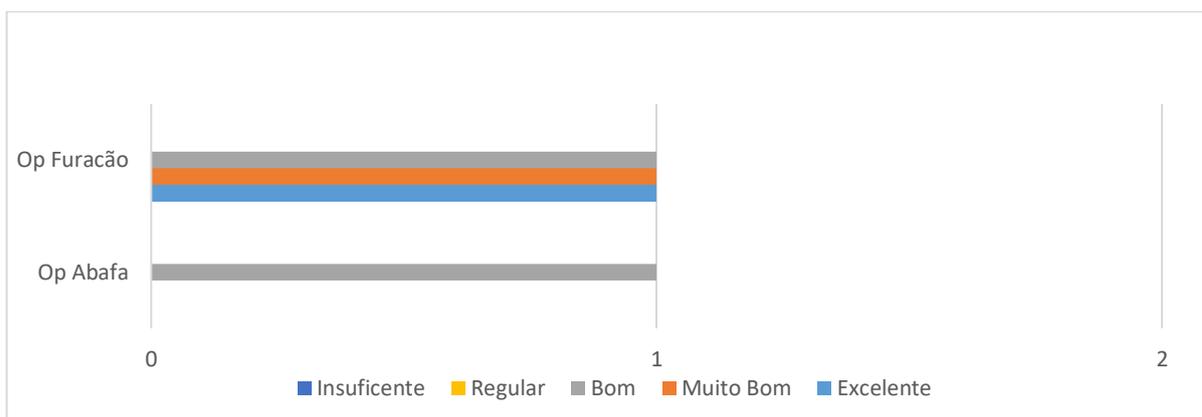


Gráfico 3 - Autoavaliação dos GC por militares que participaram da MINUSTAH e de operações interagências no Rio de Janeiro.

Fonte: o autor

No Gráfico 3, apenas um militar assinalou que na Operação Furacão houve um preparo melhor do que o da MINUSTAH. O questionário inseriu uma questão aberta a respeito das diferenças entre o preparo para a MINUSTAH e para as operações interagências. Um dos militares respondeu que o preparo para a missão de paz era conduzido com mais profissionalismo.

4.4 AUTOAVALIAÇÃO DO PREPARO DOS GC PARA OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

A pergunta do questionário estava inserida no período de 2011 a 2018, para que o militar pudesse externar o máximo de sua experiência. O sargento auto avaliou seu grupo em até 3 (três) operações interagências no Rio de Janeiro. No entanto, para pesquisa considerou as autoavaliações de maneira geral, e não de cada operação separadamente.

Verificou-se que das operações realizadas, 35 (trinta e cinco) das 89 (oitenta e nove) autoavaliações consideraram o preparo bom (39,32%). A qualificação “excelente” também foi elevada, com 38,20% das autoavaliações conforme a Tabela 1 e o Gráfico 4, a seguir:

TABELA 1: Opinião absoluta e percentual do total da amostra acerca do preparo para operações interagências no Rio de Janeiro, a partir de 2011

Grau de preparo	F _I	F _I	F _{RI}	F _{RI}
EXCELENTE	34	34	.3820	.3820
BOM	35	69	.3932	.7752
REGULAR	15	84	.1685	.9438
RUIM	4	88	.0449	.9887
PÉSSIMO	1	89	.0112	1
Σ =	89	-	1	-

Fonte: o autor

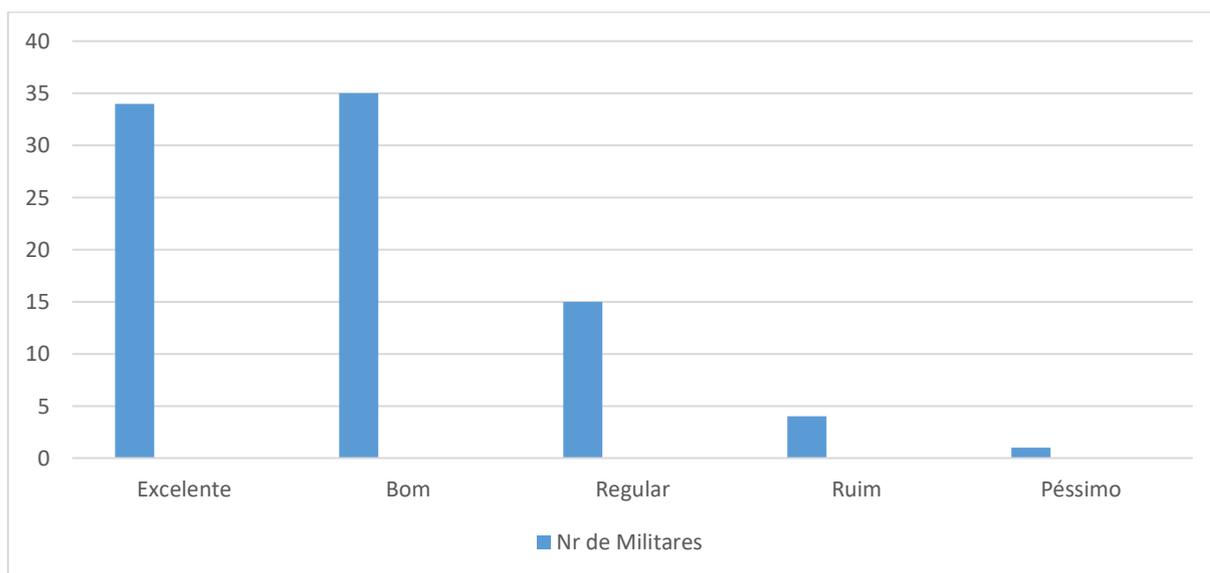


Gráfico 4 - Autoavaliação dos GC por militares que participaram de operações interagências no Rio de Janeiro, a partir de 2011.

Fonte: o autor

4.5 ADESTRAMENTO EM DEFESA EXTERNA

A Bda Inf Pqdt é uma grande unidade de emprego estratégico do Exército Brasileiro. Devido a isso, ela mantém seus efetivos em condições de ser empregados em qualquer parte do território nacional. Assim, a pergunta proposta foi para quantificar os exercícios de defesa externa realizados pelos militares da Bda Inf Pqdt. Os tipos de exercícios perguntados foram tanto de operações ofensivas como defensivas.

Segue-se, adiante, o Gráfico 5 que apresenta os exercícios realizados nos últimos 3 anos, pelos respondentes:

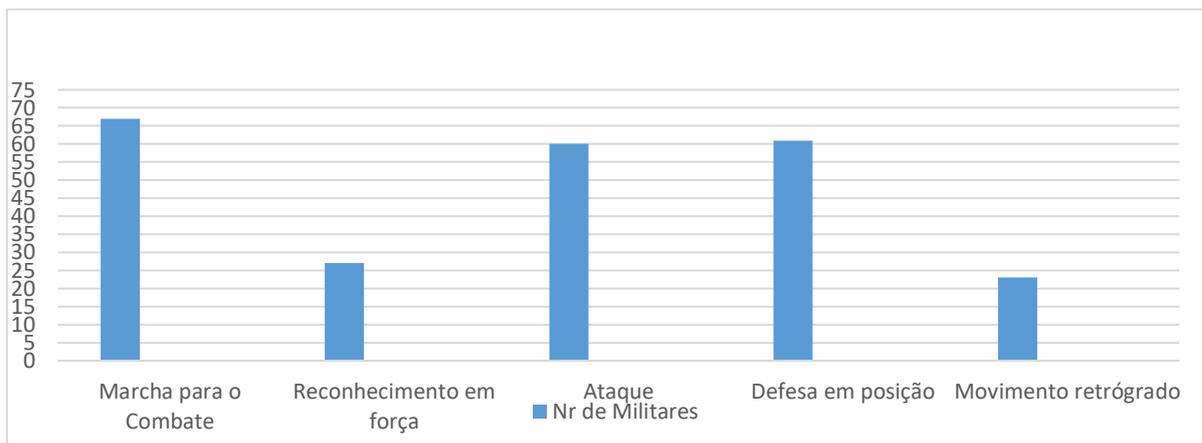


Gráfico 5 – Participação em exercícios de defesa externa nos últimos 3 anos.

Fonte: o autor

Dessa maneira, verificou-se que as respostas obtidas demonstram que a Bda Inf Pqdt se mantém, convenientemente, adestrada em operações de defesa externa, mesmo que, constantemente, tenha sido empregada em operações interagências na cidade do Rio de Janeiro. Constatou-se, também que as operações ofensivas foram mais realizadas que as defensivas.

Foram obtidas 238 (duzentas e trinta e oito) respostas sobre participação em exercícios de defesa externa. O destaque foi para operações de marcha para o combate, ataque e defesa em posição, as quais foram as mais realizadas pelos 75 (setenta e cinco) militares que responderam o questionário, com 90,22%, 80% e 76,25% de participação, respectivamente.

4.6 ATRIBUTOS DA ÁREA AFETIVA

No questionário foi realizada uma pergunta acerca do atributo mais exigido do Cmt GC em operações interagências. Diversos atributos foram listados, tais como flexibilidade, coragem, autoconfiança, combatividade, iniciativa e decisão. No entanto, o militar poderia escolher apenas uma das opções.

O maior número das respostas ao questionamento apontou para o atributo DECISÃO (capacidade de optar pela alternativa mais adequada, em tempo útil e com convicção), constituindo-se no mais importante para o desempenho do Cmt GC em operações interagências com 42,85% das respostas, seguido pelos atributos flexibilidade com 21,42% e iniciativa com 17,85%.

O atributo decisão deve ser evidenciado a todo momento pelo comandante, pois ele atuará de forma descentralizada em muitas ocasiões. Seja em um patrulhamento ostensivo ou *check-point*, mas não haverá superiores hierárquicos para orientar o que ações realizar.

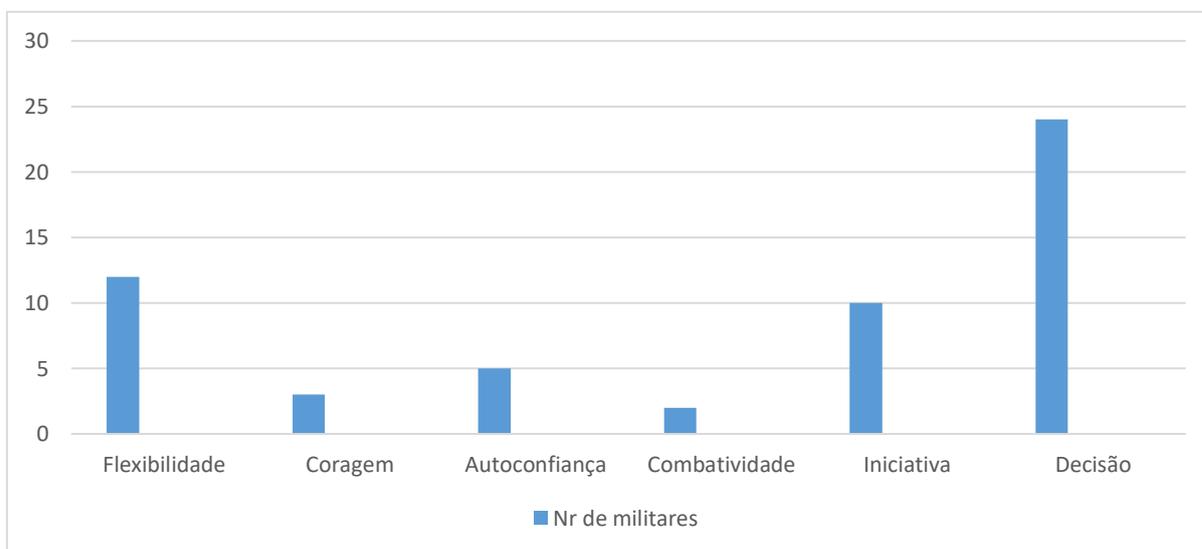


Gráfico 6 – Atributos mais importantes para o Cmt GC em operações interagências
Fonte: o autor

4.7 ORGANIZAÇÃO DO GRUPO DE COMBATE EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

Este subcapítulo trata da pergunta 8 do questionário. A indagação foi aberta e acerca da organização atual do grupo de combate, no Exército Brasileiro. A intenção foi investigar se o Cmt GC faria alguma mudança na constituição da fração que, atualmente, é 1 (um) 3º Sgt, 2 (dois) cabos e 6 (seis) soldados.

Dos militares que responderam à pergunta corretamente, 71,83% acharam adequada a atual organização do grupo de combate e 28,16% dos respondentes, fariam alguma alteração no efetivo. O quadro abaixo considerou os militares que fariam alguma alteração na constituição do GC, levando em consideração a amostra.

Nr	Alteração na organização do GC	Número Absoluto	Percentual
1	Considera inadequada, mas não disse qual alteração	2	2%
2	Aumentaria o efetivo	9	12%

3	Diminuiria o efetivo	9	12%
----------	----------------------	---	-----

Quadro 7: Alterações no GC mais mencionadas na pesquisa

Fonte: o autor

Dois militares informaram que fariam alteração na organização do GC, mas não mencionaram qual seria a mudança, conforme o Quadro 7, adiante:

ALTERAÇÃO	RESPOSTAS	Nr
Considera inadequada, mas não disse qual alteração (2%)	Considero inadequada a organização do GC	1
	Faria alteração no efetivo do GC	1
	TOTAL	2

Quadro 8: Militares que não informaram qual alteração realizariam

Fonte: o autor

Os militares que fariam alteração para aumentar o efetivo foram de 12% da amostra pesquisada. O aumento de efetivo se daria de diversas formas, conforme o Quadro 9, a seguir:

ALTERAÇÃO	RESPOSTAS	Nr
AUMENTARIA O EFETIVO (12%)	Aumentaria mais um 3º Sgt e um 2º Sgt sem o CAS para comandar o GC. O GC teria 11 homens.	1
	Aumentaria mais um cabo e ficaria com 3 esquadras.	1
	Aumentaria mais um Sd por esquadra.	2
	Aumentaria com mais um militar no GC (atendente)	3
	Aumentaria mais uma esquadra	1
	Aumentaria o número de Sd para o Cmt GC ter sua equipe. Assim teria três esquadras.	1
	TOTAL	9

Quadro 9: Militares que aumentariam o efetivo do GC

Fonte: o autor

A alteração de diminuir o efetivo do GC, também, apresentou-se em 12% do total da amostra pesquisada. Verificou-se que a principal redução do efetivo recaiu sobre a diminuição do número de soldados, para apenas 4 (quatro) no GC, conforme o resultado apresentado no Quadro 10, adiante:

ALTERAÇÃO	RESPOSTAS	Nr
	Diminuiria de 6 soldados para 4 soldados	6
	Dependendo do terreno é melhor ter menos efetivo para melhorar a flexibilidade e o controle.	1
	Diminuiria o efetivo do GC	1

DIMINUIRIA O EFETIVO (12%)	Diminuiria o efetivo do GC pois se torna mais fácil controlar em localidade	1
	TOTAL	9

Quadro 10: Militares que diminuiriam o efetivo do GC
Fonte: o autor

4.8 DOTAÇÃO DO ARMAMENTO E MUNIÇÃO DO GC EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

A pergunta número 9 do questionário foi acerca da dotação de munição e armamento para os GC em operações interagências. O percentual de militares que fariam alguma modificação nas dotações, também, foi muito semelhante a aqueles que modificariam a organização do GC. Os sargentos que não modificariam foram 69,33% e 30,66% propuseram diversas alterações que foram expostas, no Quadro 11, a seguir:

ALTERAÇÃO	RESPOSTAS	Nr
ALTERARIA A DOTAÇÃO DE ARMAMENTO E/OU MUNIÇÃO (30,36%)	Colocaria um <i>Taser</i> por GC	2
	Precisamos de mais Armt e Mun menos letal	5
	Colocaria 25% de espingarda Cal.12 e granada de luz e som	1
	Colocaria todos do GC com pistola	3
	Colocaria todos do GC com pistola, Cb com espingarda Cal .12 e Sd com AM 600	1
	Colocaria mais Mun Cal .12 e <i>Spray</i> de pimenta	1
	Colocaria calibre 5,56mm e 7,62mm no GC	1
	Alteraria de acordo com a operação levando em conta os fatores da decisão	1
	Colocaria uma metralhadora MINIMI, um fuzil 7,62mm, uma Cal .12 e o restante com Fz 5,56mm e Pst. Para os Cmt GC e Esq miras holográficas	1
	Demais respostas	7
	TOTAL	23

Quadro 11: Alterações na dotação de armamento e munição
Fonte: o autor

É importante salientar que três respostas foram alinhadas com a doutrina do Exército Brasileiro no tocante a conflitos no amplo espectro. Os sargentos, de forma geral, responderam que as dotações são de acordo com as peculiaridades de cada missão.

Conforme o manual de Doutrina Militar Terrestre, a modularidade está diretamente relacionada ao conceito de elasticidade. Ela faculta aos comandantes adotar estruturas de combate “sob medida” para cada situação de emprego (BRASIL, 2014).

4.9 MATERIAIS E VIATURAS DOS GC EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

A pergunta número 10 tratava dos diversos equipamentos e viaturas utilizadas pelo GC em operações interagências. Apenas 12 (doze) militares, ou seja, 16% responderam que os equipamentos (capacete, colete, equipamentos rádios etc) e viaturas são adequados para as operações.

As insatisfações relativas ao equipamento foram das mais diversas. 60 (sessenta) militares propuseram alterações, ou seja, 80% da amostra. Alguns militares responderam erroneamente a questão e não foram categorizados.

As respostas foram categorizadas, de forma que ficassem mais fáceis de serem estudadas, pois muitos militares alterariam mais de um equipamento para as operações interagências. As respostas foram categorizadas em doze classes de alterações, conforme o Quadro 12, a seguir:

Nr	Categoria	Número Absoluto	Percentual
1	Substituiria o colete balístico	33	44%
2	Substituiria o capacete balístico	28	37,33%
3	Substituiria as viaturas por viaturas blindadas	13	17,33%
4	Substituiria os equipamentos rádio	8	10,66%
5	Retiraria o capacete	6	8%
6	Não utilizaria as viaturas 5 Ton	5	6,66%
7	Separaria equipamentos somente para operação	3	4%
8	Usaria <i>Headset</i> nas rádios	2	2,66%
9	Disponibilizaria um rádio por homem	2	2,66%
10	Disponibilizaria mais viaturas	1	1,33%
11	Disponibilizaria OVN	1	1,33%
12	Disponibilizaria melhores módulos para os coletes	1	1,33%

Quadro 12: Alterações nos equipamentos e viaturas mais mencionadas na pesquisa

Fonte: o autor

A alteração relativa aos equipamentos e/ou viaturas empregadas em operações interagências foi a substituição do colete balístico. 44% dos militares pesquisados

estão insatisfeitos com o equipamento. A principal reclamação é que o colete tira a mobilidade do militar.

É comum observar, nas operações, que muitos militares compram seu próprio colete. Eles transferem as proteções balísticas do colete da cadeia de suprimento e colocam no seu equipamento particular afim de obter mais conforto e mobilidade. O Quadro 13, adiante, apresenta parte das respostas referente ao colete balístico.

ALTERAÇÃO	RESPOSTAS	Nr
SUBSTITUIRIA O COLETE BALÍSTICO (44%)	O equipamento é necessário, porém a maioria não tem as melhores condições e estão fora do padrão atual necessário. As Vtr Marruá não são adequadas, não tem jogo e em caso de perseguição não tem estabilidade e segurança para os ocupantes.	1
	O colete e o capacete são incompatíveis com o ambiente confinado que às vezes os militares utilizam para o deslocamento no interior das comunidades bem como dentro das Vtr para o transporte de tropa (Guarany, Marruá, 5 Ton). O equipamento rádio seria mais eficiente se a coordenação pelo pacificador do posicionamento dos grupos fosse melhor.	1
	O colete e capacete poderiam ser mais compactos, para melhor mobilidade.	1
	Coletes e capacetes deveriam ser mais modernos e um rádio por militar do GC.	1
	Os coletes e capacetes podem ser melhores em conforto, qualidade do material e peso. E quanto aos rádios, o ideal era ter um por homem do GC.	1
	Os coletes e capacetes são inadequados para ambiente urbano, pois dificulta a entrada em ambientes e limita muito a movimentação no embarque e desembarque.	1
	O colete e o capacete limitam muito os movimentos e as Vtr não são blindadas.	1
	Esses coletes e capacetes da reserva limitam muito os movimentos e as Vtr não são blindadas.	1
	O colete usado pelo Exército é desconfortável, diminuindo e muito nossa mobilidade, da mesma forma o capacete que é de difícil ajuste e por vezes atrapalha a alça-massa.	1
	Vejo o capacete e o colete muito pesados e de péssima qualidade, eu, principalmente, compraria capacete tático balístico que é utilizado nas tropas especiais do EB e distribuiria para toda a tropa.	1
	Demais respostas	23
TOTAL	33	

Quadro 13: Alterações no colete balístico.

Fonte: o autor

A segunda alteração mais citada foi a substituição do capacete balístico. Esta categoria atingiu o percentual de 37,33% da amostra, com 27 (vinte e sete) militares. As principais queixas foram a respeito da limitação da visão, desconforto e difícil ajustagem a cabeça. O Quadro 14, a seguir, explora parte das respostas da amostra:

ALTERAÇÃO	RESPOSTAS	Nr
SUBSTITUIRIA O CAPACETE BALÍSTICO (37,33%)	O equipamento é necessário, porém a maioria não tem as melhores condições e estão fora do padrão atual necessário. As Vtr Marruá não são adequadas, não tem jogo e em caso de perseguição não tem estabilidade e segurança para os ocupantes.	1
	O colete e o capacete são incompatíveis com o ambiente confinado que às vezes os militares utilizam para o deslocamento no interior das comunidades bem como dentro das Vtr para o transporte de tropa (Guarany, Marruá, 5 Ton). O equipamento rádio seria mais eficiente se a coordenação pelo pacificador do posicionamento dos grupos fosse melhor.	1
	O colete e capacete poderiam ser mais compactos, para melhor mobilidade.	1
	Coletes e capacetes deveriam ser mais modernos e um rádio por militar do GC.	1
	Os coletes e capacetes podem ser melhores em conforto, qualidade do material e peso. E quanto aos rádios, o ideal era ter um por homem do GC.	1
	Os coletes e capacetes são inadequados para ambiente urbano, pois dificulta a entrada em ambientes e limita muito a movimentação no embarque e desembarque.	1
	O colete e o capacete limitam muito os movimentos e as Vtr não são blindadas.	1
	Esses coletes e capacetes da reserva limitam muito os movimentos e as Vtr não são blindadas.	1
	O colete usado pelo Exército é desconfortável, diminuindo e muito nossa mobilidade, da mesma forma o capacete que é de difícil ajuste e por vezes atrapalha a alça-massa.	1
	Vejo o capacete e o colete muito pesados e de péssima qualidade, eu, principalmente, compraria capacete tático balístico que é utilizado nas tropas especiais do EB e distribuiria para toda a tropa.	1
	Demais respostas	17
	TOTAL	27

Quadro 14: Alterações no capacete balístico.
Fonte: o autor

A terceira alteração mais citada na pergunta foi a substituição das viaturas atuais por blindadas. A modificação não atingiu percentual tão alto quanto as duas primeiras categorias, mas ainda teve relevância com 17,33% da amostra levantando a

possibilidade de se ter viaturas blindadas para a tropa. Os resultados são apresentados no Quadro 15, a seguir:

ALTERAÇÃO	RESPOSTAS	Nr
SUBSTITUIRIA AS VIATURAS POR VIATURAS BLINDADAS (17,33%)	As viaturas não são adequadas, pois deveria existir um grau de blindagem mínima para trazer mais segurança aos operadores.	1
	Colete e capacete limitam muito o movimento e as viaturas não são blindadas.	1
	Esses coletes e capacetes da reserva limitam muito os movimentos e as viaturas não são blindadas.	1
	Faria alteração nas viaturas, uso de viaturas blindadas. O capacete é muito importante, mas dependendo da operação, não haveria necessidade, podendo ser a boina.	1
	Viatura blindada em operações conjuntas.	1
	A viatura pode ser melhor e blindada.	1
	Viaturas blindadas e mais atuais seriam melhores para o cumprimento das missões.	1
	Poderia ter mais segurança nas viaturas.	1
	O colete dificulta a mobilidade, deveria ser menor e modular, capacete idem ao colete, as rádios APX cumprem a missão; as Vtr marruá e Atego 5 Ton deixam a tropa exposta e tem a mobilidade reduzida, a lince é a melhor opção.	1
	Viatura leve com blindagem, no caso a Marruá não possui blindagem para os militares, e melhoraria os meios de comunicações, fornecendo celulares com bateria reserva tendo em vista que em muitas ocasiões o rádio não fala, tendo que adaptar as com para o canal <i>whatsapp</i> .	1
	TOTAL	10

Quadro 15: Alterações nas viaturas

Fonte: o autor

A quarta alteração mais citada foi alteração nos equipamentos rádio. Esta modificação foi mencionada por 10,66% da amostra, totalizando 8 militares. A reclamação principal é de que muitas vezes a rádio não consegue transmitir as mensagens e são usados meios alternativos como aplicativos de *smartphones* para obter comando e controle. O Quadro 16 expõe, a seguir, os resultados.

ALTERAÇÃO	RESPOSTAS	Nr
	Trocaria equipamento rádio e colete.	2
	Faria alterações no equipamento rádio para que melhorasse o sigilo. O colete de forma a melhorar a mobilidade.	1
	Retiraria o capacete e melhoraria a rádio.	2

SUBSTITUIRIA OS EQUIPAMENTOS RÁDIO (10,66%)	Viatura leve com blindagem, no caso a Marruá não possui blindagem para os militares, e melhoraria os meios de comunicações, fornecendo celulares com bateria reserva tendo em vista que em muitas ocasiões o rádio não fala, tendo que adaptar as com para o canal <i>whatsapp</i> .	1
	O capacete balístico e o equipamento rádio não são adequados.	1
	O colete e o capacete são incompatíveis com o ambiente confinado que às vezes os militares utilizam para o deslocamento no interior das comunidades bem como dentro das Vtr para o transporte de tropa (Guarany, Marruá, 5 Ton). O equipamento rádio seria mais eficiente se a coordenação pelo pacificador do posicionamento dos grupos fosse melhor.	1
	TOTAL	8

Quadro 16: Alterações nos equipamentos rádio
Fonte: o autor

O restante das alterações foi categorizada no Quadro 12 e todas obtiveram menos de 10% de deficiências, levantadas pelos militares. Uma delas que cabe ressaltar é a utilização das viaturas 5 Ton para patrulhamento ostensivo, pois seu tamanho é inadequado onde normalmente ocorrem as operações.

As perguntas 8, 9 e 10 se destinaram a verificar de que forma os comandantes de GC desejariam ter a organização, a dotação de armamento e material dos seus grupos. Considerando que o preparo da tropa não se expressa somente pelas condições da instrução e do adestramento, mas também pela forma como organizam-se e equipam-se as frações.

4.10 PRINCIPAIS INSTRUÇÕES PARA OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

A pergunta 11 tratou das instruções que devem ser enfatizadas ou inseridas caso não sejam previstas no preparo das operações interagências. As respostas foram categorizadas em 17 (dezessete) instruções para melhor estudá-las, conforme o Quadro 17, a seguir:

Nr	Categoria	Número Absoluto	Percentual
1	Combate em área edificada	31	41,33%
2	Noções de direito	14	18,66%
3	Tiro	10	13,33%

4	Regras de engajamento	8	10,66%
5	Entrada tática	4	5,33%
6	Operação de busca e apreensão	3	4%
7	Técnicas de abordagem	3	4%
8	Revista de pessoal e material	3	4%
9	Primeiros socorros	3	4%
10	Operação de controle de distúrbios	3	4%
11	<i>Check-point</i>	2	2,66%
12	Patrulhamento	2	2,66%
13	Técnica de ação imediata	2	2,66%
14	Instrução com Aeronave de asa rotativa	1	1,33%
15	Instrução com blindados	1	1,33%
16	Comunicações	1	1,33%
17	Combate corpo a corpo	1	1,33%

Quadro 17: Instruções que devem ser enfatizadas ou inseridas

Fonte: o autor

A categoria com mais respostas foi a de combate em área edificada. Na qual, 41,33% dos militares consideraram esta instrução como tendo a maior importância. Levando-se em conta que a maioria das operações interagências na cidade do Rio de Janeiro se dão em áreas urbanas. Logo, a amostra julga importante enfatizar as instruções em ambiente urbano. Conforme o Quadro 18, adiante:

INSTRUÇÃO	RESPOSTAS	Nr
COMBATE EM ÁREA EDIFICADA (41,33%)	Combate em localidade.	1
	Progressão – Patrulhamento em área de risco.	1
	Combate em localidade.	1
	Progressão em área urbana.	1
	Combate em localidade e amparo jurídico.	1
	Combate em localidade e instruções para amparo jurídico.	1
	Progressão urbana para adestramento.	1
	Instrução de combate em localidade tendo em vista as diversas missões no estado do Rio de Janeiro.	1
	Combate em localidade, pois é mais onde atuamos no momento.	1
	PBCE, OBA, progressão e regras de engajamento.	1
	Demais respostas	21
	TOTAL	31

Quadro 18: Instruções de combate em área edificada

Fonte: o autor

A segunda resposta mais mencionada foi o assunto noções de direito e amparo legal. Ao todo, 18,66% da amostra julgou que instruções relativas à legislação devem

ser inseridas. A principal finalidade é conhecer os procedimentos corretos a luz da legislação vigente e sem estar diretamente ligado com o combate (regras de engajamento). Por exemplo, o trato com menores de idade apreendidos. O Quadro 19, a seguir, apresenta o resultado.

INSTRUÇÃO	RESPOSTAS	Nr
NOÇÕES DE DIREITO E AMPARO LEGAL (18,66%)	GLO, noções de direito e primeiros socorros.	1
	Legislação deve ser prioridade. Bater cada item das regras de engajamento de cada operação.	1
	Combate Urbano e legislação.	1
	Direito, tendo em vista que lidamos com diferentes classes da sociedade.	1
	Op GLO, noções de direito, regras de engajamento, primeiros socorros e adestramento de tiro.	1
	Amparo legal, a legislação muda constantemente e a maioria dos militares não sabe como usar. Deveria ser ministrada por profissionais qualificadas, como militares da seção de justiça, promotores, juizes etc.	1
	Instruções operacionais (como tivemos com o BOPE) e leis e deveres.	1
	Regras de engajamento e algumas legislações.	1
	Instruções de regras de engajamento e direito.	1
	Orientações jurídicas, regras de engajamento.	1
	Demais respostas	4
	TOTAL	14

Quadro 19: Instruções de noções de direito e amparo legal

Fonte: o autor

A terceira resposta mais mencionada na pergunta 11 abordou que deveriam ser enfatizadas instruções de tiro. Onze militares da amostra, ou seja, 14,66% consideram que há poucas sessões de instrução de tiro. As respostas a cerca desta categoria foram várias, pois os sargentos propõem diversos módulos de tiro, considerados por eles mais adequados para enfrentar as situações que se apresentam durante a missão. O Quadro 20, adiante, descreve alguns tipos de instrução de tiro.

INSTRUÇÃO	RESPOSTAS	Nr
	Instrução de TAI Of e Def, e situações de contingência, comunicações, maior foco no tiro de ação reflexa.	1
	Progressão em área de risco, ambiente confinado, tiro de ação reflexa, tiro em progressão, técnicas de ação imediata, tiro e emprego de munição não letal.	1
	Instruções de <i>Stress fire</i> . Os militares devem estar o tempo todo adestrados.	1

TIRO (13,33%)	Tiro de preparação reflexo.	1
	Tiro. Melhorar o adestramento da tropa.	1
	Tiro. Maior adestramento da tropa.	1
	Módulos de tiro e TTPS, porque se faz necessário que uma tropa de caráter especial esteja preparada.	1
	Op GLO, noções de direito, regras de engajamento, primeiros socorros e adestramento de tiro.	1
	Tiro seletivo, progressão.	1
	Tiro sob estresse, pois prepara o militar para agir mediante qualquer circunstância.	1
	TOTAL	10

Quadro 20: Instruções de tiro
Fonte: o autor

As regras de engajamento foram valorizadas por 8 (oito) dos pesquisados, representando 10,66% dos militares da amostra. Embora tenha sido mencionada por um menor número de respondentes é considerada bastante importante devido a relevância da instrução. Conforme descrito no Quadro 21, a seguir:

INSTRUÇÃO	RESPOSTAS	Nr
REGRAS DE ENGAJAMENTO (10,66%)	Op GLO, noções de direito, regras de engajamento, primeiros socorros e adestramento de tiro.	1
	Regras de engajamento no que tange ao aspecto jurídico. Estar de acordo com a lei na execução das ações.	1
	PBCE, OBA, progressão e regras de engajamento.	1
	Orientações jurídicas. Regras de engajamento.	1
	Instruções de regras de engajamento e de direito.	1
	Regras de engajamento e algumas legislações.	1
	Uso progressivo da força.	1
	Legislação deve ser prioridade. Bater cada item das regras de engajamento de cada operação.	1
TOTAL	8	

Quadro 21: Instruções de regras de engajamento
Fonte: o autor

As demais instruções obtiveram menos de 5% das respostas. Mesmo assim devem ser observadas como deficiências as serem consideradas, mesmo que não tenham sido citadas pela maioria da amostra.

A relação de 17 (dezessete) categorias possui apenas 3 (três) instruções que estão entre os 28 (vinte e oito) assuntos do PP-CTTEP, são elas: a instrução de tiro, combate corpo a corpo e regras de engajamento. Logo, os outros 25 (vinte e cinco)

assuntos do programa-padrão de Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional não foram considerados importantes pelos pesquisados.

Além disso, as 3 (três) instruções comuns às categorias e aos assuntos do PP-CTTEP que devem ser enfatizadas não se destacaram entre as demais respostas. A instrução de tiro, regras de engajamento e combate corpo a corpo, obtiveram 13,33%, 10,66% e 1,33%, respectivamente.

As instruções com mais respostas, combate em área edificada e noções de direito nem sequer estão no PP-CTTEP, conforme os assuntos que foram expostos na revisão da literatura. A instrução de tiro que foi a terceira mais escolhida consta no PP-CTTEP, mas contempla apenas sessões de tiro muito simples. Houve demanda da parte da amostra por sessões mais complexas como *stress fire*, por exemplo.

Logo, verifica-se que há uma grande discrepância entre o que está previsto no PP e o que deve ser ministrado à tropa para prepará-la para a realidade das operações, no entender dos pesquisados.

4.11 DIFICULDADES EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

A pergunta 12 abordou acerca das maiores dificuldades enfrentadas pelo comandante de grupo de combate em operações interagências. As respostas foram separadas em 7 (sete) categorias de forma a facilitar a análise. Conforme segue-se o Quadro 22, adiante:

Nr	Categoria	Número Absoluto	Percentual
1	Planejamento e manobra	20	30,30%
2	Logística	19	28,78%
3	Comando e controle	13	19,69%
4	Adestramento	6	9,09%
5	Legislação	6	9,09%
6	Atributos da área afetiva	1	1,51%
7	Considerações Cíveis	1	1,51%

Quadro 22: Maiores dificuldades enfrentadas pelos GC
Fonte: o autor

A categoria que obteve o maior número de resposta foi “planejamento e manobra” com 30,30% das respostas. As dificuldades citadas foram das mais

diversas, como por exemplo falta de flexibilidade nas operações e pouco tempo de descanso para a tropa. Deve-se procurar corrigir tais deficiências no planejamento, a fim de diminuir a perda do rendimento da tropa. Conforme o Quadro 23, a seguir:

INSTRUÇÃO	RESPOSTAS	Nr
PLANEJAMENTO E MANOBRA (30,30%)	Clareza nas ordens, mobilidade e comunicação.	1
	Excesso de tempo na hora, pouco descanso, sem real necessidade.	1
	Subempregados em alguns caso e muitas vezes permanecem na hora por tempo em excesso, sem necessidade de fato.	1
	Divulgações essenciais para o cumprimento da missão como por exemplo: Hospitais próximos, “carômetro” etc.	1
	Na maioria das vezes não tem flexibilidade para evitar o desgaste da tropa.	1
	Manter fixo em um local sem poder de flexibilidade.	1
	O tempo exagerado que o militar fica na hora, pois o desgaste interfere no desempenho.	1
	Falta de conhecimento, principalmente, dos Cb/Sd das leis, grau de desgaste por pouco descanso e bases precárias.	1
	Desgaste da tropa, acho que o militar deve entrar na hora sabendo quando irá para o descanso.	1
	Falta divisão igualitária dos quartos de hora.	1
	Demais respostas	10
	TOTAL	20

Quadro 23: Dificuldades em manobra e planejamento

Fonte: o autor

A segunda categoria mais mencionada, como dificuldade, pelos Cmt GC foi a “logística”. Esta categoria obteve 28,78% das respostas com apenas uma resposta a menos que planejamento e manobra, o que levou a perceber-se que as duas têm um grau de relevância semelhante, pois apresentaram percentuais com menos de 2% de diferença. As principais dificuldades estão expostas no Quadro 24, adiante:

INSTRUÇÃO	RESPOSTAS	Nr
LOGÍSTICA (28,78%)	Apoio logístico – Instalações ruins (Já dormimos em papelão).	1
	Logística, pois a maioria dos planejamentos visa o pelotão e não o GC.	1
	Alimentação não é boa.	1
	Falta de conhecimento, principalmente, dos Cb/Sd das leis, grau de desgaste por pouco descanso e bases precárias.	1

	A parte logística. Necessidade de ter sempre uma base de apoio para as operações.	1
	Apoio logístico. Tendo em vista a brigada paraquedista operar nos primeiros contingentes, não há tempo para montar uma estrutura ideal para o descanso.	1
	Uma das maiores dificuldades talvez seria a do conforto, pois ficamos bastante tempo no combate e isso causa desgaste para a tropa, enfim sabemos suportar.	1
	Alimentação não é boa.	1
	Falta de logística. Por falta de planejamento.	1
	Falta de viaturas suficiente.	1
	Demais respostas	9
	TOTAL	19

Quadro 24: Dificuldades em logística
Fonte: o autor

As dificuldades na categoria “comando e controle” foi a terceira resposta mais citada. Esta categoria alcançou 19,69% das respostas. Os maiores obstáculos mencionados foram a falta de flexibilidade para a tomada de decisões e falta de coordenação com as outras agências na “ponta da linha”. Pode-se perceber no quadro 25, a seguir:

INSTRUÇÃO	RESPOSTAS	Nr
COMANDO E CONTROLE (19,69%)	Clareza nas ordens, mobilidade e comunicação.	1
	Quando atuando isolado do Cmt Pel, não se ter contato por comunicação com outras tropas, forças.	1
	Pouca autonomia para tomar decisões	1
	Falta de informação pelo escalão superior. O motivo não sei informar.	1
	Controle, porque muitas das vezes tais agentes querem agir de forma isolada.	1
	Falta de autonomia do Cmt GC.	1
	Falta de informação sobre a missão e falta de logística. Na pacificação da maré, por exemplo, meu GC ficou das 00:00 até as 17:00 sem suprimento e sem saber o que estava acontecendo.	1
	Falta de liberdade para tomar decisões.	1
	Comunicação, informação e material individual.	1
	Comunicabilidade entre os órgãos envolvidos, apesar da proximidade com os órgãos, algumas ideias não convergem por conta das regras de engajamento diferentes, em alguns casos.	1
	Demais respostas	3
	TOTAL	13

Quadro 25: Dificuldades em comando e controle
Fonte: o autor

As categorias “adestramento” e “legislação” receberam 9,09% das respostas. Mesmo assim, as respostas têm relevância para o estudo, pois parte das dificuldades encontra-se no treinamento da tropa, conforme o Quadro 26, adiante:

INSTRUÇÃO	RESPOSTAS	Nr
ADESTRAMENTO (9,09%)	Adestramento, por falta de um treinamento.	1
	Adestramento conjunto, pois a falta de coordenação e controle e até mesmo técnicas diferentes de operar dificultam as ações conjuntas.	1
	Falta de treinamento adequado, em momentos percebi que a progressão do GC não estava boa podendo comprometer a segurança.	1
	Falta de adestramento do GC devido a troca de militares constantes e pouco adestramento com equipamento e cenários mais próximos da realidade.	1
	Falta de integração com o GC, pois nem sempre trabalhamos com os mesmos homens.	1
	Ausência de integridade tática.	1
	TOTAL	6

Quadro 26: Dificuldades no adestramento

Fonte: o autor

O Quadro 27, adiante, apresenta as dificuldades relativas à categoria “legislação”. Pois, na maioria das vezes, os Cmt GC não possui o conhecimento necessário da legislação que diz respeito as operações interagências. Assim sendo, o militar fica com dúvidas quanto as ações que pode ou não realizar no decorrer das missões.

INSTRUÇÃO	RESPOSTAS	Nr
LEGISLAÇÃO (9,09%)	Falta de conhecimento, principalmente, dos Cb/Sd das leis, grau de desgaste por pouco descanso e bases precárias.	1
	Falta de amparo judicial para as operações, pois nossas ações são muito limitadas porque não tem respaldo jurídico.	1
	Emprego do armamento devido a legislação.	1
	Regras de engajamento. As regras surgem diferenças de uma agência para outra, o que muitas vezes surgem divergências entre os procedimentos a serem adotados.	1
	Falta de conhecimento da legislação aplicada.	1
	Apoio Logístico, instalações inadequadas e excludente de licitude “Retaguarda jurídica”	1
	TOTAL	6

Quadro 27: Dificuldades na legislação
Fonte: o autor

4.12 VALOR DA TROPA EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

A pergunta número 12 do questionário tratou do valor da tropa empregada na maioria das missões em operações interagências. A intenção da proposição era identificar qual valor das frações mais empregadas no âmbito de uma SU de infantaria nas missões. As alternativas foram os níveis GC, Pel e SU.

Cabe ressaltar que as operações ao nível grupo de combate são realizadas quando essa fração atua isoladamente. Já as operações ao nível pelotão dão-se quando os GC atuam em missões específicas, porém sob o comando e contato visual do Cmt Pel. Ao nível SU, toda a companhia de fuzileiros cumpre a mesma missão.

As respostas consideraram as operações que os sargentos julgaram mais importantes, no período de 2011 a 2018. O resultado mais obtido foi o de que na maioria das operações o emprego das frações ocorreu, preferencialmente, ao nível GC com 64,05%. As operações realizadas pelos pelotões foram em 19,60% das vezes e as ao nível SU se deram em apenas 16,33% das missões.

4.13 ASSUNTOS DE INSTRUÇÃO

O item 13 tratou de investigar quais instruções seriam mais relevantes no preparo individual e do GC para o emprego em operações interagências. As alternativas que o militar poderia selecionar eram assuntos do atual PP-CTTEP e assuntos da proposta de Manual de Treinamento do Batalhão Brasileiro em Operações de Manutenção da Paz do Ministério da Defesa.

Dessa forma, o sargento poderia escolher 15 (quinze) assuntos que ele julgasse mais importantes para o cumprimento de missões em ambiente interagências. Vinte e sete assuntos do PP-CTTEP e os 26 (vinte e seis) da minuta do Manual de Treinamento foram organizados de forma intercalada para não induzir a resposta do respondente. Apenas o assunto Treinamento Físico Militar era comum aos dois.

A resultado levantou as 15 alternativas mais escolhidas pelos respondentes, conforme segue o Quadro 28, adiante:

Nr	Assuntos de Instrução	Documento	Número Absoluto	Percentual
1	Técnicas de combate em localidade	Manual	70	93,33%
2	Operações de Controle de Distúrbio	Manual	65	86,66%
3	Patrulhas (a pé, motorizada e mecanizadas)	Manual	62	82,66%
4	Operação de cerco, investimento e vasculhamento	Manual	62	82,66%
5	Armamento, Munição e Tiro – <i>Stress Fire</i>	Manual	62	82,66%
6	Operação de busca e apreensão	Manual	61	81,33%
7	Tiro – TIA	PP - CTTEP	52	69,33%
8	<i>Check Point / Static Point</i>	Manual	51	68%
9	Posto de Segurança Estático	Manual	48	64%
10	Ocupação e emprego de Pontos Fortes	Manual	41	54,66%
11	Comunicação Social	PP – CTTEP	31	41,33%
12	Garantia da Lei e da Ordem (amparo legal)	PP – CTTEP	30	40%
13	Mobilização	PP – CTTEP	30	40%
14	Escolta de Comboio	Manual	29	38,66%
15	Direito Internacional Humanitário (DIH) e Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA)	PP - CTTEP	26	34,66%

Quadro 28: Assuntos de Instrução mais importantes no preparo individual ou GC

Fonte: o autor

As respostas da pergunta 13 apresentaram que os 10 (dez) assuntos considerados mais importantes no preparo da tropa, apenas um era do PP-CTTEP. Já o manual é voltado para o preparo da tropa para operações de manutenção da paz, que se assemelha em muitos aspectos das operações interagências no Brasil, por ambas serem operações de não-guerra.

A instrução de Tiro – TIA, que consta no PP-CTTEP, foi considerada a sétima mais importante, o que é coerente, pois ela está entre as instruções listadas anteriormente que são voltadas para o emprego da tropa. De acordo com o já exposto na Revisão da Literatura, dos 27 (vinte e sete) assuntos do PP-CTTEP, apenas 7 (sete) são voltados para o preparo da tropa para operações interagências.

4.14 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com militares que comandaram companhia de fuzileiros, batalhão de infantaria e comando operativo em operações interagências. Elas enriqueceram esta investigação permitindo verificar, em melhores condições, como deve ser o preparo da tropa para as operações. Conforme se verifica nos comentários adiante dos Cmt Cia Fuz:

“O resultado das frações nas operações de GLO, durante a Intervenção Federal, teve resultado positivo fruto das experiências passadas e instruções ministradas por militares que vivenciaram este tipo de operação em outras ocasiões. Em nada o PAB contribuiu para tal”.

“A preparação é feita basicamente através das instruções em que os oficiais e sargentos ensinam os conhecimentos adquiridos na prática em operações anteriores”.

“O desempenho bom nas operações não se deve ao PAB, mas sim da experiência dos quadros, oficiais e sargentos, que tiveram esse tipo de operação em outros anos, em outras épocas, e essa experiência refletiu no bom desempenho. Eu não considero que o bom desempenho se deu por parte do PAB”.

“A carga de instruções, a mais, foram responsáveis pelo bom desempenho das pequenas frações”.

“A CTTEP, puramente como prescrito no PP, não está dimensionada acertadamente para a capacitação dos Comandantes de pequenas frações atuarem neste tipo de operações, tendo em vista a peculiaridade da legislação, as diferentes regras de engajamento, a variedade de ameaças, os equipamentos e armamentos e os empregos serem específicos, bem como a técnica de progressão e coordenação”.

“A constância no Ensino de determinada técnica também é vital para o bom desempenho de uma fração em operações. Instruções de reciclagem devem ser constantemente ministradas caso queiramos deixar nossa tropa em condição permanente”.

“Há que se admitir que sem um preparo prévio e bem direcionado, o trabalho de comando e controle dos Cmt em todos os níveis fica extremamente extenuante e a qualidade da operacionalidade da tropa cai sensivelmente”.

De acordo com as respostas dos Cmt Cia Fuz induz-se que o PP-CTTEP é incompatível com a realidade enfrentada pela tropa. O planejamento dos Cmt SU com

relação a instrução das companhias é, em sua maioria, baseado na experiência de militares que já participaram de operações. Eles não utilizam nenhum programa-padrão para conduzir o preparo de suas frações.

Os Cmt Cia Fuz entrevistados identificaram assuntos que podem ser inseridos nos programa-padrão de forma a adequá-los a realidade das operações interagências, de acordo com os relatos, a seguir:

“Tiro de ação reflexa e progressão em ambiente urbano.”

“Progressão em áreas edificadas, tiro de ação reflexa, noções básicas de APF, procedimento em caso de falecimento de APOP em confronto.”

“Módulos de tiro progressivos a partir do TIA, passando por tiros em movimento, sobre *stress* em pistas que simulem o combate urbano; ferramentas úteis neste tipo de Op (Sinesp Cidadão, *App* georeferenciadores, comunicação por meio troncalizado, procedimento com baixas e feridos, procedimentos com detidos/presos/CJM e regras de engajamento).”

“Tiro sob *stress*, tiro de ação reflexa, questão de legislação, a parte de direito nas operações, sobre o que pode ser feito e não pode ser feito e TTP para patrulhamento.”

“O CTTEP precisa se modernizar, no capítulo destinado a GLO por exemplo, devem ser inseridos os ensinamentos colhidos destes últimos acontecimentos tais quais olímpiadas, greves de polícia militar (Espírito Santo), Intervenção Federal etc.”

Constatou-se que os Cmt Cia Fuz enfatizaram a necessidade de intensificar as mesmas instruções mencionadas pelos sargentos, anteriormente, no questionário. Os 4 (quatro) assuntos mais citados no questionário, quais sejam, o combate em área edificada, noções de direito, tiro e regras de engajamento foram, também, julgados muito importantes pelos Cmt SU.

A entrevista com o Cmt do 27º BI Pqdt, também alertou para as falhas do PP-CTTEP relativas ao preparo da tropa para os operações interagências e apontou as principais deficiências do seus subordinados.

“O PP carece de carga maior nesse tipo de operação. Cabe destacar que, para as pequenas frações, a atuação do Pel/GC com outras agências vai acontecer no nível tático, crescendo de importância o conhecimento que nossas frações devem ter em relação aos *modus operandi* das demais agências que estiveram trabalhando conosco.”

“O conhecimento do papel de cada agência por parte de nossas tropas é fundamental. É fundamental que o Cmt da pequena fração, que na maioria das vezes é o protagonista em missões descentralizadas, conheça o trabalho de cada agência a fim de poder coordenar as ações em melhores condições.”

Além disso, foram realizadas entrevistas com militares que participaram de operações interagências com diversos órgãos. Por exemplo, Polícia Federal (PF), Polícia Rodoviária Federal (PRF), Receita Federal, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), dentre outros.

A intenção foi verificar quais os procedimentos e melhores práticas são comuns a maioria das agências, a fim de programar instruções, visando capacitar a tropa a atuar com os demais órgãos em melhores condições.

As respostas mencionaram que é necessário conhecer os *modus operandi* das demais agências com o propósito de facilitar a atuação em conjunto ou até mesmo para substituí-las sob determinadas condições.

Por exemplo, caso a operação fosse de impedir o desmatamento ilegal, transporte ilegal de madeira e animais silvestres, a tropa deve receber instruções relativas aos crimes ambientais e saber como os agentes do IBAMA operam para impedir tais crimes.

Em operações na faixa de fronteira sul do Brasil, a tropa deve ter conhecimento da legislação acerca de crimes relacionados ao contrabando e descaminho a fim de operar junto com a Receita Federal. Ademais, receber instruções das melhores práticas deste órgão a fim de obter melhores resultados.

A entrevista com o Cap **CHEISLAC** ANTONIO SANTOS SILVA, militar com experiência em operações especiais em ambiente interagências, foi bastante esclarecedora. O referido militar abordou de que forma uma companhia de infantaria estaria inserida em uma operação especial no contexto interagência.

A principal forma seria na prevenção e combate ao terrorismo. A prevenção dar-se-ia com o militar sendo um sensor de inteligência a fim de dar alerta oportuno para ameaça terrorista e buscar responder os elementos essenciais de inteligência. Outra forma, seria compondo uma equipe de extração na ocorrência de ataque terrorista em ambiente confinado, como um *Shopping Center*.

Segundo ele, a situação ideal seria um Destacamento de Ações de Comandos para executar a missão de equipe de extração, porém dificilmente o destacamento

está disponível para este tipo de atividade. Logo, deve-se preparar militares das companhias de fuzileiros, como foi o caso nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016.

Além disso, ele enfatizou que todo militar deve ter a capacidade de ser um vetor de operação psicológica direto, ou seja, agregar valor psicológico às ações de combate. Exemplificando, os militares devem ser capazes de realizar ações com o propósito de conseguir e manter o apoio da opinião pública, visto que as considerações civis é um fator da decisão do comandante.

A entrevista com o Gen Div ANTONIO MANOEL DE **BARROS** comandante da Força-Tarefa Santos Dumont e do Comando Conjunto durante as operações Arcanjo e Intervenção Federal no Rio de Janeiro, respectivamente, foi bastante elucidativa. O oficial general transmite seus pontos de vista a respeito da evolução do ambiente interagências em operações com lapso temporal de dez anos. No entanto, ele afirmou que não se pode estabelecer uma comparação direta entre as duas operações.

“Durante a Intervenção Federal, eu tinha contato com o comando da Polícia Militar e comando da Polícia Civil, o que não ocorreu durante a atuação da FT. Tinha-se o contato, porém não havia um instrumento legal específico. Na Intervenção havia um comando único. [...] No aspecto tático as ações ficaram facilitadas, na atuação e coordenação. [...] Houve sim uma melhora geral no aspecto de integração com outras agências.”

A respeito da pergunta, como evitar que uma falha tática tenha reflexo estratégico ou até político?

“Tivemos mais de vinte ataques a nossas patrulhas, o interessante é que tivemos zero, zero, zero, efeito colateral, nenhum civil inocente foi morto durante a operação da intervenção. Mas por que isso? Primeiro, o adestramento da tropa [...]. Segundo, era muito claro, em cada operação a intenção do comandante. Nesse caso a orientação era muito clara. Ela tinha que ser clara e simples. Intenção do comandante com quatro, cinco, seis, sete, parágrafos não pode ser. Ela tem que ser muito objetiva.

Além disso, eu tinha os ensaios táticos, onde os Cmt Bda e Cmt Btl apresentavam a manobra ao Comando Conjunto. Dessa maneira, eu tinha certeza que todas as diretrizes estavam sendo tomadas nesse sentido. Isso é fundamental! Ter uma diretriz simples, objetiva, concreta e exequível. Assim foi feito em todas as operações. Aí vem o princípio da liderança e chefia para que se garanta o cumprimento e a fiel observância de todos os aspectos.”

A respeito das instruções que devem ser enfatizadas para os grupos de combate, o Gen Barros fez a seguinte abordagem.

“O GC tem que estar em condições de operar em ambiente urbano com população. Isso é fundamental! No nível tático, ele deve estar em condições de ocupar o terreno, progredir no terreno e saber empregar suas técnicas, táticas e procedimentos são fundamentais.

Aí vem o Segundo ponto, lidar com a população. Quando ele vai para um ambiente desses, o APOP está mesclado com a população, junto aos trabalhadores. Ele tem que ter a capacidade de lidar com a população, pois ele está exposto ao APOP e há outras ingerências que ele não controla. Inclusive por agentes da mídia que porventura queiram desmoralizar a atuação da tropa.

Então, ele deve saber lidar com o ambiente urbano em termos das técnicas, táticas e procedimentos, na relação com aqueles que moram na comunidade, sabendo que ele fica exposto e em termos da preservação da imagem da Força.

Quando descemos para as operações interagências, entramos na situação do cabo estratégico, que ele deve entender a importância das outras agências e entender como aquele agente de outro órgão pensa. Qual o procedimento deles? Tem que buscar a integração em uma ação tática específica, sabendo que ele vai ter que atuar com as outras agências e estar preparado para isso.”

O Gen Barros completa sobre a mínima fração a ser empregada nas operações, variando do nível GC até companhia.

“o emprego no nível GC, pelotão ou companhia vai depender do estudo de situação. Não podemos aferir que o grupo é a base, ou o pelotão é a base. Mas eu posso garantir, isso eu não tenho dúvida que a fração do grupo de combate tem que estar preparada para atuar isolada. Isso sim, eu não tenho dúvida, disso! Esse é combate moderno!”

5 CONCLUSÃO

A missão de paz no Haiti, liderada pelo Brasil no componente militar, foi reconhecidamente um sucesso para a Organização das Nações Unidas. O emprego do Exército Brasileiro na MINUSTAH possibilitou um grande avanço no preparo e emprego da Força Terrestre, nesse tipo de operação. Esta evolução possibilitou o desenvolvimento de doutrina, readequação dos equipamentos e armamentos.

Durante o período de atuação do Exército Brasileiro na MINUSTAH, também ocorreram por diversas vezes o emprego de tropa em solo brasileiro. A atuação no país, em sua maioria, foi em operações interagências de grande vulto, muitas delas ocorridas na cidade do Rio de Janeiro,

Assim sendo, por algumas vezes foi decretado pelo Presidente da República o emprego do EB em operações de Garantia da Lei e da Ordem. As operações Arcanjo (2010) e as operações Furacão (2017-2018) são exemplos bem característicos do emprego da FT. Mais recentemente, essas atuações culminaram com a Intervenção Federal na Segurança Pública, no Estado do Rio de Janeiro.

Muitos dos militares empregados no Rio de Janeiro, nesse período, tinham larga experiência, pois haviam atuado no Haiti. Para o desdobramento naquele país todos os militares eram rigorosamente selecionados e passavam por treinamento intenso pelo período de seis meses. Assim, capacitavam-se a atuação em território estrangeiro.

Os treinamentos para as operações de Manutenção da Paz eram baseados em manuais da ONU. Tais documentos deram origem a um programa-padrão para o treinamento dos cabos e soldados similar a documentação de instrução do Exército Brasileiro. Embora empregado por alguns anos na preparação da tropa, o PP não foi oficialmente adotado.

Nesse contexto, a pesquisa realizada por este trabalho resolveu o problema de avaliar se o atual preparo da companhia de fuzileiros capacita plenamente suas frações para o emprego em operações interagência. Considerando, entre outros fatores, que o EB tem, atualmente, apenas um PP voltado para a Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional.

A pesquisa constatou que o EB está atualizado em relação ao seu conceito operativo para operações no amplo espectro, pois outros países seguem a mesma

direção. De forma que, no manual de operações não consta apenas operações ofensivas e defensivas, mas também as operações de cooperação e coordenação com agências em menor ou maior grau.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que não somente o grau de instrução é o responsável pelo nível de preparação da tropa. Assim sendo, buscou-se identificar se a organização do grupo de combate, o armamento, a munição, os equipamentos e as viaturas estavam adequados para o emprego em operações interagências.

De maneira geral, os militares pesquisados responderam que a atual organização do grupo de combate e a dotação de armamento e munição estão apropriadas ao emprego em operações interagências. No entanto, quando se tratou dos equipamentos houve uma grande demanda por alterações.

As principais alterações propostas foram relativas à substituição dos coletes e capacetes balísticos por outros de melhor qualidade. É possível verificar, nas operações, que muitos militares usam coletes particulares em suas atividades operacionais. Para isso, eles apenas transferem os componentes de proteção balística para seu próprio equipamento para melhor mobilidade.

Com relação ao emprego nas operações, foi verificado que na maioria das missões os grupos de combate são empregados de maneira descentralizada, em mais de 64% das vezes. Devido a isso, o problema da pesquisa foi acerca do preparo das frações da SU para emprego em operações interagências. Assim sendo, constatou-se que o GC deve estar muito bem preparado para operar isoladamente.

Ou seja, o maior tempo de instrução deve ser destinado a capacitação individual e dos grupos de combate. Além do mais, a par das características específicas do emprego do pelotão e da companhia, pode-se afirmar que: se os grupos de combate estão bem preparados, os pelotões e as subunidades estarão, também, bem preparados.

Em vista disso, foi formulada a hipótese de estudo: o preparo das companhias de fuzileiros por meio do atual programa-padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (PP-CTTEP) não capacita plenamente suas frações para o emprego em operações interagências, relacionada entre as variáveis por meio do questionário.

O questionário evidenciou que das instruções julgadas mais importantes pelos respondentes, apenas uma delas estava no PP-CTTEP. As três mais importantes citadas foram progressão em área edificada, noções de direito e tiro. A pesquisa

categorizou 17 (dezesete) assuntos considerados importantes para operações interagências e entre eles, apenas três constam no PP-CTTEP.

Ademais, na última proposição do questionário o militar deveria escolher as 15 (quinze) instruções mais importantes para operações interagências. As alternativas apresentavam os assuntos constantes no PP-CTTEP e no Manual de Treinamento do Batalhão Brasileiro em Operações de Manutenção da Paz. Entre as dez alternativas mais escolhidas, como importantes, apenas uma instrução era do PP-CTTEP.

Tomando por base os resultados mencionados, verificou-se a discrepância do PP-CTTEP com a realidade enfrentada pela tropa tanto em operações interagências quanto no que tange ao preparo para operações ofensivas e defensivas. O PP-CTTEP é muito limitado e propõe um ano de instrução, demasiadamente, administrativo.

De certo modo, o PP-CTTEP pode ser útil para OM não-operacionais, como por exemplo hospitais e centros de instrução, unidades onde cabos e soldados desenvolvem apenas atividades administrativas e de apoio ao ensino, respectivamente. Dessa maneira, constatou-se que o PP-CTTEP atual não atende ao conceito operativo do Exército Brasileiro e dessa maneira, confirma hipótese de estudo proposta na investigação.

Em vista do constante emprego da tropa em operações é necessário adotar um programa-padrão que esteja mais apropriado para atender aos objetivos do Conceito Operativo do Exército Brasileiro. Neste sentido, confirmou-se que os comandantes de companhia que participaram da pesquisa relataram que não utilizam o PP-CTTEP.

As instruções ministradas nas companhias dos comandantes de subunidades pesquisados não eram calcadas nos programas-padrão previstos. Normalmente, eram utilizados o conhecimento de militares experientes em operações anteriores e/ou que haviam participado da MINUSTAH, para conduzir os treinamentos.

A utilização do Programa-Padrão de Instrução Especial do Cabo e Soldado do Batalhão de Infantaria de Força de Paz (2007) ou o Manual de Treinamento do Batalhão Brasileiro em Operações de Manutenção da Paz (2015) tem orientado os Cmt SU na elaboração dos quadros de trabalho das instruções da companhia. No entanto, tais documentos ainda não foram aprovados oficialmente.

Além disso, tais documentos foram criados para atender o preparo da tropa que era desdobrada em operações de manutenção da paz, em território estrangeiro. Embora úteis, as mencionadas publicações apresentam, algumas lacunas na instrução militar, havendo ainda, instruções que são irrelevantes no contexto nacional.

Apesar da pesquisa ser centrada no preparo das companhias de fuzileiros em operações interagências, devido a atual demanda de emprego desta natureza. É necessário considerar que o preparo para operações convencionais, ou seja, ofensivas e defensivas devem ter o mesmo grau de importância para que, dessa maneira, o EB mantenha-se com preparo efetivo, para os mais variados cenários de emprego.

Em vista disso, surgiu outro problema que não estava no escopo da pesquisa: o atual período de adestramento básico não deveria iniciar pelo grupo de combate ao invés do pelotão? Este questionamento se deve ao aumento demasiado de missões onde os grupos de combate atuam isoladamente.

No decorrer da pesquisa, buscou-se investigar, principalmente, como dá-se o preparo das frações no exército norte-americano. No entanto, o acesso ficou limitado aos manuais que tratam o assunto de forma mais superficial. Mesmo assim, foi possível constatar como os americanos preparam seus homens para enfrentar os desafios do combate moderno.

Na verdade, o exército norte-americano não tem um programa-padrão que contemple instruções específicas para determinado tipo de tropa, mas o que se pode denominar “fichas” por assunto a capacitar. Segundo orientação do escalão superior o Cmt SU escolhe quais tarefas serão importantes para atender determinada capacidade. Tais fichas são diferentes de acordo com a função do militar e qual o valor da tropa que se deseja capacitar.

O acesso ao sistema digital de informações onde encontram-se as fichas de treinamento do exército norte-americano não foi possível, devido a necessidade de cadastramento de usuário e senha para acessá-lo. No entanto, é importante salientar que existem fichas desde instrução individual até o nível divisão.

O Exército Brasileiro tem por intermédio dos programas-padrão uma forma muito eficiente de organizar as instruções. No entanto, apenas os programas-padrão de instrução individual básica e qualificação, realmente, são utilizados pela tropa. Embora o SIMEB prescreva que o preparo do efetivo profissional deva ter prioridade em relação ao efetivo variável. O PP-CTTEP não cumpre sua finalidade.

Os comandantes de companhia de fuzileiros, atualmente, não dispõem de uma diretriz que oriente de forma plena a preparação do efetivo profissional de acordo com o Conceito Operativo do Exército. Assim, eles utilizam-se da criatividade, da

experiência e do espírito de cumprimento de missão para que as subunidades, quando empregadas, cumpram com eficiência suas tarefas.

Em vista disso, esta pesquisa buscou investigar e responder os problemas enfrentados pelas companhias de fuzileiros na sua preparação para operações interagências. Para isso, se valeu pesquisa bibliográfica, questionário e entrevistas realizadas com militares qualificados.

Calculado no que foi discutido no decorrer da pesquisa, foi elaborada uma proposta de Programa-padrão de Instrução da Companhia de Fuzileiros em Operações Interagências, constante no Apêndice G, como forma de contribuir para o preparo da companhia de fuzileiros no emprego em ambiente interagências. O documento teve como base o Manual de Treinamento do Batalhão Brasileiro em Operações de Manutenção da Paz (2015) e outros documentos de instrução.

Com efeito, o autor do trabalho apresenta, ainda, as seguintes sugestões:

a. Elaborar programas-padrão direcionados para a capacitação contínua do efetivo profissional levando em consideração a natureza da tropa, com prioridade para as tropas do Sistema de Prontidão (SISPRON). A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) é um ambiente propício para este tipo de trabalho, pois reúne militares especializados em tropas de natureza distintas.

b. Realizar estudos para melhorar a qualidade e o conforto de utilização dos equipamentos, principalmente colete e capacete balístico, utilizados pela tropa em ambiente interagências.

c. Pesquisar se é adequado criar o Período de Adestramento Básico de grupos de combate (PAB/GC), visto que na maioria das operações interagências o grupo de combate atua isoladamente.

d. Pesquisar os fatores (doutrina, educação, pessoal e infraestrutura), visto que foram estudados os fatores: organização, adestramento e material. Esse conjunto de sete fatores são determinantes para a F Ter atingir a capacidade de realizar operações interagências, o qual é uma capacidade prioritária e corrobora para o Planejamento baseado em capacidades (PBC), conforme o manual de Doutrina Militar Terrestre.

A pesquisa contribuiu para o desenvolvimento das ciências militares. Visto que, traz a experiência de uma centena de militares, oficiais e sargentos, nas mais difíceis e perigosas operações ocorridas no Brasil, na última década. O trabalho teve, ainda, o propósito de dar o devido valor ao preparo do efetivo profissional que tem no Cmt SU o genuíno condutor da instrução nos corpos de tropa.

Por fim, considerando que as várias operações interagências, ocorridas no país, tiveram resultados satisfatórios. Haja visto a Intervenção Federal no Rio de Janeiro e outras operações, principalmente, na faixa de fronteira. O Exército Brasileiro será demandado, cada vez mais, nesse tipo de emprego. Assim sendo, recomenda-se a realização de novas pesquisas na área do preparo do combatente, das pequenas frações e que o conhecimento produzido seja disseminado nas escolas militares, centros de instrução e corpos de tropa.

Luciano Dill de Almeida Cardoso
Capitão de Infantaria

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. 1. ed. Brasília, DF, 2012.

_____. _____. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **MD33-M-10**: Garantia da Lei e da Ordem. 2. ed. Brasília, DF, 2014.

_____. _____. _____. **MD33-M-12**: Operações Interagências. 2. ed. Brasília, DF, 2017

_____. _____. _____. **MD33-M-XX**: Manual de Treinamento do Batalhão Brasileiro em Operações de Manutenção da Paz. 1. ed. Brasília, DF, 2015.

_____. _____. Exército Brasileiro. **EB20-MF-10.102**: Doutrina Militar Terrestre. Brasília, DF, 2014.

_____. _____. _____. **EB20-MC-10.201**: Operações em Ambiente Interagências. 1. ed. Brasília, DF, 2013.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.223**: Operações. 5. ed. Brasília, DF, 2017.

_____. _____. _____. **EB70-P-11.001**: Programa de Instrução Militar. Brasília, DF, 2018.

_____. _____. _____. **EB70-PP-11.014**: Programa-Padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP). 2. ed. Brasília, DF, 2017.

_____. _____. _____. **C 7-5**: organização e emprego da infantaria. Brasília, DF.

_____. _____. _____. **C 7-10**: companhia de fuzileiros. Brasília, DF, 2005.

_____. _____. _____. **Parecer Nr 1/ 2017- Mov Man Inf / C Dout Ex / COTER**. Brasília, DF, 2017.

_____. _____. _____. **Programa-Padrão de Adestramento de Infantaria de Montanha**. 1. ed. Brasília, DF, 2009.

_____. _____. _____. **SIMEB**. Brasília, DF, 2018.

CARDOSO, Juliano Dill de Almeida Cardoso. **A simulação virtual nas instruções de regras de engajamento para a preparação das operações de garantia da lei e da ordem: uma avaliação da ferramenta de aprendizado no ambiente real**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, RJ, 2017.

CORRÊA, Glauco Corbari. **As operações de amplo espectro e a sua contribuição para o incremento das ações de combate na Amazônia brasileira, no contexto**

de um conflito assimétrico. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS. Apresentação de trabalhos acadêmicos e dissertações. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ, 2013.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Army. Department of the Army. **FM 3-0: Operations.** Washington, D.C., Oct. 2017.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Army. Department of the Army. **FM 7-0: Train to Win in a Complex World** . Washington, D.C., Oct. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KRULAK, Charles C. **The Strategic Corporal: Leadership in the Three Block War.** Marines Magazine, 1999.

NAÇÕES UNIDAS. Department of Peacekeeping Operations. Department of Field Support. **United Nations Infantry Battalion Manual.** 1. ed. New York, NY, Aug. 2012.

NAGY, Benjamin J. **Maniple to Cohort: An Examination of Military Innovation and Reform in Roman Republic.** Command and General Staff College, Fort Leavenworth, KS, 2014.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral. **Manual da metodologia pesquisa científica.** Rio de Janeiro: CEP, 2007.

PAIXÃO JUNIOR, Moisés da. **A abrangente concepção da força terrestre.** 2013. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/13760/A-abrangente-concepcao-de-emprego-da-Forca-Terrestre/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

POTOCNIK, Viktor. O Grupo de Combate (GC), Elemento Básico de emprego da infantaria. **Military Review.** Fort Leavenworth, KS. p 53-64. out-dez. 2018.

RODRIGUES, Maria das Graças Villela. **Metodologia da pesquisa: elaboração de projetos, trabalhos e dissertações em ciências militares/** Maria das Graças Villela Rodrigues. Colaboração e ampliação José Fernando Chagas Madeira, Luiz Eduardo Possídio Santos, Clayton Amaral Domingues. 3. Ed. Rio de Janeiro: EsAO, 2005.

SATTLER, Victor; O'LEARY, M. Organizing Modern Infantry: An Analysis of Section Fighting Power. Canadian Army Journal. P-23-53, 2010. Disponível em: <http://regimentarogue.com/blog/caj_vol13.3_06_e.pdf>. Acesso em: 3 mar 2019.

SCALES JR, Robert H. The Army and the future of Irregular Conflict. Combat

STRINGER, Kevin D. Formação do Cabo Para o Desempenho de Atividades Estratégicas (“O Cabo Estratégico”): Uma Mudança de Paradigma. **Military Review.** Fort Leavenworth, KS. p 2-12, jan-fev, 2010.

VILLAS BÔAS, Eduardo. **Diretriz do Comandante do Exército 2017-2018**. Brasília, DF, 2017.

APÊNDICE A - Roteiro de perguntas de entrevista com oficial general que tenha participado de operações interagências, no período de 2011 a 2018.

O presente instrumento é parte integrante da dissertação de mestrado em Ciências Militares do Cap **Luciano Dill** de Almeida Cardoso, cujo tema é **O preparo das frações da companhia de fuzileiros para Operações Interagências no Rio de Janeiro.**

Este trabalho se propõe a averiguar se o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente frações para o emprego em Operações Interagências.

Esta entrevista tem por finalidade levantar informações e dados relativos ao preparo e emprego das companhias de fuzileiros em operações interagências. O pesquisador, por sua vez, garante que as informações apresentadas serão mantidas em sigilo.

A vossa colaboração é fundamental para consolidar os trabalhos de pesquisa e levantar aspectos que visem aperfeiçoar o desempenho dos comandantes das pequenas frações de infantaria, de forma que estes militares possam combater descentralizadamente e de acordo com as exigências e peculiaridades das operações em ambiente interagências.

Data: _____

Local: _____

Entrevistado: _____

Posto: _____

Unidade: _____

Perguntas:

- 1) General, o senhor comandou a FT Santos Dumont durante a Op Arcanjo como coronel, em 2010-2011, e depois comandou o Comando Conjunto na Intervenção Federal em 2018. Pergunto se houve avanços na capacidade de atuação do Exército Brasileiro em operar com os outros atores (PM, Polícia Civil, entre outros) em ambiente interagência? Caso positivo, em que aspectos? Caso negativo, quais são as oportunidades de melhoria?
- 2) Quais foram as maiores dificuldades na Op Arcanjo, no que diz respeito ao relacionamento com as outras agências?
- 3) Quais foram as maiores dificuldades na Intervenção Federal, em relação as outras

agências?

- 4) Na atual conjuntura dos conflitos, um erro tático pode gerar consequências no campo estratégico ou até político, qual a principal orientação que o senhor, como Comandante Conjunto, dava aos seus subordinados (Cmt Bda e Cmt Btl) para que esse erro fosse evitado?
- 5) Nas operações interagências, na maioria das vezes os grupos de combate operam de maneira descentralizada, onde o 3º Sgt é o responsável pelas ações desses grupos. Quais instruções devem ser priorizadas para que GC possa ser considerado preparado para cumprir suas missões em ambiente interagências?
- 6) O senhor considera que a organização do GC, com um 3º Sgt, dois cabos e seis soldados ainda é a mais adequada para as operações em ambiente interagências?

APÊNDICE B - Roteiro de perguntas de entrevista com oficial que tenha participado de operações interagências, como Cmt Btl, no período de 2011 a 2018.

O presente instrumento é parte integrante da dissertação de mestrado em Ciências Militares do Cap **Luciano Dill** de Almeida Cardoso, cujo tema é **O preparo das frações da companhia de fuzileiros para operações interagências no Rio de Janeiro**.

Este trabalho se propõe a averiguar se o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente frações para o emprego em Operações Interagências.

Esta entrevista tem por finalidade levantar informações e dados relativos ao preparo e emprego das companhias de fuzileiros em operações interagências. O pesquisador, por sua vez, garante que as informações apresentadas serão mantidas em sigilo.

A vossa colaboração é fundamental para consolidar os trabalhos de pesquisa e levantar aspectos que visem aperfeiçoar o desempenho dos comandantes das pequenas frações de infantaria, de forma que estes militares possam combater descentralizadamente e de acordo com as exigências e peculiaridades das operações em ambiente interagências.

Data: _____

Local: _____

Entrevistado: _____

Posto: _____

Unidade: _____

Perguntas:

- 1) Como o senhor avalia o conteúdo do Programa-padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP) para o preparo das Cia Fuz do Btl?
- 2) O senhor considera que os conhecimentos adquiridos na realização do CTTEP preparam os comandantes de pequenas frações para atuarem de forma descentralizada em operações interagências?
- 3) Durante as Operações Interagências, quais as principais deficiências foram apresentadas pelos GC, que podem ser resolvidas com instrução?

- 4) Quais os assuntos o senhor julga necessários acrescentar ao PP-CTTEP, de maneira aperfeiçoar o preparo das pequenas frações em operações interagências?
- 5) Durante as operações, em relação ao controle de danos (Abarroamento de Vtr, danos em instalações, etc), o senhor tem alguma lição apreendida, positiva ou negativa, que possa servir como ensinamento para operações futuras?
- 6) Durante as operações, em relação ao trato com a população, o senhor tem alguma lição apreendida, positiva ou negativa, que possa servir como ensinamento para operações futuras?
- 7) Durante as operações, em relação as regras de engajamento, o senhor tem alguma lição apreendida, positiva ou negativa, que possa servir como ensinamento para operações futuras?

APÊNDICE C - Roteiro de perguntas de entrevista com oficiais que tenham participado de operações interagências, como Cmt Cia Fuz, no período de 2011 a 2018.

O presente instrumento é parte integrante da dissertação de mestrado em Ciências Militares do Cap **Luciano Dill** de Almeida Cardoso, cujo tema é **O preparo das frações da companhia de fuzileiros para operações interagências no Rio de Janeiro.**

Este trabalho se propõe a averiguar se o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente frações para o emprego em Operações Interagências.

Esta entrevista tem por finalidade levantar informações e dados relativos ao preparo e emprego das companhias de fuzileiros em operações interagências. O pesquisador, por sua vez, garante que as informações apresentadas serão mantidas em sigilo.

A vossa colaboração é fundamental para consolidar os trabalhos de pesquisa e levantar aspectos que visem aperfeiçoar o desempenho dos comandantes das pequenas frações de infantaria, de forma que estes militares possam combater descentralizadamente e de acordo com as exigências e peculiaridades das operações em ambiente interagências.

Data: _____

Local: _____

Entrevistado: _____

Posto: _____

Unidade: _____

Perguntas:

- 1) A designação “Operações no Amplo Espectro” enfatiza que os conflitos atuais envolvem não somente o combate entre oponente armados. As operações constituem-se, também, na aplicação dos meios de combate, de forma simultânea ou sucessiva, combinando atitudes ofensiva, defensiva, de pacificação, de Garantia da Lei e da Ordem, de apoio às instituições governamentais e internacionais e de assistência humanitária, em ambiente interagências. O senhor já conhecia o significado de Operações no Amplo

Espectro?

- 2) Operações interagências é a interação das Forças Armadas com outras agências com a finalidade de conciliar interesses e coordenar esforços para consecução de objetivos ou propósitos convergentes que atendem o bem comum, evitando as duplicidades de ações, a dispersão de recursos e a divergência de soluções com eficiência e eficácia, efetividade e menores custos. O senhor já conhecia o significado de Operações Interagências ou de Cooperação e Coordenação com Agências?
- 3) O senhor já participou de missões de manutenção da paz ou de Garantia da Lei e da Ordem? Em caso positivo, quais?
- 4) Como o senhor avalia o conteúdo do Programa-padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP)?
- 5) Quais os principais pontos fortes e as oportunidades de melhoria do PPI CTTEP?
- 6) O senhor considera que os conhecimentos adquiridos na realização do CTTEP preparam os comandantes de pequenas frações para atuarem de forma descentralizada em operações interagências?
- 7) O senhor considera que as instruções do CTTEP mantêm o EP em condições de ser empregado, em qualquer época do ano, em operações de defesa externa? Por quê?
- 8) O senhor considera que as instruções do CTTEP mantêm o EP em condições de ser empregado, em qualquer época do ano, em operações de GLO? Por quê?
- 9) O senhor considera que o atual Programa de Adestramento Básico (PAB) contempla de forma adequada a preparação das SU Inf para operações em ambiente interagências? Por quê?
- 10) O senhor avalia que o desempenho (positivo ou negativo) das pequenas frações de sua Cia Fuz em operação interagência deveu-se ao PAB realizado? Por quê?
- 11) Os Cmt GC de sua SU conseguiram, no curso das operações interagências, evidenciar com facilidade os atributos de iniciativa, capacidade de decisão e flexibilidade? Explique.
- 12) Quais outros atributos o senhor considera essenciais aos Cmt GC quando empregados descentralizadamente em ambiente interagência? Por quê?

- 13) Quais as principais missões cumpridas por sua Cia Fuz nos níveis SU, Pel e GC, em ambiente interagência? Com que frequência elas ocorriam?
- 14) Quais os assuntos o senhor julga necessários acrescentar ao PP CTTEP, de maneira aperfeiçoar o preparo das pequenas frações em operações interagências?
- 15) O senhor considera que o poder de combate adquirido pelas frações de sua SU foi suficiente para o cumprimento das missões estabelecidas pelo escalão superior, em ambiente interagência? (PODER DE COMBATE é o resultado alcançado pela OM, com vistas ao cumprimento de determinada missão, que atinge o nível de operacionalidade específica, conjugado com o valor moral da tropa e o valor de seu comandante -PPA InfMth, 2009)
- Desde já agradeço a atenção e o tempo disponibilizado.

APÊNDICE D - Roteiro de perguntas de entrevista com oficial com experiência em operações especiais.

O presente instrumento é parte integrante da dissertação de mestrado em Ciências Militares do Cap **Luciano Dill** de Almeida Cardoso, cujo tema é **O preparo das frações da companhia de fuzileiros para operações interagências no Rio de Janeiro**.

Este trabalho se propõe a averiguar se o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente frações para o emprego em Operações Interagências.

Esta entrevista tem por finalidade levantar informações e dados relativos ao preparo e emprego das companhias de fuzileiros em operações interagências. O pesquisador, por sua vez, garante que as informações apresentadas serão mantidas em sigilo.

A vossa colaboração é fundamental para consolidar os trabalhos de pesquisa e levantar aspectos que visem aperfeiçoar o desempenho dos comandantes das pequenas frações de infantaria, de forma que estes militares possam combater descentralizadamente e de acordo com as exigências e peculiaridades das operações em ambiente interagências.

Data: _____

Local: _____

Entrevistado: _____

Posto: _____

Unidade: _____

Perguntas:

- 1) Qual sua experiência em operações especiais em ambiente interagências?
- 2) O senhor me informou anteriormente, em conversa informal, que já trabalhou juntamente com companhias de fuzileiros em operações interagências. Como se deram essas missões?
- 3) O senhor julga que as companhias estavam aptas para cumprir as missões ou elas tiveram que ser preparadas por elementos de forças especiais?
- 4) O senhor julga necessário que as companhias de fuzileiros tenham instruções (sem apoio de forças especiais) durante o preparo para operações interagências

para que possam atuar juntamente com elementos de forças especiais? Caso afirmativo, quais seriam?

APÊNDICE E - Roteiro de perguntas de entrevista com oficiais que participaram de operações com diversas agências.

O presente instrumento é parte integrante da dissertação de mestrado em Ciências Militares do Cap **Luciano Dill** de Almeida Cardoso, cujo tema é **O preparo das frações da companhia de fuzileiros para operações interagências no Rio de Janeiro.**

Este trabalho se propõe a averiguar se o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente frações para o emprego em Operações Interagências.

Esta entrevista tem por finalidade levantar informações e dados relativos ao preparo e emprego das companhias de fuzileiros em operações interagências. O pesquisador, por sua vez, garante que as informações apresentadas serão mantidas em sigilo.

A vossa colaboração é fundamental para consolidar os trabalhos de pesquisa e levantar aspectos que visem aperfeiçoar o desempenho dos comandantes das pequenas frações de infantaria, de forma que estes militares possam combater descentralizadamente e de acordo com as exigências e peculiaridades das operações em ambiente interagências.

Data: _____

Local: _____

Entrevistado: _____

Posto: _____

Unidade: _____

Perguntas:

- 1) Em sua carreira, com quais agências o senhor teve a oportunidade de operar?
- 2) Quais eram as principais finalidades das operações?
- 3) Quais instruções (prática e teóricas) e conhecimentos (melhores práticas e lições aprendidas) atinentes a cada agência, um grupo de combate (GC) operando descentralizado deve possuir para conseguir sua missão plenamente?
- 4) Quais instruções (práticas e teóricas) e conhecimentos (melhores práticas e lições aprendidas) o Cmt Cia Fuz e Cmt Pel Fuz atinentes a cada agência eles devem possuir para cumprir plenamente missão em operações interagências?

APÊNDICE F - Questionário destinado a levantar informações e dados relativos ao desempenho de pequenas frações empregadas, descentralizadamente, em Operações interagências, no período de 2011 a 2018.

O presente instrumento é parte integrante da dissertação de mestrado em Ciências Militares do Cap **Luciano Dill** de Almeida Cardoso, cujo tema é **O preparo das frações da companhia de fuzileiros para operações interagências no Rio de Janeiro.**

Este trabalho se propõe a averiguar se o atual preparo das companhias de fuzileiros capacita plenamente frações para o emprego em Operações Interagências.

Este questionário tem por finalidade levantar informações e dados relativos ao preparo e emprego das companhias de fuzileiros em operações interagências. O pesquisador, por sua vez, garante que as informações apresentadas serão mantidas em sigilo.

A vossa colaboração é fundamental para consolidar os trabalhos de pesquisa e levantar aspectos que visem aperfeiçoar o desempenho dos comandantes das pequenas frações de infantaria, de forma que estes militares possam combater descentralizadamente e de acordo com as exigências e peculiaridades das operações em ambiente interagências.

1. O senhor participou da Missão de Paz do Haiti como comandante de GC?

Sim. (Em caso afirmativo, qual foi sua função?)

Não

2. Caso o senhor tenha participado da Missão de Paz do Haiti, qual o grau de 1 a 5, o senhor atribui para o nível de adestramento alcançado pelo seu GC, durante o preparação? (Sendo 5 Excelente e 1 péssimo)

5 4 3 2 1

4. Nas 3 (três) operações interagências que o senhor julga como mais importantes, qual o grau de 1 a 5, o senhor atribui para o nível do adestramento alcançado pelo

seu GC, durante a preparação? (Sendo 5 Excelente e 1 péssimo)

Cite a Operação _____ () 5 () 4 () 3 () 2 () 1

Cite a Operação _____ () 5 () 4 () 3 () 2 () 1

Cite a Operação _____ () 5 () 4 () 3 () 2 () 1

5. Caso o senhor tenha participado da Missão de Paz do Haiti e de Missões interagências, o senhor percebeu diferença entre as preparações? Em caso afirmativo, quais os motivos o senhor atribui a diferença do nível da preparação, comparando suas duas participações?

6. Assinale quais os tipos de operações de adestramento o senhor participou como Cmt GC, nos últimos três anos:

- () Marcha para o combate
- () Reconhecimento em força
- () Ataque (envolvimento, desbordamento, infiltração, penetração e ataque frontal)
- () Defesa em posição (defesa de área ou defesa móvel)
- () Movimento retrógrado (ação retardadora, retraimento e retirada)

7. Com relação ao desempenho do Cmt GC em operações interagências, marque com um (X), aquele atributo que o senhor julgue mais importante:

() **Flexibilidade** (capacidade de reformular planejamentos e comportamentos, com prontidão, diante de novas exigências)

() **Coragem** (capacidade para agir de forma firme e destemida, diante de situações difíceis e perigosas, seguindo as normas de segurança)

() **Autoconfiança** (capacidade de demonstrar segurança e convicção em suas atitudes, nas diferentes circunstâncias)

() **Combatividade** (capacidade de lutar, sem esmorecer, pelas idéias e causas em que acredita ou por aquelas sob sua responsabilidade)

() **Iniciativa** (capacidade para agir, de forma adequada e oportuna, sem depender de ordem ou decisão superior)

() **Decisão** (capacidade de optar pela alternativa mais adequada, em tempo útil e

com convicção)

() Outro _____

8. O senhor considera que a atual organização do GC, com um 3º Sgt, dois cabos e 6 soldados é a mais adequada para as operações interagências? O senhor faria alguma alteração?

9. O senhor considera que os armamentos e a dotação de munição (letal e não-letal) dos militares do GC são adequados para as operações interagências? O senhor faria alguma alteração?

10. O senhor considera que os equipamentos (colete, capacete, rádio, etc.) e as viaturas de emprego do GC são adequados para as operações interagências? O senhor faria alguma alteração?

8. Na opinião do senhor, quais as instruções devem ser inseridas ou enfatizadas (caso já sejam previstas) na preparação para Operações Interagências? Por qual motivo?

11. Na opinião do senhor, quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos GC quando empregados em operações interagências? Por qual motivo?

12. Com relação as 3 (três) operações interagências mais importantes em que o senhor participou como Cmt GC, informe como era empregado seu grupo na maioria das vezes nas missões, assinale com um (X) a resposta mais adequada:

Cite a Operação _____

() Missões nível GC (quando o GC está operando sem contato visual com o Cmt Pel)

() Missões nível Pel (quando o todo o pelotão está na mesma missão e se tem contato visual com o Cmt Pel)

() Missões nível Cia (quando toda a Cia está na mesma missão, por exemplo: cerco, investimento, PSE, etc.)

Cite a Operação _____

() Missões nível GC (quando o GC está operando sem contato visual com o Cmt Pel)

() Missões nível Pel (quando o todo o pelotão está na mesma missão e se tem contato visual com o Cmt Pel)

() Missões nível Cia (quando toda a Cia está na mesma missão, por exemplo: cerco, investimento, PSE, etc.)

Cite a Operação _____

() Missões nível GC (quando o GC está operando sem contato visual com o Cmt

Pel)

() Missões nível Pel (quando o todo o pelotão está na mesma missão e se tem contato visual com o Cmt Pel)

() Missões nível Cia (quando toda a Cia está na mesma missão, por exemplo: cerco, investimento, PSE, etc.)

13. A seguir serão apresentados diversos assuntos de instrução, os quais o senhor deverá enumerar de (1) a (15) dentro dos “()” aqueles 15 assuntos que julgar que são mais importantes para o preparo individual ou do GC para o emprego em Operações Interagências. Não é necessário colocar em prioridade.

() Operações de Controle de Distúbio	() Cultura Geral	() <i>Check Point / Static Point</i>
() Comunicação Social	() Posto de Segurança Estático	() História Militar
() Armamento, Munição e Tiro – <i>Stress Fire</i>	() Atributos da Área Afetiva	() Patrulhas (a pé, motorizada e mecanizadas)
() Direito Internacional Humanitário (DIH) e Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA)	() Técnicas de Combate em Localidade	() Mobilização
() Operação de Busca e Apreensão	() Justiça e Disciplina Militar	() Segurança e Proteção de autoridades
() Avaliação de Pessoal	() Escolta de Comboio	() Manutenção de Armamento, Viaturas e Instalações
() Emprego de Intérpretes	() Capacitação Administrativa	() Ocupação e emprego de Pontos Fortes
() Proteção do meio ambiente nas operações militares	() Operação de cerco, investimento e vasculhamento	() Tiro – TIA

() Coordenação Civil-Militar	() Comando e Controle	() Campo de deslocados internos
() Treinamento Físico Militar	() Manejo de cadáveres	() Didática da Instrução Militar
() Comunicações (exploração rádio)	() Liderança Militar	() Doenças Endêmicas
() Prevenção de Acidentes em instrução e em serviço	() Administração de Conflitos e Estresse	() Atendimento Pré-Hospitalar
() Minas, Engenhos explosivos não detonados, Dispositivos explosivos improvisados e Explosivos remanescentes de Guerra	() Capacitação Técnica-Tática Operacional Específica	() Assistência Humanitária
() Plano de Chamada	() Aprestamento de Pessoal e Material de Pronto –Emprego da OM	() Desarmamento, Desmobilização e Reintegração
() Defesa do Aquartelamento	() Comunicação e Negociação	() Contra-inteligência
() Logística em Operações	() Garantia da Lei e da Ordem (Amparo legal)	() Força Tarefa Mecanizada
() Ação Civico-Social	() Idiomas	() Pedido e condução de fogos
() Combate Corpo a Corpo		

APÊNDICE G – PROGRAMA-PADRÃO DE INSTRUÇÃO DA COMPANHIA DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS

**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO EXÉRCITO
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

**PROGRAMA-PADRÃO DE INSTRUÇÃO DA COMPANHIA DE
FUZILEIROS EM OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS**

1 FINALIDADE

Esta proposta de programa-padrão de Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional foi calcada nas discussões realizadas durante a pesquisa da dissertação de mestrado de um capitão aluno da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, no ano de 2019, como forma de contribuir para o preparo da companhia de Fuzileiros para o emprego em ambiente interagências. O documento define objetivos que permitem preparar os militares para ocupar cargos correspondentes às suas funções, enquadrados em uma companhia de fuzileiros e teve como base o Manual de Treinamento do Batalhão Brasileiro em Operações de Manutenção da Paz (2015) e outros documentos.

2 OBJETIVOS

- a) Instruir os militares de uma companhia de fuzileiros, habilitando-os a ocupar os cargos previstos.
- b) Treinar 3º sargentos, cabos e soldados enquadrados em um grupo de combate.
- c) Prosseguir no estabelecimento de vínculos de liderança entre comandantes e comandados (em todos os níveis).
- d) Orientar o preparo visando o emprego em operações interagências.
- e) Obter padrões de procedimentos necessários à vida militar em ambiente interagências.
- f) Aprimorar as técnicas, táticas, procedimentos e reflexos necessários para as operações interagências

PROPOSTA PARA DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO				
		TEMPO ESTIMADO		
		DIURNO	NOTURNO	TOTAL
	INSTRUÇÃO INDIVIDUAL PARA CABOS E SOLDADOS			
	1. Técnicas de Combate em Localidade	16h		16h
	2. Manejo de cadáveres	4h		4h
	3. Comunicações (exploração rádio)	4h		4h
	4. Combate Corpo a Corpo	4h		4h
	5. Atendimento pré-hospitalar	4h		4h
	6. Entrada tática	6h		6h
	7. Técnicas de observação	4h		4h
	8. Revista de pessoal, instalação e veículos	6h		6h
	9. Técnicas de abordagem de pessoal e veículos	4h		4h
	10. Óculos visão noturna	6h		6h
	INSTRUÇÃO AO NÍVEL GRUPO DE COMBATE			
	11. <i>Check-Point (CP) e Static-Point (SP)</i>	6h		6h
	12. Patrulhas (a pé, motorizada, mecanizada)	6h		6h
	13. Técnicas de Ação Imediata (TAI)	6h		6h
	14. Operação de Busca e Apreensão (OBA)	6h		6h
	15. Segurança e proteção de autoridades	4h		4h

	16. Escolta de comboio	4h		4h
	INTRUÇÕES AO NÍVEL PELOTÃO DE FUZILEIROS			
	17. Operações de Controle de Distúrbios (OCD)	6h		6h
	18. Posto de Segurança Estático (PSE)	6h		6h
ASSUNTOS DE OPERAÇÕES INTERGÊNCIAS	19. Ocupação e emprego de ponto forte	4h		4h
	INSTRUÇÃO AO NÍVEL COMPANHIA DE FUZILEIROS			
	20. Armamento, munição e tiro	66h	12h	78h
	21. Operações de cerco, investimento e vasculhamento	12h		12h
	22. Treinamento Físico Militar (TFM)	2h por dia		-
	23. Amparo Legal para as operações interagências	4h		4h
	24. Relações com a mídia	2h		2h
	25. Regras de engajamento	6h		6h
	26. Plano de chamada	4h		4h
	27. Aprestamento do pessoal e material da SU	6h		6h
	28. Cultura nas operações interagências	2h		2h
	29. Prevenção e combate ao terrorismo	6h		6h
	30. Cooperação e coordenação com agências	6h		6h
	31. Inteligência	2h		2h
	32. Operações Psicológicas	2h		2h
33. Comunicação Social	2h		2h	

	34. Noções de direito	8h		8h
	INSTRUÇÃO PARA OFICIAIS E SARGENTOS			
	35. Ordem de operações	8h		8h
	36. Navegação e georreferenciamento	2h		2h

1. TÉCNICAS DE COMBATE EM LOCALIDADE			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 16h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar as técnicas, e os procedimentos usuais na progressão nas operações de combate em áreas edificadas.	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentado aos militares as características da progressão nas operações de combate em áreas edificadas. - Demonstrado a execução de progressão em pista de combate à localidade. 	O militar deverá citar as principais características e particularidades da progressão no combate à localidade.	Identificar e descrever as características e particularidades da progressão no combate à localidade.	1. Caracterizar: <ul style="list-style-type: none"> a. localidade; b. obstáculos; c. técnicas de observação; d. construções; e. entradas das construções; f. formas de progressão; g. áreas abertas.
Executar a progressão em pistas de combate à localidade.	Realizar pista de combate à localidade utilizando as técnicas de progressão	O militar deverá progredir na PCL de acordo com a técnica e dentro da integridade tática.	Realizar a progressão na PCL utilizando-se das técnicas de progressão.	2. Pista de Combate a localidade: <ul style="list-style-type: none"> a. progressão; b. transposição de muro; c. técnicas de observação; d. progressão por janelas; e. uso de entradas das construções; f. progressão paralela as construções; g. atravessando áreas abertas; h. progressão entre posições; i. progressão no interior de uma construção.

2. MANEJO DE CADÁVERES			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar as ações para realizar o manejo de cadáveres	Apresentado as ações a realizar no manejo de cadáver.	O militar deverá identificar as ações para realizar o manejo de cadáver.	Identificar os riscos no manejo de cadáver. Identificar as ações para realizar o manejo de cadáver.	1.Riscos 2.Métodos e procedimentos 3.Material a utilizar
Executar o Procedimento em caso de encontro de cadáver	Simular situação onde militares identifiquem cadáver e realizem os procedimentos corretos.	O militar deverá executar as ações corretas para o manejo do cadáver.	Executar procedimentos de segurança. Levantar elementos essenciais de informação. Executar o procedimento de forma correta. Informar o escalão superior.	4. Manejo do cadáver.

3. COMUNICAÇÕES (EXPLORAÇÃO RÁDIO)			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Executar exploração das comunicações radio.	Rádio-operadores e Aux Com com porte de ICom, DRR e Eqp Rádio dos GC e Pel.	Rádioperadores com capacidade de operação das comunicações do Pel. Aux Com com capacidade de programar os Eqp rádio da SU.	Operar os Eqp rádios disponíveis. Programar os Eqp rádios disponíveis. Compreender as capacidades e limitações do Eqp Rádios disponíveis.	1.Técnica do material 2. ICom. 3.Exploração do Eqp Rádio.

4. COMBATE CORPO A CORPO			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Aplicar as técnicas de combate corpo a corpo.	Empregar as técnicas previstas no Caderno de Instrução de Combate Corpo a Corpo (EB70-CI-11.414), priorizando as imobilizações.	O militar deverá empregar corretamente as técnicas de Combate Corpo a Corpo.	De acordo com Caderno de Instrução de Combate Corpo a Corpo (EB70-CI-11.414).	1.Técnicas de combate no solo. 2.Técnicas de amortecimento, de quedas e rolamentos.

5. ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Prover atendimento pré-hospitalar.	Um militar por GC deve ter a capacidade de prover o atendimento pré-hospitalar. Prover material necessário para à instrução.	Executar os procedimentos de emergência para as diversas situações apresentadas.	Realizar um APH simulado com militares escolhidos nos GC.	1.Primeiros socorros. 2.Preparo para remoção. 3.Manutenção da vida ao transporte.

6. ENTRADA TÁTICA			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Relembrar as técnicas de entrada tática.	Apresentado os tipos de entrada tática em diversos tipos de cômodos (com escada, amplos, confinados).	O militar deverá identificar os diversos tipos de entrada tática.	Identificar os tipos de entrada tática	1. Tipos de entrada tática
Executar as técnicas de entrada tática.	Executar os tipos de entrada tática em diversos tipos de cômodos (com escada, amplos, confinados).	O militar deverá executar os diversos tipos de entrada tática dentro da integridade tática.	Executar os tipos de entrada tática.	2. Entrada tática.

7. TÉCNICAS DE OBSERVAÇÃO			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar as técnicas de observação.	Apresentado as técnicas observação.	O militar deverá identificar as diversas técnicas de observação.	Identificar as técnicas de observação.	1. Técnicas de observação.
Executar as técnicas de observação.	Executar técnicas de observação com diversas figurações à diversas distâncias.	O militar deverá executar as diversas técnicas de observação.	Executar as técnicas de observação.	2. Execução das técnicas de observação.

8. REVISTA DE PESSOAL, INSTALAÇÕES E VEÍCULOS			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar a técnica para revista de pessoal e algemamento.	Apresentado a técnica para revista de pessoal e algemamento.	O militar deverá relembrar a técnica de revista de pessoal e algemamento.	Identificar a técnica para revista de pessoal Aplicar corretamente as algemas. Identificar outros meios para algemar.	1. Técnica de revista de Pessoal e algemamento.
Executar a técnica de revista de pessoal e algemamento.	Executar a técnica de revista de pessoal e algemamento com o armamento e equipamento previsto para as operações interagências.	O militar deverá ser capaz de encontrar possíveis ilícitos em pessoal e algemar corretamente.	Realizar revista de pessoal e algemar Conhecer as melhores práticas para encontrar ilícitos.	2. Revista de pessoal e algemamento.
Executar a revista de instalações de forma sistemática.	Executar a revista de instalações com o armamento e equipamento previsto para as operações interagências.	O militar deverá ser capaz de encontrar possíveis ilícitos em instalações	Realizar revista de pessoal. Conhecer as melhores práticas para encontrar ilícitos.	3. Revista de instalações
Executar a revista em veículos de carga, passeio e moto.	Executar a revista em veículos de carga, passeio e moto com o armamento e equipamento previsto.	O militar deverá ser capaz de encontrar possíveis ilícitos em pessoal.	Realizar revista de pessoal. Conhecer as melhores práticas para encontrar ilícitos.	4. Revista de veículos

9. TÉCNICAS DE ABORDAGEM DE PESSOAL E VEÍCULOS			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar a técnica para abordar um indivíduo.	Apresentado a técnica para abordar um indivíduo.	O militar deverá compreender a técnica para abordar um indivíduo.	Compreender a técnica de abordagem de pessoal.	1. Técnica de abordagem de pessoal.
Executar a técnica de abordagem a um indivíduo.	Executar a técnica de abordagem de um indivíduo.	Executar a abordagem corretamente, com segurança e firmeza.	Executar a abordagem de pessoal.	2. Abordagem de pessoal.
Identificar como abordar um veículo.	Apresentado a técnica para abordar um veículo.	O militar deverá compreender a técnica para abordar um veículo.	Compreender a técnica de abordagem de veículos.	3. Técnica de abordagem de veículos.
Executar a técnica de abordagem a um indivíduo.	Executar abordagem de um veículo.	O militar deverá compreender a técnica para abordar um veículo.	Executar a abordagem de veículos.	4. Abordagem de veículos.

10. ÓCULOS DE VISÃO NOTURNA			TEMPO ESTIMADO NOTURNO:2h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Empregar o óculos de visão noturna.	Executar a observação de figuração em movimentação em ambiente com pouca luminosidade.	O militar deverá empregar o OVN corretamente.	Empregar o OVN. Conhecer as capacidades e limitações do material.	OVN.

11.CHECK-POINT (CP) E STATIC-POINT (SP)			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 6h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	TAREFA	CONDIÇÃO	TAREFA
Definir o que é um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Palestra aos militares o conceito de <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Definir o que é um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Palestra aos militares o conceito de <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Definir o que é um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .
Descrever a sequência para operação de um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Apresentado aos militares a sequência para operação de um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Descrever a sequência para operação de um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Apresentado aos militares a sequência para operação de um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Descrever a sequência para operação de um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .
Citar as medidas de segurança do <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Apresentado aos militares as medidas de segurança do <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Citar as medidas de segurança do <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Apresentado aos militares as medidas de segurança do <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Citar as medidas de segurança do <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .
Utilizar os materiais utilizados <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Apresentado aos militares os materiais utilizados <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Utilizar os materiais utilizados <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Apresentado aos militares os materiais utilizados <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Utilizar os materiais utilizados <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .
Operar um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Realizar a operação do <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> com todo o material previsto e local apropriado.	Operar um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .	Realizar a operação do <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> com todo o material previsto e local apropriado.	Operar um <i>Check-point</i> e <i>Static-point</i> .

12. PATRULHAS (A PÉ, MOTORIZADA, MECANIZADA)			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 6h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar as técnicas de patrulhamento a pé, motorizado e mecanizado.	Apresentado aos militares o conceito de patrulhamento.	O militar deverá identificar as finalidades das patrulhas.	Identificar a finalidade das patrulhas.	1. Patrulhas a pé, motorizada e mecanizada.
Identificar os tipos de viaturas utilizadas em patrulhas.	Apresentado as viaturas utilizadas em patrulhas (capacidades e limitações).	O militar deverá identificar as capacidades e limitações da Vtr.	Citar as capacidades limitações de cada viatura.	2. identificação das viaturas (capacidades e limitações).
Executar o dispositivo de segurança embarcado.	Execução dos dispositivos de segurança com as viaturas disponíveis.	O militar deverá executar dispositivo de segurança embarcado nas Vtr disponíveis.	- Mobilizar a viatura disponível - Estabelecer procedimento operacional padrão.	3. Posição dos militares embarcados.
Executar patrulhas a pé, motorizada e mecanizada.	Execução de patrulhas a pé, motorizada e mecanizada em local adequado.	O militar deverá participar de patrulhas a pé, motorizada e mecanizada.	Executar patrulhas a pé, motorizada e mecanizada.	4. Patrulha a pé, motorizada e mecanizada

13.TÉCNICAS DE AÇÃO IMEDIATAS			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar as Técnicas de Ação Imediatas para diversas situações.	Apresentado aos militares os principais incidentes em patrulhas	O militar deverá descrever as TAI para cada situação.	Identificar as TAI para as diversas situações de patrulha a pé, motorizada e mecanizada	1. TAI.
Executar as TAI.	Empregar as viaturas disponíveis e local adequado para treinamento.	O Militar deverá aplicar as TAI dentro da integridade tática.	Executar as TAI	2.Prática das TAI.

14.OPERAÇÃO DE BUSCA E APREENSÃO (OBA)			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 6h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar o que é uma OBA.	Apresentado aos militares o conceito de OBA.	O militar deverá citar a definição de OBA.	Definir OBA.	1.Definição de OBA.
Identificar o amparo legal para realização de uma OBA.	Apresentado aos militares o amparo legal para realização de uma OBA	O militar deverá descrever os amparos legais para realização de uma OBA.	Citar os amparos legais para à OBA.	2.Amparos legais para à OBA
Descrever as fases de uma OBA.	Identificado as fases de uma OBA.	O militar deverá citar quais as fases de uma OBA.	Descrever as fases de uma OBA.	3.Fases de uma OBA
Empregar o equipamento necessário para uma OBA.	Empregado os equipamentos necessários para uma OBA	O militar deverá empregar os equipamentos necessários para uma OBA.	Empregar os equipamentos necessários para uma OBA.	4.Empregar equipamento necessário para uma OBA.
Executar uma OBA.	Executar uma OBA dentro do aquartelamento e com figuração de quem expediu o mandado.	Executar uma OBA dentro da Integridade tática. Realizar busca detalhada no local. Realizar prisão em flagrante delito.	Executar uma OBA.	5. Técnicas: a. abordagens de prédios e instalações; b. técnicas de entrada; c. apreensão de materiais ilícitos; d. técnicas de revista pessoal.

15. SEGURANÇA E PROTEÇÃO DE AUTORIDADES			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Conceituar segurança de autoridades.	Apresentado aos militares o conceito de segurança de autoridade.	O militar deverá conceituar a missão de segurança de autoridade.	Conceituar segurança de autoridade.	1.Segurança de autoridade: a. conceitos; b. noções básicas; c. segurança pessoal e aproximada; d. segurança velada.
Enumerar os atributos de agente de segurança	Apresentado aos militares os atributos de agente de segurança.	O militar deverá citar os principais atributos de um agente de segurança.	Citar os atributos dos agentes de segurança.	2. Agente de segurança
Descrever a organização e atribuições de um serviço de segurança.	Apresentado aos militares o organograma de uma equipe de segurança de autoridade.	O militar deverá citar os grupos de segurança necessários na execução de uma autoridade.	Descrever a organização dos grupos de segurança e suas atribuições em uma segurança de autoridade.	3.Serviço de Segurança: a. organização do serviço de segurança; b. atribuições de um serviço de segurança; c. esquematização de segurança.
Realizar a segurança pessoal de uma autoridade	Apresentado aos militares a situação, com incidentes, em uma localidade, que uma autoridade está presente.	O militar deverá executar a segurança de autoridade em deslocamento dentro da integridade tática.	Executar operações de segurança em exercícios simulados.	4. Operação de segurança com exercícios praticados envolvendo: a. deslocamento a pé; b. Embarque e desembarque;

16. ESCOLTA DE COMBOIO			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar os tipos de escolta.	Apresentado aos militares a definição de escolta e os tipos de escolta.	O militar deverá identificar os tipos de escolta.	Identificar os tipos de escolta (carga, pessoal e mista). Definir escolta.	1. Definição de escolta.
Identificar os procedimentos para aprestamento da tropa e das viaturas.	Apresentado aos militares os procedimentos para aprestar a tropa e suas viaturas.	O militar deverá citar os itens do aprestamento da tropa e das viaturas.	Citar os procedimentos para aprestamento da tropa e das viaturas para uma escolta do comboio.	2.Preparo da tropa e das Vtr: a. armas coletivas; b. meios de Apoio; c. armamento não letal.
Identificar as TAI nas escoltas de comboio.	Apresentado os incidentes mais comuns em escolta de comboios.	O militar deverá praticar as TAI em diversas situações.	Executar as técnicas de ação imediata.	3.Técnicas de ações imediatas: a. emboscadas; b. acidentes de trânsito; c. feridos; d. tentativa de saque; e. atentado contra autoridade.
Executar uma escolta de comboio.	Execução de uma escolta de comboio simulada com incidentes.	O militar deverá executar uma escolta de comboio aplicando as TAI.	Executar uma escolta de comboio.	4. Escolta de comboio.

17.OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIOS (OCD)			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 6h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar o que é uma Operação de Controle de Distúrbios.	Palestra aos militares o conceito de OCD.	O militar deverá descrever as ações que caracterizam o cumprimento da missão de OCD	Definir OCD.	1. Definição de OCD.
Identificar os materiais empregados nas OCD, bem como sua utilização.	Apresentado aos militares o material e seu emprego dentro das funções para a OCD.	O militar deverá saber como empregar o material da sua função nas OCD.	- Identificar o material utilizado em OCD. - Empregar o material de OCD.	2.Técnica do material.
Praticar a tomada do dispositivo para a ação.	Demonstrado e praticado pelos militares as formações mais utilizadas.	O militar deverá demonstrar as formações mais adequadas nas OCD.	Praticar as formações mais adequada à situação e ao terreno.	3. Tomada do dispositivo.
Identificar os procedimentos durante e depois da ação.	Apresentado aos militares os procedimentos durante e depois da dispersão da turba.	O militar deverá saber como agir durante e depois da dispersão da turba, prendendo APOP, tratando feridos etc.	Praticar os procedimentos durante e depois da dispersão da turba.	4. Procedimentos durante e depois da dispersão da turba: a. Prisão APOP; b. Trato com presos; c. Procedimentos com mortos e feridos.
Executar uma OCD.	Utilização de área adequada para uso de munição não-letal (granadas) e turba com	O militar deverá participar de uma OCD nível Pel de acordo	Executar uma OCD.	Prática de OCD.

	o dobro do efetivo da fração.	com o uso proporcional da força.		
--	-------------------------------	----------------------------------	--	--

18. POSTO DE SEGURANÇA ESTÁTICO (PSE)			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 6h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar a finalidade e organização de um PSE.	Apresentado aos militares a definição de PSE e organização dos grupos dentro de um PSE.	O militar deverá descrever a missão de cada grupo em um PSE.	Identificar os diversos grupos que operam o PSE e suas funções específicas.	1.Finalidade e organização do PSE.
Identificar os dispositivos de segurança que podem ser utilizados em um PSE.	Apresentado aos militares os dispositivos eletrônicos e mecânicos que podem ser utilizados em um PSE.	O militar deverá operar os dispositivos de segurança de um PSE.	Identificar os dispositivos de segurança do PSE.	2.Dispositivos de segurança: - Concertina; - Circuito de vídeo; - Sirenes.
Descrever a sequência para instalação de um PSE.	Apresentado aos militares a sequência para instalação de um PSE.	O militar deverá descrever a sequência para instalação de um PSE e missões do grupo na fase inicial.	Descrever a sequência para instalação de um PSE e ações de cada grupo na fase inicial.	3.Sequência para instalação de um PSE.
Operar um PSE.	Realizar operação de PSE nível Pel em instalação adequada ao efetivo.	O militar deverá executar os rodízios dos grupos do PSE.	Operar um PSE.	4.PSE.

19.OCUPAÇÃO E EMPREGO DE PONTO FORTE			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Compreender o que é Ponto Forte.	Apresentado aos militares o conceito de Ponto Forte.	O militar deverá definir de Ponto Forte.	Definir Ponto Forte.	1.Definição do Ponto Forte.
Identificar as características da ocupação de um Ponto Forte.	Apresentado aos militares à ocupação de um Ponto Forte.	O militar deverá descrever à ocupação de um Ponto Forte.	Descrever a ocupação de um Ponto Forte.	2.Ocupação de um Ponto Forte..
Identificar as medidas de segurança necessárias em Ponto Forte.	Apresentado aos militares as medidas de segurança necessárias em um Ponto Forte.	O militar deverá citar as medidas de segurança para ocupação de um Ponto Forte.	Citar as medidas de segurança para ocupação de um Ponto Forte.	3.Segurança para ocupação de um Ponto Forte.
Compreender o que é uma área de influência de um Ponto Forte.	Apresentado aos militares a definição da área de influência de um Ponto Forte.	O militar deverá identificar a área de influência de um Ponto Forte.	Identificar a área de influência de um Ponto Forte.	4. Área de Influência de um Ponto Forte.
Identificar as técnicas operacionais executadas a partir de um Ponto Forte.	Apresentado aos militares as técnicas operacionais executadas a partir de um Ponto Forte.	O militar deverá citar as técnicas operacionais executadas a partir de um Ponto Forte.	Citar as técnicas operacionais executadas a partir de um Ponto Forte	5.Técnicas operacionais de um Ponto Forte
Executar as técnicas operacionais previstas para um Ponto Forte, após ocupação.	Apresentado aos militares a situação na qual os militares deverão ocupar e operar um Ponto Forte.	O militar deverá ocupar um Ponto Forte dentro da integridade tática e executar as técnicas operacionais previstas.	Ocupar e operar um Ponto Forte.	6.Ocupação de um Ponto Forte.

20. ARMAMENTO, MUNIÇÃO E TIRO			TEMPO ESTIMADO DIURNO:	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Executar o TIA de fuzil constante na IRTAEx.	Execução da sessão para estabelecer alça de combate do militar.	O militar deverá clicar seu fuzil.	Conforme IRTAEx.	Conforme IRTAEx.
Executar as sessões de tiro de fuzil diurno da IRTAEx.	Atirar de colete e capacete balístico.	Padrão mínimo baseado na IRTAEx.	Conforme IRTAEx.	Conforme IRTAEx.
Executar as sessões de tiro de fuzil noturno da IRTAEx.	Atirar de colete e capacete balístico.	Padrão mínimo baseado na IRTAEx.	Conforme IRTAEx.	Conforme IRTAEx.
Executar as sessões de tiro de pistola da IRTAEx.	A sessão será realizada por Sd com CFC, Cb, Sgt e oficiais. Atirar de colete e capacete balístico.	Padrão mínimo baseado na IRTAEx.	Conforme IRTAEx.	Conforme IRTAEx.
Identificar os tipos de munição do lançador de munição menos letal.	Apresentado os tipos de munição do lançador de munição menos letal.	O militar deverá identificar os diferentes tipos de munição do lançador de munição menos letal.	Identificar as munições menos letais do lançador.	Munições menos letal do lançador.
Apresentar o lançador de munição menos letal.	Apresentado o lançador de munição menos letal.	O militar deverá ter conhecimento da técnica de material.	Compreender a técnica do material.	Técnica do material.
Compreender a técnica de emprego do lançador de munição menos letal.	Apresentada a técnica de emprego do lançador de munição menos letal.	O militar deverá ter conhecimento da técnica de emprego.	Compreender a técnica de emprego (capacidade e limitações).	Técnica de emprego.

Executar as sessões de tiro de lançador munição menos letal (AM 600 ou similar) da IRTAEx.	A sessão será realizada por Cb e Sd. Atirar de colete e capacete balístico.	Padrão mínimo baseado na IRTAEx.	Conforme IRTAEx.	Conforme IRTAEx.
Identificar os tipos de munição da espingarda Cal 12.	Apresentado os tipos de munição da espingarda Cal 12.	O militar deverá identificar os diferentes tipos de munição da espingarda Cal 12.	Identificar as munições da espingarda Cal 12.	Munições da espingarda Cal 12.
Apresentar a espingarda Cal 12.	Apresentado da espingarda Cal 12.	O militar deverá ter conhecimento da técnica de material.	Compreender a técnica do material.	Técnica do material.
Compreender a técnica de emprego da espingarda Cal 12.	Apresentado a técnica de emprego da espingarda Cal 12.	O militar deverá ter conhecimento da técnica de emprego.	Compreender a técnica de emprego (capacidade e limitações).	Técnica de emprego
Executar as sessões de espingarda Cal 12. da IRTAEx	A sessão será realizada por Cb e Sd. Atirar de colete e capacete balístico.	Padrão mínimo baseado na IRTAEx.	Conforme IRTAEx.	Conforme IRTAEx.
Apresentar os diversos tipos de espargidor de pimento.	Apresentado os diversos tipos de espargidor de pimento.	O militar deverá ter conhecimento da técnica de material.	Compreender a técnica do material.	Técnica do material.
Compreender a técnica de emprego dos diversos tipos de espargidor de pimento.	Apresentado a técnica de emprego dos diversos tipos de espargidor de pimento.	O militar deverá ter conhecimento da técnica de emprego.	Compreender a técnica de emprego (capacidade e limitações).	Técnica de emprego.

21. OPERAÇÕES DE CERCO, INVESTIMENTO E VASCULHAMENTO			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 12h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar o que são Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.	Apresentado aos militares os conceitos de Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.	O militar deverá conceituar as Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.	Citar os conceitos Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.	1. Definição das Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.
Citar as generalidades da Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.	Apresentado aos militares as generalidades de Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.	O militar deverá citar as generalidades das Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.	Citar as generalidades Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.	2.Generalidades das Op de Cerco, Investimento e Vasculhamento.
Executar uma Op de Cerco.	Execução de Op de Cerco em local e com meios adequados.	Manter a integridade tática, aplicando técnicas de deslocamento a pé e motorizado Realizar revista de pessoal.	Executar um Op de Cerco.	3.Técnicas: a. abordagem; b. revista de pessoal.
Executar uma Op de Investimento.	Execução de Op de Investimento em local e com meios adequados.	Manter a integridade tática, aplicando técnicas de progressão estabelecendo medidas de comando e controle.	Executar uma Op de Investimento.	4.Técnicas: a. progressão em área edificada; b. revista de pessoal.
Executar uma Op de Vasculhamento.	Execução de Op de Investimento em local e com meios adequados.	Manter a integridade tática, aplicando técnicas de entrada e revista de instalação.	Executar uma Op de Vasculhamento.	5. Técnicas: a. entrada tática; b. revista de instalações.

22. TREINAMENTO FÍSICO MILITAR (TFM)			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 2h por dia	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Executar o TFM previsto.	O tempo mínimo destinado ao TFM é de 90 minutos, incluindo aquecimento, trabalho principal, volta a calma e higiene pessoal.	Manter o padrão de desempenho dentro do preconizado pela OM.	De acordo com o OTFM.	Previsto no manual de Treinamento Físico Militar.

23. AMPARO LEGAL PARA AS OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar a atualização jurídica em Op Interagências. Identificar os principais artigos, leis e decretos que respaldam o emprego das Forças Armadas em operações interagências.	Realizar palestra sobre o assunto.	Conhecer a legislação pertinente as operações interagências, conhecendo seus amparos legais.	Definir poder de polícia. Conceituar flagrante delito. Citar as Regras de engajamento de uma operação real. Citar as operações interagências em que a OM participou e suas peculiaridades.	1. Legislação básica de emprego das FFAA. 2. Finalidade das operações interagências.

24. RELAÇÕES COM A MÍDIA			TEMPO ESTIMADO DIURNO:2h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar os impactos dos meios de comunicação nas operações interagências.	Apresentado aos militares dados sobre divulgação de informações que devem proteger à imagem da operação.	O militar deverá identificar as repercussões positivas e negativas da mídia em operações interagências.	- Identificar os interesses da mídia nas operações interagências. - Identificar a repercussão positiva ou negativa em uma ação.	1. Impactos da mídia
Identificar as estratégias com a mídia.	Apresentado aos militares aspectos do trato harmonioso com os meios de comunicação.	O militar deverá citar os procedimentos para estabelecer um relacionamento adequado com os meios de comunicação.	Conhecer as estratégias para se relacionar bem com a mídia.	2. Como se relacionar com a mídia
Descrever os procedimentos a serem adotados pelos militares durante entrevistas	Apresentado aos militares o comportamento adequado na realização de entrevistas simples ou complexas que envolvam a missão.	O militar deverá identificar os procedimentos a serem adotados durante uma entrevista com a mídia.	Descrever os procedimentos em uma entrevista.	3. Como realizar uma entrevista.

25. REGRAS DE ENGAJAMENTO			TEMPO ESTIMADO DIURNO:6h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar as regras de engajamento de uma operação interagência já ocorrida.	Apresentado aos militares o conceito de regras de engajamento.	O militar deverá citar as regras de engajamento de uma operação interagência já ocorrida.	Identificar as regras de engajamento.	1. Definição de regras de engajamento.
Descrever os princípios legais das regras de engajamento.	Apresentado aos militares os princípios legais das regras de engajamento.	O militar deverá descrever os princípios legais das regras de engajamento.	Citar os princípios legais das regras de engajamento.	2. Princípios legais das regras de engajamento.
Identificar a intenção hostil e ato hostil.	Apresentado os militares os conceitos de ato hostil e intenção hostil.	O militar deverá citar o conceito de ato hostil e intenção hostil.	Citar o conceito de ato hostil e intenção hostil.	3. Ato e intenção hostil.
Descrever a situações que permitem o uso de força letal e não letal.	Apresentado aos militares as situações que permitem o uso da força letal e não letal.	O militar deverá citar quais situações que permitem o uso da força letal e não letal.	Descrever as situações que permitam o uso da força não letal. Descrever a situações que permitam o uso da força letal.	4. Uso da força letal e não letal
Citar os procedimentos antes durante e depois do tiro.	Apresentado aos militares os procedimentos antes, durante e depois do tiro.	O militar deverá identificar os procedimentos antes, durante e depois do disparo.	Identificar os procedimentos, antes durante e depois do tiro	5. Procedimentos antes, durante e depois do tiro.
Citar os procedimentos com detidos	Apresentado aos militares os procedimentos com detidos	O militar deverá identificar os procedimentos com detidos.	Citar os procedimentos com detidos.	6. Procedimentos com detidos

Executar uma pista de regras de engajamento	Executar individualmente uma pista de regras de engajamento com figuração.	O militar deverá ter o procedimento acertado para cada situação apresentada na simulação.	Executar a pista de regras de engajamentos com aproveitamento.	7. Pista de regras de engajamento.
---	--	---	--	------------------------------------

26. PLANO DE CHAMADA			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Participar das atividades previstas no plano de chamada.	Acionar o plano de chamada, fora do horário do expediente.	Proceder de acordo com à NGA da SU.	Comparecer ao aquartelamento, dentro do tempo previsto, quando acionado o plano de chama.	1. Plano de chamada.

27. APRESTAMENTO DO PESSOAL E MATERIAL DA SU			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Executar o aprestamento do pessoal e material.	Acionada uma situação extraordinária durante o expediente, a SU deverá preparar-se para responder a situação.	Executar o aprestamento do pessoal e material no tempo inferior a 4 horas.	Descrever as NGA de pronto operacional.	1. Pronto operacional.

28. CULTURA NAS OPERAÇÕES INTERAGÊNCIAS			TEMPO ESTIMADO DIURNO:2h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar a importância das diferenças culturais.	Palestra sobre a cultura da população onde o emprego da tropa é mais provável.	O militar deverá compreender a população do ambiente operacional.	Compreender a cultura da população.	Cultura em diferentes ambientes operacionais.

29. PREVENÇÃO E COMBATE AO TERRORISMO			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar o conceito de ameaça terrorista.	Apresentado o conceito de ameaça terrorista.	O militar deverá melhorar a percepção de ameaça terrorista.	Identificar uma possível ameaça terrorista.	1. Ameaça terrorista.
Identificar o conceito de equipe de extração em uma ação terrorista.	Apresentado o conceito de equipe de extração em uma ação terrorista.	O militar deverá citar os procedimentos da equipe de extração.	Identificar os procedimentos de uma equipe extração	2. Equipe de extração
Executar uma ação compondo uma equipe de extração.	Executar uma ação simulada de apoio a elementos de operações especiais que executam uma ação contra terrorista.	O militar deverá participar da equipe de extração dentro da integridade tática, compreendo sua missão e qual equipamento a conduzir.	Compreender a missão da equipe de extração.	3. Prática de uma ação como equipe de extração.

30. COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS			TEMPO ESTIMADO DIURNO:16h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar os <i>modus operandi</i> das principais agências com as quais a OM opera.	Identificado por meio de palestra com integrante das principais agências nas operações interagências com a OM.	O militar deverá compreender a instituição e como ela opera.	Identificar o <i>modus operandi</i> Conhecer a instituição.	1. <i>Modus Operandi</i> .
Identificar as capacidades, limitações e melhores práticas das agências com as quais a OM opera.	Identificado por meio de palestra com integrantes das principais agências nas operações interagências com a OM.	O militar deverá compreender as capacidades, limitações e melhores práticas da instituição.	Identificar as capacidades, limitações e melhores práticas.	2. Capacidades, limitações e melhores práticas.

31. INTELIGÊNCIA			TEMPO ESTIMADO DIURNO:2h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar o conceito de Elementos Essenciais de Inteligência.	Apresentado o conceito de Elementos Essenciais de Inteligência.	O militar deverá ser capaz de buscar respostas aos Elementos Essenciais de Inteligência nas operações	Identificar o conceito de Elementos Essenciais de Inteligência.	1. Elementos Essenciais de Inteligência.
Buscar ser um sensor de inteligência.	Apresentado por meio de palestra a importância do Cb e Sd ser um sensor de inteligência no nível tático.	O militar deverá ser capaz de levantar informações que sejam relevantes nas operações futuras.	Compreender a importância do sensor de inteligência.	2. Sensor de inteligência.

32. OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS			TEMPO ESTIMADO DIURNO:2h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar o conceito de operações psicológicas.	Apresentado por meio de palestra a cerca de ações psicológicas diretas.	O militar deverá identificar o que são ações psicológicas diretas e compreender sua importância.	Identificar o conceito de operações psicológicas e ações psicológicas diretas	1. Operações psicológicas. 2. Ações psicológicas diretas.
Compreender a finalidade do vetor de ações psicológicas diretas.	Compreendido por meio de palestra a cerca do papel do vetor de ações psicológicas diretas.	O militar deverá compreender que pode atuar como vetor de ações psicológicas diretas em detrimento de ações militares.	Compreender a importância do vetor de ações psicológicas diretas.	3. Vetor de ações psicológicas diretas.

33. COMUNICAÇÃO SOCIAL			TEMPO ESTIMADO DIURNO:2h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Conhecer a finalidade e a importância da Com Soc nas operações interagências.	Apresentado uma palestra sobre a Com Soc, utilizando exemplos de sucesso e fracasso.	O militar deverá verificar a importância da Com Soc nas operações interagências, principalmente na imagem da instituição.	Descrever a finalidade da Com Soc nas operações interagências.	1. Comunicação social. 2. Preservação da Imagem da Instituição.

34. NOÇÕES DE DIREITO			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 8h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar os procedimentos com presos e detidos.	Apresentado por meio palestra com pessoa com notório saber (policia civil ou militar).	O militar deverá compreender os procedimentos com presos e detidos.	Identificar os procedimentos com presos e detidos.	1. Presos e detidos.
Identificar os procedimentos com mulheres.	Apresentado por meio palestra com pessoa com notório saber (policia civil ou militar).	O militar deverá compreender os procedimentos com mulheres.	Identificar os procedimentos com mulheres.	2. Mulheres.
Identificar o procedimento com menores de idade.	Apresentado por meio palestra com pessoa com notório saber (policia civil ou militar).	O militar deverá compreender os procedimentos com menores de idade.	Identificar os procedimentos com menores de idade.	3. Menores de idade.
Identificar as melhores práticas e ensinamentos colhidos nas operações anteriores.	Apresentado por meio palestra com militares experimentados em operações interagências.	O militar deverá compreender as melhores práticas.	Identificar as melhores práticas.	4. Melhores Práticas 5. Ensinamentos colhidos

35. ORDEM DE OPERAÇÕES			TEMPO ESTIMADO DIURNO:4h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Interpretar corretamente uma ordem de operações do batalhão.	Os Of e Sgt da SU deverão estudar uma ordem operações do Btl em uma operação interagências.	O militar deverá compreender a ordem de operações do batalhão com ênfase na intenção do comandante.	Compreender a ordem de operações em seu nível.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Composição dos meios. 2. Forças Amigas. 3. Missão e intenção do comandante. 4. Execução. 5. Logística.

36. NAVEGAÇÃO E GEORREFENCIAMENTO			TEMPO ESTIMADO DIURNO:2h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Identificar os principais programas de navegação e georreferenciamento usados nas operações interagência.	Identificado, para os oficiais e sargentos, os principais programas de navegação e georreferenciamento.	O militar deverá identificar os principais programas de navegação e georreferenciamento.	Identificar os principais programas de navegação e georreferenciamento Identificar as capacidades e limitações dos programas.	Navegação e Georreferenciamento.

